

Em ambiente de quase confronto institucional

Eanes e Balsemão reunidos em Belém

Um Balsemão «hipotecado», através das Finanças de Morais Leitão, ao CDS, e preocupado com a demissão de Mário Raposo, um dos quatro vice-presidentes do PSD, na sequência da reunião de ontem à noite da Comissão Política do partido, esteve hoje reunido com Eanes.

Na agenda, inevitavelmente, a discussão em torno da Lei dos Sectores, que afinal espera pelo CR até amanhã, porque a anunciada reunião de ontem foi cancelada à última hora, mas também o «pacote» que Morais Leitão deverá anunciar amanhã, e que inclui novo aumento dos combustíveis (a gasolina super, por exemplo, deverá subir para 52\$50). O Governo esteve também reunido de manhã, a ultimar o texto que o ministro das Finanças deverá ler anunciando os novos agravamentos de preços, e que é «muito in-



Um outro «calor» sobe em Lisboa

- Morais Leitão anuncia amanhã aumento dos combustíveis e novos agravamentos de preços
- Mário Raposo demite-se de vice-presidente do PSD
- «O Tempo» descreve pormenorizadamente reunião do CR que não se efectuou
- Cimeira da AD reúne amanhã por pressão do CDS

fluenciado» pelo Banco Mundial.

O jogo das fugas de Informação e das respostas institucionais que provocam continuava, entretanto, em grande força, esta manhã: o «caso» mais notável é o de uma notícia de primeira página do semanário «O Tempo», na qual se descreve com abundantes pormenores a «reunião de ontem do Conselho da Revolução», reunião que, como se sabe, não teve lugar. O semanário de Nuno Rocha afirma que o Presidente da República defendeu, durante a reunião, a nova versão da Lei dos Sectores, no que foi seguido por alguns conselheiros que antes se lhe tinham oposto!

Amanhã, e novamente provocada mais pelo CDS do que pelo PSD, reunem-se em Lisboa a cimeira dos líderes da «nova maioria».

Págs. 4 e 24



Mário Murteira
colaborador permanente do «DL»

Mário Murteira passa, a partir de hoje, a colaborar de forma permanente no «Diário de Lisboa»: uma vez por semana, à quinta-feira, a palavra estará com ele nas nossas páginas de Economia. Hoje, na pág. 11, Mário Murteira escreve sobre a «pequena» crise económica portuguesa no contexto da «grande» crise económica internacional.

Hoje:
Ler/Escriver

O nosso suplemento literário «Ler/Escriver» publica hoje numerosa informação literária e editorial, bem como variada colaboração, nomeadamente: Maria Ondina Braga («Carson, a Eterna Criança»); Maria Judite de Carvalho («Sonho»); Freddy Artiles («Um Dramaturgo Chamado José Martí»); Blaise Centrais («Uma Certa Fração da Noite»); Jacqueline Platier («Uma Mistificação Literária»); Urbano Tavares Rodrigues («Uma Comunicação ao Congresso dos Escritores Soviéticos»), etc., e ainda um soneto inédito de Pedro Alvim, o soneto «Nossa Senhora da Unidade».



Cinco distritos lutam contra incêndios

Um morto, ferimentos e intoxicações sobretudo em bombeiros, extensas áreas florestais devastadas, habitações destruídas, prejuízos ainda não avaliados mas que se sabe serem de grande monta, eis o balanço precário da onda de incêndios que tem lavrado nos últimos dias pelo País, com especial incidência nos distritos de Leiria, Santarém, Porto, Viana do Castelo e Viseu. A origem de alguns destes fogos, agravados pelo calor e pelo vento que se tem registado por todo o território continental, é — segundo a opinião de responsáveis — de origem criminosa. Ontem, no bairro degradado do Casal Ventoso, um incêndio destruiu duas habitações geminadas, causando ferimentos numa criança de três anos e deixando sem casa cerca de três dezenas de pessoas, cujo desespero se pode avaliar pela expressão de uma delas, bem patente nesta foto.

Pág. 7

Concurso «DL»/81

Ainda pode concorrer

CONTINUA A REPETIÇÃO
DOS CUPÕES DA 2.ª SÉRIE

Hoje n.ºs 26 e 27

Pub.

PASSE FÉRIAS EM CASA PRÓPRIA NO ALGARVE

DESDE 185.000\$00

SEJA COMPROPRIETÁRIO

DUMA MORADIA MOBILADA

Na Praia do Carvoeiro (a 6 kms de Portimão) Céula VII do Aldeamento de Almanzor, a 90 m. do mar
Prontas a habitar e com escritura notarial da compra
Informações "espaço férias" apartado 1.408 1012 LISBOA CODEX

comunicação social

Jornalistas: assembleia com "carácter de urgência"

Os jornalistas irão reunir-se na próxima terça-feira, pelas 20 horas, na sede do seu Sindicato (Rua Duques de Bragança, 7-2.º, em Lisboa) com o seguinte ponto único da ordem de trabalhos: discussão da proposta de revisão do Contrato Colectivo de

Trabalho. No Norte, a assembleia funcionará à mesma hora, com idêntica ordem de trabalhos, na delegação do Porto (Rua Conde Ferreira, 168). A reunião foi convocada com «carácter de urgência» por Manuel de Azevedo, presidente da As-

sembleia Geral do sindicato.

RTP: ofício a Proença

Aprovar uma resposta referente ao pluralismo na RTP, bem como constituir um grupo de tra-

balho para estudar e definir os critérios de análises de atribuição dos tempos de antena naquela emissora pública foram duas das deliberações ontem tomadas durante a reunião do Conselho de Informação para a RTP.

Homenageada a Direcção cessante do Sindicato dos Jornalistas

Carlos Cáceres Monteiro, presidente da direcção do Sindicato dos Jornalistas nos últimos quatro anos, foi ontem à noite homenageado por dezenas de camaradas de profissão que, na sua pessoa, homenagearam todos os membros dos corpos gerentes do SJ desse período.

No final do jantar, que decorreu num restaurante de Lisboa, falaram Silva Costa, que enalteceu as qualidades de Cáceres Monteiro, nomeadamente a sua capacidade de diálogo e o seu labor em prol da dignificação da classe, o que foi conseguido: Manuel de Azevedo presidente da Assembleia Geral dos actuais corpos gerentes do SJ, que mais uma vez apelou para a necessi-

dade de a classe se unir em torno de objectivos profissionais: José Carlos Vasconcelos, que lembrou a viragem verificada e a dignidade conquistada no tempo do fascismo, com a entrada de Silva Costa para a direcção do Sindicato, fez um pequeno apinhado do que foi a actividade, positiva, dos últimos quatro anos do SJ, sem esquecer algumas deficiências, e falou um pouco do que se espera no futuro imediato; Maria Antónia Fiadeiro, em nome das mulheres jornalistas; Cesário Borge, que, em «nome das bases» falou também da unidade necessária; e Carlos Cáceres Monteiro, que deixou bem claro entender aquela ho-

menagem como o reconhecimento do trabalho colectivo dos corpos gerentes dos últimos quatro anos.

Neste encontro de amizade e festa dos jornalistas portugueses — como foi considerado o jantar de ontem — registaram-se ainda dois momentos de particular significado: Manuel de Azevedo trocou um longo e apertado abraço com José Mensurado, que havia sido candidato à presidência da Assembleia Geral do SJ e pela lista A, que perdeu as eleições e Eugénio Alves, vice-presidente da direcção do SJ anunciou que em breve irá ser prestada homenagem aos 40 anos de actividade contínua e esforçada da responsável pelos

serviços do Sindicato, D. Wanda. À volta de D. Wanda, figura que todos os jornalistas deste país admiram e respeitam, poderemos juntar muitos e muitos camaradas de profissão. Pela justiça da homenagem e pela necessidade de, cada vez mais, nos sentarmos à mesma mesa, a direcção do nosso sindicato vai tomar essa iniciativa.

De pé, os jornalistas presentes ovacionaram D. Wanda.

No jantar de ontem estiveram presentes o juiz desembargador Mendonça Torres, presidente do Conselho de Imprensa e o presidente do Sindicato das Telecomunicações.

ELEIÇÕES NA ADFA O ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO

«Os jornais «o diário» e «Diário de Lisboa», nas suas edições de 15 de Julho, publicaram extensos artigos de propaganda de uma das listas candidatas aos Órgãos Sociais Centrais da Associação dos Deficientes das Forças Armadas nas eleições a realizar no próximo dia 18 de Julho.

Nunca estes jornais dispensaram tanto espaço à ADFA para divulgarem as suas actividades como agora no apoio a uma das listas.

As referidas notícias, nas acusações à actual Direcção da ADFA serão absolutamente verdadeiras se lidas ao contrário. Isto é, tal como são apresentadas, são absolutamente falsas.

Tem sido, felizmente, muito intensa a actual campanha eleitoral na ADFA a nível interno. Mas já que a campanha veio a público, a lista «A», proposta pelos actuais Órgãos Sociais Centrais da ADFA, sente-se na necessidade de esclarecer publicamente algumas questões fundamentais. Torna-se necessário referir alguns porquês das deturpações da realidade apresentadas:

1. Por detrás da lista «B» está, como tem estado sempre, um esquema partidário que não tem coragem de se apresentar frontalmente aos sócios.

Temos defendido que a ADFA não deve ser controlada partidariamente, porque os Deficientes têm capacidade suficiente de, por si só, orientarem a sua Associação. A favor desta ideia está a generalidade da massa associativa como o têm comprovado as últimas actividades e o comprovarão estas eleições.

2. A lista «B» não pretende o esclarecimento directo dos sócios e tem vindo a agir à revelia da Comissão Eleitoral, através de sócios menos escrupulosos que, dentro da Associação, à frente dos interesses associativos colocam os interesses partidários. A falta de esclarecimento e o caciquismo são hoje métodos utilizados pela lista «B» na ADFA que nos fazem lembrar outros não diferentes utilizados no tempo do fascismo. Neste comportamento vemos a negação do associativismo, porque a ADFA existe essencialmente para possibilitar o desenvolvimento da consciência dos deficientes a fim de colectivamente melhor saberem defender os seus direitos.

3. Causa grande confusão à lista «B» mais ao esquema estranho à ADFA a que está ligada não ser capaz, de há um ano a esta parte, controlar a ADFA (foi expulsa da Direcção da ADFA pelos sócios em Abril de 1980), tanto mais que o movimento associativo que rejeita esse controlo não tem quaisquer forças partidárias, nem pretende, a apolá-lo. A recente história da ADFA neste domínio constitui motivo de orgulho e é uma prova do alto grau de consciência e maturidade dos deficientes das Forças Armadas congregados na sua Associação.

4. Causa grande confusão ao mesmo esquema o facto de a ADFA, no último ano, ter forçado de forma enérgica, o Governo ao diálogo, como o revelou a grande manifestação de 15 de Maio. Manifestação de que alguém não gostou porque não conseguiu fazer dela um instrumento político, pretendendo agora ignorá-la.

5. Causa grande confusão às mesmas pessoas que o 2.º Congresso Nacional da ADFA, de Maio último, tivesse optado pelas soluções associativas, rejeitando as partidárias, apesar das manobras inqualificáveis que afastaram a maior parte dos quadros da ADFA e os próprios membros da actual Direcção do Congresso. E ainda apesar de coagirem vários sócios a votar contra a sua vontade.

6. Causa grande estranheza à mesma força que a actual Direcção tenha sido recebida pelo Presidente da República e dialogue com o Governo, numa base de isenção, como Conselho da Revolução e com os Grupos Parlamentares da Assembleia da República, numa acção simultaneamente de diálogo e exigência reivindicativa que já está a dar frutos.

7. Não será desta vez que a ADFA voltará novamente a ser controlada partidariamente, apesar de toda uma poderosa máquina exterior estar empenhada na campanha, desde a utilização de militantes não sócios até à acção persuasiva directa de membros dessa força que ocupam cargos na Administração Pública e deles se servem para influenciar e pressionar os sócios da ADFA.

Sabemos que a ADFA é um grande trunfo político e por isso muito cobiçado. Mas, por isso mesmo, a força desse trunfo será utilizada exclusivamente para defender os direitos dos deficientes e não esquemas partidários com os quais estes poderão ter a ver apenas como cidadãos e não como sócios da Associação.

A lista «A», continuando o trabalho dos actuais Órgãos Sociais Centrais, garantirá uma ADFA forte e independente capaz de defender intransigentemente os interesses dos deficientes e merecer o apoio e carinho que o povo português lhe dispensa.

A LISTA «A»

ALGARVE

TERRENOS RÚSTICOS
Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz.
Desde 80 000\$00.
Telefone 364651
(das 17 às 21 horas)

S.  R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1693, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Lagoa, de uma linha aérea a 15 kV com 225 metros, do poste n.º 4 da linha para o P.T. de Algar Seco, ao posto de transformação de Aldeia das Chaminés.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 7 de Julho de 1981.

O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot
Larcher Nunes

Consulte as secções

de informações

 Caminhos de Ferro Portugueses



Envie as colecções até 20 de Agosto

Chegado o termo da publicação das duas séries do nosso concurso o leitor que nos tiver acompanhado, diariamente, terá em seu poder sessenta cupões, permitindo fazer duas colecções completas (cada uma tem de conter 30 cupões de qualquer das séries mas numeradas de 1 a 30). Foram, também, publicados vários boletins de identificação.

O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope. Pedimos-lhe que leia as indicações que a seguir fornecemos, esperamos que o concurso lhe tenha agradado, e desejamos-lhe boa sorte!

● PARA SE HABILITAR AO SORTEIO o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das duas séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido (com a morada correctamente indicada), e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 8\$50. Se não enviar o selo, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio: acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio;

● QUANTO AO ENVIO o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope, e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 8\$50 no caso de desejar a devolução do talão recibo;

● O PRAZO DE ENVIO termina em 20 de Agosto de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;

CONCURSO DL

OS NÚMEROS ATRASADOS PODERÃO SER ADQUIRIDOS NA RUA LUZ SORIANO 17
HORÁRIO 09.30 ÀS 18.00
ABERTO À HORA DO ALMOÇO

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Gratificações simbólicas e imaginário social

Os alegres piqueniques do filósofo Paul Veyne

Latinista, historiador, filósofo, Paul Veyne professor no Colégio de França, considera-se um participante de piqueniques intelectuais, que investiga as ideias, seguindo a sua intuição e o seu prazer. Quem julga ter encontrado a «explicação» da história, esqueceu simplesmente que o mundo é irracional.

Latinista, historiador apaixonado pela filosofia, Paul Veyne professor no Colégio de França, gosta dos piqueniques teóricos que interrogam os aspectos esquecidos da política antiga. A sua extensa obra «O pão e o circo» (Seuil) punha em causa a distribuição de pão e de circo ao povo. Apaixonado pelas gratificações simbólicas, pela imaginária social, Veyne mergulha sem ideias preconcebidas, no coração dos continentes esquecidos pelos grandes sistemas. Assim, o seu artigo «A família e o amor no Alto Império Romano» que publicou na revista «les Annales», em 1978, fez escândalo. Mas descrever o amor, a sexualidade, sem fazer uso da aparelhagem psicanalítica, descrever a liberdade dos costumes da aristocracia do Alto Império, é analisar condutas que têm uma vida mais longa que as economias, as sociedades, as religiões.

— Sendo latinista, como chegou a historiador?

Em criança, descobri numa colina da Provença um pedaço de ânfora romana. Olhei o objecto como se fosse um aerólito vindo dum mundo radicalmente estranho, desaparecido. O universo romano é para mim um mundo selvagem no sentido de Lévi-Strauss, um mundo de extraterrestres, muito afastado de nós. Em Salambô vêem-se seres tão diferentes de nós como se fossem insectos ou marcianos. Em resumo, os romanos são — nos mais estranhos, fazem-nos sair de nós próprios, abalam as nossas certezas.

— V. cita muitas vezes os filósofos.

De que modo marcam o seu trabalho?

— Hesitei muito tempo entre a filosofia e a história. Senti sempre prazer em conviver com filósofos, essas pessoas que considerava muito mais inteligentes que eu. E, depois, para nos relacionarmos com civilizações estranhas, é melhor discutir com as pessoas que por ofício fabricam ideias bizarras. O sociólogo Max Weber, ensinou-me e para nos debruçarmos sobre uma sociedade é preciso fazê-lo sem simpatia e sem antipatia.

Investigar a história é dardmo-nos os meios do recuo absoluto, tentar ter acesso ao que é estranho.

— Max Weber construiu a noção do ideal tipo. Ele não acredita numa racionalidade seca, única, verdadeira e razoável. Aplica um método que permite a distância relativamente aos gostos e às cores.

— É fundamental. Ele dá-nos os meios para explicar o que os homens sentiram, inventaram, pensaram. É essencial explicar sem ter um discurso normativo. Se falamos do nosso próximo ou fazemos grandes arengas e o julgamos ou o descrevemos como alguém que nos é estranho, sabendo que nós também o somos. O historiador deve ter-se como alguém singular, tal como o entomologista deve saber que é também um insecto.

Escravidão

— Na antiguidade, encontramos imediatamente com a escravidão. Agora julgamo-la estrepitosamente, enquanto que, na Antiguidade, o trabalho servil surgia apenas como um meio de produzir riqueza. Não julga a escravidão.

— A escravidão causa-me um sentimento de violento horror. Só deparei com um equivalente quando, em 1953, viajei pela África do Norte. Descobri então o horror do racismo, a coexistência desigualitária. Em 1954, tive um sentimento de alívio quando me chegou a notícia da insurreição da Argélia. Mas tentar compreender a escravidão antiga é recusar explicar com auxílio de esquemas. Acreditamos muitas vezes que a escravidão é um modo de produção, que a humanidade se orienta pelo modo como procura alimentar-se e nós tentamos explicar a escravidão a partir daí. Ora esse raciocínio leva-nos a falsas categorias.

«Persuadimo-nos que a escravidão corresponde a razões materiais, que os patrões faziam trabalhar os escravos como se fariam trabalhar um proletariado antigo. Ora este esquema dominante é falso. Pois a escravidão pertence a uma relação na qual o interesse económico não é primordial. Para tentar compreender isto pense numa padeira que injúria um imigrante. Também aí a explicação económica não é determinante. Deve-se tentar compreender a escravidão como uma relação desigualitária que não é unicamente determinada pela economia. Na Antiguidade o termo escravo, é um termo jurídico abstracto. Exactamente como o assalariado de hoje não quer dizer nada. O Romano da República é como o OS na Renault, um assalariado. A escravidão é algo de tão vago como isso.

— Há escravos que são até banqueiros!

— Pois. Pode-se — grosseiramente — distinguir pelo menos quatro tipos de escravos. Alguns são trabalhadores que exploram em grupo os grandes domínios, outros são criados. Depois temos os funcionários. Pense que na Antiguidade, os funcionários que hoje distribuem o nosso correio, seriam escravos. Finalmente, alguns escravos são homens de confiança; poderiam ter cargos de responsáveis ou ser primeiros-ministros. Riche-lieu ou Mazarin teriam sido escravos na Antiguidade. A escravidão é uma relação jurídica polivalente. Reflecte de facto desigualdades terríveis mas essas desigualdades, no próprio seio da escravidão, não reflectem apenas a desigualdade económica.

Basta pensar que a diferença entre plebeu e nobre, ou entre negros e brancos nos Estados Unidos, não tem apenas a ver com desigualdades económicas. Certos escravos eram muito ricos, eles próprios possuíam escravos. O primeiro-ministro de Cláudio, Pallas, que era filho de um rei da Arcádia, foi durante mais de dez anos a personagem mais poderosa do Império. Ao vender-se como escravo, pode tornar-se funcionário.

— Na Antiguidade, a escravidão surge como um estadião do mundo. Ninguém a põe verdadeiramente em questão. Mesmo São Paulo não se lhe opõe, exige apenas que se seja bom com os escravos. Mesmo depois de se converter ao cristianismo, o Império não aboliu a escravidão.

— De facto, o cristianismo não aboliu a escravidão. Mais: nem sequer pensa nisso. A escravidão é aceite por todos. Ninguém quer abolir como ninguém hoje quer abolir a justiça, mas apenas melhorá-la. Mas muitas coisas que hoje nos parecem naturais, amanhã parecer-nos-ão escandalosas.

Prestígio

— Até 1945 o facto de muitas mulheres não votarem não causava escândalo.

— Poder-se-ia multiplicar os

exemplos. No século XVIII, querer suprimir a tortura parecia quimérico. Talvez que dentro de um século o voto das crianças — que está hoje a implantar-se nas sociedades escandinavas — pareça qualquer coisa de natural. Mas não confundamos o que é, o que deveria ser e o que é possível. Não há racionalidade da história. Apenas encontramos «inventividade».

— O real, que Hegel descrevia como racional, não parece de modo nenhum racional.

— A «inventividade» da história não é de modo algum o pôr em prática uma ordem pré-estabelecida. É por isso que não podemos prever um sentido da história. Sabe-se somente que não podemos prever o que parecerá escandaloso dentro de dois séculos.

— Pode-se então concluir das suas afirmações que as pessoas não agem essencialmente por motivações económicas, mas por aquilo que o sociólogo Passeron chama a defesa do seu «Beefsteak simbólico».

— Não nos demos ao ridículo de construir racionalidades prospectivas. Não confundamos os nossos desejos e as nossas razões. Como sabe, a noção de vanguarda serve muitas vezes para defender relações de camaradagem. Eu gostaria que se tomassem as ideias como temas alegres, como ideias de piquenique, que não se condenasse a priori todas as outras investigações em nome da nossa vontade de poder.

— Voltemos a Roma. Em «O pão e o circo» V. descreve o «energetismo», como o facto de os edifícios públicos, os canais, serem oferecidos pelos cidadãos à sua cidade. Por essas ofertas ficava-se marcado como poderoso.

— O mecenato «substitui» o imposto na Antiguidade. As pessoas chegarão à ruína para manter o seu prestígio. Supunhamos que os burgueses actuais convidam os operários todas as noites para um aperitivo à sua custa e que constroem, também à sua custa, a barragem ou o campo de futebol da sua cidade. Essas despesas promovem as pessoas a notáveis, dão-lhes prestígio. Essa estrutura permanece muito para além do grande período da escravidão. Na história romana vemos que as pessoas a tudo se dispõem para comprar prestígio. Os desejos das pessoas não arruinam apenas os seus interesses materiais: muitos dispõem-se frequentemente a deixar-se matar por questões abstractas, para se distinguirem. O snobismo — esse termo infeliz — é uma palavra branda que se inventa para não se confessar que há interesses mais poderosos que os interesses económicos.

— Nietzsche diz que as guerras de amanhã serão filosóficas, que porão em confronto pessoas que querem dominar no campo das ideias.

— Repare nas guerras religiosas. Se quer aí meter alguma coisa, não vá buscar a economia; ou pode observar um partido comunista no poder. Os dirigentes têm, é claro, lojas reservadas, mas antes de mais querem mandar. As querelas teológicas do início do cristianismo remontam a esse gosto pelo poder. E, depois, muitos outros exemplos se poderiam encontrar. Assim, na véspera da revolução, toda uma parte da nobreza é favorável — contra os seus desejos e por desejo de brilhar — às ideias enciclopédicas que a irão arruinar. A nobreza distingue-se por ideias de vanguarda.

Serviço exclusivo Le Monde
Diário de Lisboa

— Durante a queda do Império Romano, as querelas teológicas atingem uma intensidade inaudita. De resto, Roma é tomada por «bárbaros romanos» que são arianos. Mas, se por um lado, as querelas teológicas atingem uma tão grande complexidade, como vivem as massas esses jogos?

— Nos séculos quarto e quinto, as pessoas defrontam-se através de problemas teológicos. Para alguns, os teólogos de profissão, estas querelas são fortemente investidas. Poder-se-ia, para compreender este exemplo, pensar no marxismo. Um homem como Lukacs acreditava no marxismo e não fazia isso simplesmente para defender o seu poder. Mas, a par disso, o comissário do povo para a cultura, defendia sob o nome de filosofia, o direito de reinar no domínio das ideias. Esta heterogeneidade é também antiga. Quando Jdanov se bate contra a vanguarda de Chostakovitch, defende o seu direito de ditar a lei na música. Na Antiguidade, o bispo defende o seu direito de mandar e, em certos aspectos, os teólogos, ao inventarem ideias, defendem-se também contra os poderosos do momento. Através destes combates de ideias, não devemos já acreditar que as ideias reflectem a economia. Ao avançar deste modo, projectamos por todo o lado o facto de que o rico do século dezanove — que se batia pelo liberalismo económico — defendia o dinheiro que desse modo encontrava.

Prazer

— Escreveu nos «Anais»: «A família, o amor, no Alto Império Romano». Este artigo trata uma modificação sexual entre a época de Cícero e o século dos Antónios. Descreve um acontecimento ignorado, uma metamorfose das relações sexuais e conjugais. Ter-se-ia passado de uma bissexualidade de guerreiro a uma sexualidade de reprodução.

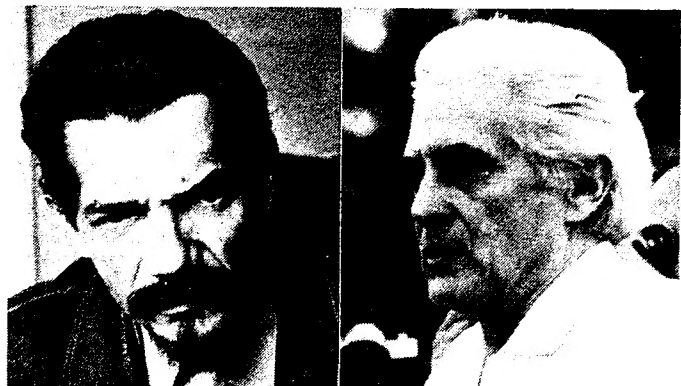
— O que eu descrevo é que não há sentimentos eternos. Antes do cristianismo, o essencial é ser um macho activo; permite-se o prazer mais livre. As relações conjugais devem certamente dar filhos ao Estado, mas essa esfera não é decisiva. Fora do casamento, faz-se o que se quer. Não seria preciso procurar longe para encontrar isto hoje no Islão ou no Japão. Em seguida, vai-se passar ao mundo das virtudes conjugais, em que se tem de ser bom esposo. Onde vem esta transformação? Nesta modificação sexual vemos que se passa de uma sociedade de cidadãos para uma sociedade de súbditos, submetidos e virtuosos. O Alto Império deixa os seus soldados andar pelas tabernas sem se preocupar com a sua moralidade. Posteriormente o poder vai querer controlar a moralidade das pessoas, como penhor da sua obediência. A partir do ano 200, o imperador pretende um poder mais moralizado, mais interiorizado. Depois, o cristianismo vai querer o «bem» das pessoas. É claro que quando se diz isto, diz-se que se quer controlá-los e isso vai multiplicar os fenómenos de «moralidade» pré-cristã.

— O estoicismo vai também desempenhar um papel nessas transformações.

— Sem dúvida, mas é difícil traçar distâncias. Em geral, os historiadores atribuem um poder de

Continua na pág. 4

ponto a ponto



● Correspondendo a um convite do Partido Comunista Português, uma delegação oficial do MPLA/Partido do Trabalho, chefiada por **Lúcio Lara**, deverá chegar a Lisboa no próximo dia 25 para uma visita ao nosso país. A delegação angolana terá conversações com uma representação do PCP dirigida por **Álvaro Cunhal** e terá ainda oportunidade de contactar directamente com a actividade daquele partido e também com os diferentes aspectos da realidade portuguesa. Integrado no programa desta visita, realizar-se-á no dia 28 às 21.30, no Pavilhão dos Desportos, um «Comício de Amizade» com intervenções de Lúcio Lara e Álvaro Cunhal.

● Espanha e Portugal vão firmar um convénio-marco de cooperação em matéria industrial, energética e tecnológica no próximo Outono, segundo notícias de Madrid, veiculadas pela agência France Presse.

As bases deste acordo foram definidas na recente visita do ministro espanhol da Indústria, Félix Bayon, a Lisboa. Este último voltará à capital portuguesa para ultimar o citado convénio.

No plano energético, é contemplada a cooperação no estabelecimento de fórmulas de participação nos programas nucleares de ambos os países, bem como na electrificação rural.

No campo industrial, tentar-se-á desenvolver os sectores de bens de equipamento, indústria naval e siderurgia.



● O **Presidente da República** visita oficialmente, no próximo sábado, o concelho de Paredes, a convite da respectiva Câmara Municipal. Ramalho Eanes e mulher chegarão cerca das 11.45 ao limite do concelho, onde receberão os cumprimentos das autoridades locais. Depois de uma sessão de boas-vindas no edifício da Câmara, haverá um almoço no quartel dos Bombeiros Voluntários da Rebordosa. Consta ainda do programa da visita presidencial uma deslocação a uma unidade fabril, a assistência a um desfile das cinco corporações de bombeiros do concelho, uma visita às obras do pavilhão gimnodesportivo e à escola secundária e finalmente um jantar oferecido pelo presidente do município. Antes de regressar a Lisboa, o Presidente Eanes assistirá ao Festival Internacional de Folclore.

● O almirante Coutinho Lanhoso deverá ser nomeado, ainda este mês, comandante naval dos Açores, soube-se de fonte militar, em Ponta Delgada.

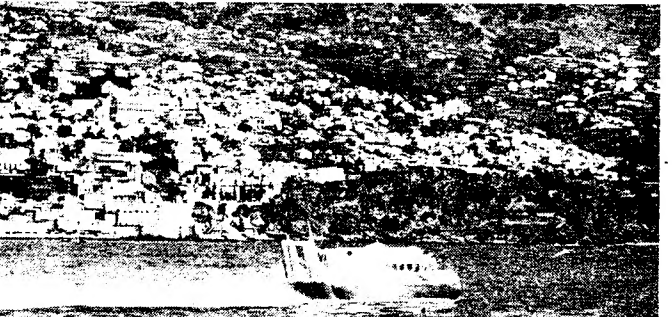
Substituirá o vice-presidente Gabor Patkoczy, que terça-feira foi empossado no cargo de superintendente dos serviços da Armada.

O capitão de mar-e-guerra Almeida Carvalho, que desde o ano passado desempenhava as funções de segundo comandante naval dos Açores regressa este mês a Lisboa — adiantando a mesma fonte.

Almeida Carvalho, que presentemente desempenha o cargo de comandante naval interino, será substituído pelo comandante Lima Martins, da Escola Naval.

● O brigadeiro Ramos Lopes, assume em Outubro as funções de comandante aéreo dos Açores, sediado na Base das Lajes da Terceira.

O actual chefe de gabinete do general Lemos Ferreira substituirá o brigadeiro Moura de Carvalho, que desempenha aquele cargo há cerca de dois anos.



● O Partido Socialista, segundo uma nota do seu gabinete de imprensa divulgada ontem, «repudia e lamenta as declarações proferidas no **Funchal** pelo porta-voz do CDS, Ribeiro e Castro, segundo as quais os socialistas seriam os responsáveis pelo atraso na definição das principais linhas de revisão constitucional.

«A direcção nacional do Partido Socialista e o seu grupo parlamentar na Assembleia da República têm dedicado a maior atenção à problemática em causa e os representantes socialistas têm dado um contributo útil e empenhado à competente comissão parlamentar que agora inicia a sua actividade. «As declarações do sr. Ribeiro e Castro não podem, por isso, deixar de ser interpretadas senão como uma tentativa para prejudicar o bom andamento dos trabalhos da revisão constitucional na Assembleia da República e para colocar a abordagem de tão importante problema no plano demagógico das pressões e coacções intoleráveis em democracia».

● O PSD admite relações com a UNITA, ou com outras organizações e partidos «dissidentes» dos países africanos de expressão portuguesa. Esta afirmação, entre muitas outras relacionadas com «política externa numa perspectiva social-democrata», foi proferida na passada sexta-feira, no Porto, por António Maria Pereira, membro da Comissão de Relações Internacionais do PSD. Aludindo ainda à criação da «Internacional Reformista» concebida por Sá Carneiro, António Maria Pereira observou que esse projecto seria muito facilitado se a pasta dos Negócios Estrangeiros fosse confiada a um social-democrata, o que não é o caso do prof. Gonçalves Pereira.

Os alegres piqueniques do filósofo Paul Veyne

Continuação da pág. 3

10 CV à cultura e um poder de 1000 CV à economia. Penso, pelo contrário, que o peso de todas estas causalidades conta, sem que se possa medir o poder de uma em relação ao das outras.

Acasos

— O que é que o diferencia então da escola que se chama escola da nova história?

— Fundamentalmente, não creio que se possa submeter a história à economia. Se se quiser explicar a história da ciência ou a da arte, não se pode fazer intervir o determinismo da economia. Já não podemos explicar o Estado pela economia, pois, ao fazê-lo, esquece-se toda uma parte de arbitrário, todas as séries de acaso que fazem os acontecimentos. Quando Fernand Braudel diz que é preciso explicar a longa duração, adianta que se pode explicar a história económica e social. Mas se soubermos lê-lo, vemos também nessa frase que a longa duração não explica a história política. A escola histórica francesa actual acreditou que existia algo como a sociedade e que ao seu lado todo o resto era fútil. Penso que é preciso renunciar à ideia de um corpo social feito de alimentação e de ideologia. Pôr em causa a existência da sociedade é encontrar a liberdade e a «inventividade». Foucault mostra que as nossas racionalidades são apoiadas por pressupostos que nós ignoramos. Compreender isso é renunciar ao esquema explicativo em história e penso que isto está muito próximo do alegre saber.

— Nietzsche pôs em questão a vontade de verdade, não para soçobrar num relativismo rasteiro mas para libertar as noções de perspectiva.

— E fundamental, pois na noção de verdade duas coisas se misturaram sempre: falar verdade e a verdade das coisas. Não existe política que sempre e em qualquer parte seja a melhor, a verdadeira, a única razoável, a que condene tudo o resto a fanchada. A «inventividade» perpétua condena todas as nossas pequenas racionalidades. Isto não quer dizer que é preciso aceitar tudo. Isto quer dizer que não há regras e que temos de nos desenvolver. Por isso adianto que não há verdade das coisas mas que um historiador pode falar verdade. Pode dizer até quais eram os pressupostos implícitos da sexualidade, da arte, da política, no Império Romano ou em qualquer outro lado. Mas ele não nos pode ditar as lições que devemos tirar da História. Aqui está uma política verdadeira, ali uma política falsa. Cada sistema constrói as suas referências. Por outras palavras, as nossas condutas apoiam-se em partes escondidas do «iceberg». Compreender Nietzsche é saber o que é preciso ligar a verdade ao falar verdade. Em resumo, não há racionalidade, há apenas história. O historiador fala verdade quando analisa exactamente as metamorfoses tal como se processaram e, então, o seu discurso nada tem de relativo, é verdadeiro ou falso. Através da história existem apenas políticas, mas nenhuma é mais racional, mais conforme à essência, mais verdadeira que as outras. Longe de pregar o relativismo, o nietzschismo ensina-nos que num sentido só o historiador pode falar verdade e que os que procuram a política eternamente verdadeira, mentem aos outros ou a si próprios.

Pinto Balsemão em dificuldades Mário Raposo (PSD) demitiu-se de vice-presidente

Mário Raposo apresentou hoje o seu pedido de demissão de vice-presidente do PSD ao presidente do partido e Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão.

Esta é a segunda «baixa» na Comissão Política do PSD, depois de Helena Roseta ter abandonado o cargo de vogal da Comissão Política.

Agrava-se, assim, ainda mais, a crise interna do PSD. Mário Raposo, um dos principais dirigentes parlamentares do PSD assume, publicamente, a sua discordância face à orientação e liderança no partido. A sua divergência acentuou-se nos últimos tempos. Restam, agora, apenas três vice-presidentes: Carlos Macedo, Ângelo Correia (em fase de distanciação) e Fernando Amaral.

A confirmar-se este pedido de demissão de Mário Raposo — notícia fornecida ao fim da manhã pela ANOP — significa que a oposição interna a Pinto Balsemão, no PSD, se reforça e organiza. Cada vez mais, Pinto Balsemão perde o controlo do partido, já que o do Governo ele pertenceu sempre muito mais ao pagamento da «hipoteca» social-democrata às «finanças» do CDS — ao ministro Moraes Leitão.

Declarações do presidente do grupo parlamentar social-democrata, Moura Guedes, e um comunicado da Comissão Permanente Distrital de Lisboa — assinado por Helena Roseta — tornaram ainda mais públicas as divisões no PSD.

A comunicação ao País do Primeiro-Ministro e presidente do PSD, não agradou a grande parte dos dirigentes e deputados. Apanhados de surpresa pela intervenção de Pinto Balsemão, os deputados consideraram desnecessário o tom e o conteúdo da mesma. O Estatuto de Deputado, iniciativa do PSD, já tinha «caído» nesse próprio dia na Comissão Permanente da Assembleia da República. O próprio PSD tinha anunciado alterações ao diploma. Quanto à Lei da Amnistia, o presidente do grupo parlamentar do PSD, reiterou a sua posição de solidariedade com Carlos Antunes — o militante do PRP em greve de fome — e sublinhou que se fosse necessário subscreveria de novo o texto que foi aceite por deputados de várias bancadas.

Mais uma vez, também, sai da Comissão Distrital de Lisboa,

uma crítica violenta ao Primeiro-Ministro. Helena Roseta, presidente da Distrital de Lisboa do PSD, reforçada depois da última assembleia distrital. «Em tudo na vida e também em política, quem tem responsabilidades tem que as assumir e responder por elas».

A Distrital de Lisboa social-democrata manifesta a sua preocupação «por verificar que apenas sete meses decorridos sobre a morte de Sá Carneiro é da própria AD que partem atitudes que permitem ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução pretender, sem qualquer legitimidade, dar-nos lições de moral». A coordenação «da actuação e orientação da maioria» — recorda a Distrital de Lisboa — «cabe aos órgãos dirigentes dos partidos que integram a AD e no que respeita ao PSD incumbe à Comissão Política Nacional determinar o sentido de voto dos deputados».

Uma crítica a Pinto Balsemão, pelo facto de não assumir a responsabilidade — como presidente do partido — pelas atitudes do seu próprio grupo parlamentar...

Que vai reunir

Grupo parlamentar que deverá reunir nos próximos dias. Alguns deputados — entre eles Helena Roseta, Santana Lopes, Natália Correia e Sousa Tavares — solicitaram essa reunião para o próximo dia 22. Em causa, o Estatuto do Deputado e a Lei da Amnistia. A desautorização do grupo parlamentar por parte do

Primeiro-Ministro, e ontem, da Comissão Política Nacional, está a provocar mal-estar entre os deputados sociais-democratas.

Entretanto, o grupo parlamentar do PSD deverá reunir também com o Primeiro-Ministro. Pinto Balsemão terá um confronto difícil com os deputados sociais-democratas.

A «total» concordância

A Comissão Política Nacional do PSD reuniu ontem e, como era de esperar, publicamente, assumiu «total concordância» com os objectivos e propósitos anunciados pelo Primeiro-Ministro.

Para além disso, a Comissão Política preparou (tal como a Comissão Directiva do CDS reunida à mesma hora) a Cimeira da Aliança Democrática que se realiza amanhã.

Relacionado com o Estatuto do Deputado, a Comissão Política refere que a posição do Primeiro-Ministro vem na linha de «sugestões anteriores deste órgão».

A Comissão manifesta, também, a sua oposição à revisão da Lei da Amnistia «aprovada com os votos socialistas e comunistas em 1979, solidarizando-se completamente com a atitude do Governo e do ministro da Justiça».

«Se nessa altura nos opussemos a esse texto, por maioria de razão o fazemos hoje a uma revisão tendente a ampliar o seu conteúdo» — diz a Comissão Política Nacional do PSD.

Observa, depois, que «os deputados do PSD que subscreveram o texto de compromisso de revisão daquela Lei, fizeram-no, pois a título pessoal, não vinculando de qualquer forma o partido que, na altura própria e de acordo com os estatutos, determinará em conjunto com a direcção do grupo parlamentar a atitude a tomar».

O comunicado refere, também, «o mérito que representou para o Governo a revogação da chamada 'Lei Arnaut' relativa ao Serviço Nacional de Saúde e à nova legislação que será aprovada em sua substituição».

São Bento milagreiro dá milhões

A recente aprovação, no Parlamento, com os votos favoráveis da maioria governamental, da proposta de Lei que autoriza o Governo a legislar sobre o mercado «livre» dos cereais, poderá converter-se num autêntico atentado à economia nacional. Em causa, lucros fabulosos da ordem das dezenas de milhões de contos, que até agora têm sido tornados impraticáveis pela acção da EPAC.

Com o pretenso «liberalismo», dentro de pouco tempo o mercado dos cereais estará na mão das grandes multinacionais que, aliadas à grande indústria moageira, levarão à ruína milhares de pequenos e médios industriais do ramo, reduzirão a EPAC a uma empresa anémica e moribunda e, o que é mais grave, agravarão substancialmente o preço das farinhas, do pão, dos seus derivados e ainda das rações para animais. O futuro dirá que não somos profetas da desgraça.

Ao longo do processo que se vem desenvolvendo surgiram acusações graves. Outras mais parecem destinadas a provocar nos trabalhadores da empresa, nestes tempos difíceis, reacções hiliariantes. Estão neste caso as afirmações do ministro da Agricultura sobre a interpretação que o pessoal da EPAC fez do seu decreto-lei: segundo o ministro, estes trabalhadores «não sabem ler» e «deram-lhe alguns golpes da cintura para baixo». Tais afirmações levaram um delegado sindical da EPAC a escrever a seguinte...

O sé creado José Maria

Cártaberta ao sôr menixtru

Houvi lêri que Voçalênsia diçe á dias os trabalhadoris

da EPAC nã sabião lêri e lhe derão golpiz da sintura pra báxo. Fequei cá a moêre con o que houvi que arrezolvi iscreverlhe esta Cárta. Quanto ágente nã çaber lêri se voçalênsia ácha que avemdo um que nã sába, iço queri dzer que todos os ôtros nã sábam, tamã no seu Menistêro a gente pode dzer que sã Anal-fabétus, pois deve aver pêlo menus um homme que nã sába lêri. Porque cásças dálho voçalênsia diçe iço? pois o peçoal da EPAC de párvu até nim tãe náda. Eu tá bêm nunca tivi hoprutunidade daprender a lêri. Mêmô açim fui dabalada até Sã Bento vêri e houvi os adibatis Acoustomi munto terquistar caládu nas agalarías ajuntamenti com os ôtros trabalhadoris da EPAC. Mas compriendi a razão porqui os sôres adeptados falão tanto. É qui tamãe êlis já tiverão nas agalarías a hagora arrezolverão tirari a barriga de mezérias. O Qainda nã intendi foi o Sôr Menixtru dzer aquillo dos golpez pra baxo da çintura. O peçoal da EPAC é munto onrrado e çêrio e nã se méte em palhassadas dandar hagora a mecher em çitios dêçes. Inda pro çima com Ministrus. Nã, nã acradito caja cá genti dêçe pórti. Nuintantu pêssolhe o favori de me dzer na vólta du curreiu o nome dêçe dezavergonhádu cagênte vammos tratarhi da çaude. Já malongei munto do qui pesso desculpa. Imbora não concordi náda com o seu Dicrêtu dispéssome fazemdu vôtoz de çaude e bôa despozissão.

Atimssão: Esta Cárta fôichecrita pra mimha prima Gertrudes (uma creada às ordens de Voçalênsia)

Vale cinco milhões de contos

Projecto do rei Khaled vizinho de Balsemão

O irmão do rei da Arábia Saudita, Khaled, vai investir cerca de cinco milhões de contos num empreendimento turístico de grande envergadura a construir numa vasta área da Quinta da Marinha, em Cascais, em terreno pertencente à «Raso-Sociedade de Empreendimentos» cujo principal interessado é António Champalimaud. O projecto está neste momento nas mãos da Direcção-Geral de Turismo, à qual compete recolher todos os pareceres para depois o submeter à análise do IIE (Instituto de Investimentos Estrangeiros), que há não há muito tempo

autorizou o aparecimento de uma empresa cerealífera para substituir a EPAC, apenas com 10 mil contos de capital social.

A empresa responsável pela construção do empreendimento assinou já o respectivo pacto e, logo que IIE divulgou o seu parecer, um dos vários que a DGT centraliza, poderá requerer a necessária importação de capitais, através do seu advogado entre nós, representante da «Cascais Holliday Village, Sociedade Portuguesa de Turismo Lda», proprietária da obra a erguer numa área de 200 hectares, entre o Cabo Raso e Oitavos, em Cas-

cais. Um dos pareceres que poderá não ser tão pacífico como o investidores pretendem, será o da Secretaria de Estado do Ambiente, que ainda não se pronunciou decisivamente sobre a questão.

O projecto em apreço remonta a 1976, altura em que começou a ser estudado, envolvendo a «Cascais Holliday Village SA», a representante do grupo árabe que à cabeça tem o príncipe Sand, irmão do rei Khaled, representado nas negociações pelo xequê Mohamed Dahlawi, a «Raso» e a «Pro-Lusitânia SA»

empresa luxemburguesa que detém interesses suíços ligados à «Swissair» e cuja motivação maior é a promoção turístico-hoteleira em Portugal. A sociedade por quotas que a «Cascais Holliday Village, Sociedade Portuguesa de Turismo Lda» formará, terá 80 por cento do capital árabe (cerca de cinco milhões de contos), enquanto a «Raso» participará com 10 por cento e a «Pro-Lusitânia» deterá idêntico montante.

O empreendimento desdobra-se num hotel de quatro estrelas com 442 quartos,

200 moradias com quatrocentos quartos, um golfe e vários equipamentos de apoio. A sua exploração turística deverá ser feita por entidades suíças e inglesas, embora também operadores canadianos, sauditas e norte-americanos possam vir a participar nessa actividade, caso cheguem a acordo com a empresa construtora proprietária. O complexo deverá ocupar 400 postos de trabalho permanentes e o seu índice de ocupação deverá rondar as 25 pessoas por hectare, taxa de rentabilidade baixa que a qualidade e o preço (correspondente) compensarão.

Segundo o seu próprio presidente

A.M. de Castro Daire mais parece grupo folclórico

Que vai a AD responder ao sr. Alcides Guedes, presidente da Assembleia Municipal de Castro Daire e ele próprio da AD, eleito como independente numa lista do PSD quando, em carta lida naquela Assembleia, denuncia a total manobra de subversão do exercício do Poder Local levada a cabo pela «maioria» naquela região (A Câmara é gerida pela «nova maioria»)?

Diz Alcides Guedes: «Pela composição partidária da nossa Assembleia Municipal, onde o partido responsável pelo executivo é confortavelmente maiori-

tário, esperava-se que a nossa Câmara não fosse dominada pela tentação de subordinar a Assembleia à sua vontade e que ambos, sem atropelos, se empenhariam em melhorar o nível e qualidade de vida do nosso concelho, objectivo supremo de todo o dirigente. Infelizmente, tal não aconteceu».

E, prossegue Alcides Guedes, «desde cedo me apercebi que a Câmara deliberadamente ignorava ou procurava ignorar as principais atribuições da Assembleia. Fomos confrontados com factos consumados; fomos

surpreendidos com deliberações que, para serem válidas, necessitavam da nossa aprovação; não são postos à disposição de todos os membros da Assembleia os documentos indispensáveis para poderem tomar deliberações conscientes; por informação da Câmara, os órgãos de Comunicação Social anunciam deliberações de sessões que ainda não se realizaram».

Depois de referir a «docilidade» com que a Assembleia tem aceite toda esta situação, sem um reparo ou um protesto, Alci-

des Guedes concluiu que aquele órgão autárquico «mais parece um grupo folclórico que reúne para amena cavaqueira... e que a Assembleia Municipal se transformou num órgão irresponsável, desnecessário e à inútil».

Alcides Guedes termina por dizer que não se demite, porque não seria a melhor forma de servir o concelho, mas deixa ficar o alerta.

Dois pequenos exemplos: «por deliberação de 9 de Abril de 1981 foi nomeado motorista de pesados pela Câmara Municipal de Castro Daire o senhor José Monteiro Parente. Na sessão de 28

de Maio deste mesmo ano, o interessado apresentou um requerimento no qual pedia a prorrogação do prazo para tomar posse por lhe faltar ainda a carta profissional. A Câmara decidiu conceder-lhe mais trinta dias de prazo. Esta mesma Câmara decidiu na mesma data nomear o senhor António Fernandes Teixeira ajudante de pedreiro que igualmente viu dilatado, seu pedido, o prazo da tomada de posse por lhe faltar o exame da quarta classe. Estes exemplos são pequenos, mas são talvez elucidativos de um estilo de uma moral.

a paladra com...



**Luís Catarino
(MDP/CDE):**

Semipresidencialismo? Depende da natureza do Poder

«A diferença está na natureza do poder político» responde o dr. Luís Catarino (MDP/CDE). Deputado na Constituinte, não é, neste momento, deputado da Assembleia da República. A ele lhe cabe, porém, a responsabilidade do projecto de revisão constitucional deste partido.

O lema: «Um Presidente, um Governo, uma Maior» serviu bem para Mitterrand, mas foi acusado de projecto ditatorial, quando Sá Carneiro o utilizou como base da campanha presidencial. Ao Prof. Jorge Miranda (ASDI) e ao dr. Vital Moreira (PCP) couberam até agora os depoimentos mais técnico-jurídicos sobre a questão do semipresidencialismo. António Vitorino (UEDS), Borges de Carvalho (PPM) e hoje, Luís Catarino (MDP/CDE) inflectiram mais para a justificação política. Conclui-se que são as pessoas que definem o sistema e não o sistema que condiciona as pessoas. Talvez a maleabilidade necessária...

«Não cabendo discutir, aqui, se o sistema de Governo português é organizado como os sistemas de outros países comumente considerados semipresidencialistas, o certo é que ele se define, essencialmente, por uma estrutura dualista de Poder, assente em dois órgãos soberanos, eleitos por sufrágio directo e universal, que são o Presidente da República e a Assembleia da República e que, desta forma, é semelhante ao sistema francês.

Este sistema dualista é um arranjo do poder que, na realidade, tem em vista a criação de solidariedade política entre o Presidente da República, a Assembleia Legislativa e o Governo. Os poderes característicos deste sistema, de o Presidente da República nomear os membros do Governo, fazer cessar as suas funções e dis-

solver a Assembleia Legislativa, tendem a garantir a instalação de executivos que, pelo menos, não sejam politicamente hostis ao presidente e a abertura de novas eleições legislativas, tendentes à formação de maiorias que, politicamente lhe sejam afectas.

Isto sucederá com mais facilidade, naturalmente, em democracias estabilizadas, como em França, em que a expressão da vontade política dos eleitores se processe, predominantemente, no quadro orientador dos partidos e o perfil do Poder exprime a correlação das forças partidárias.

Não será, assim, em democracias não-estabilizadas, como em Portugal, em que o contorno dos vários interesses sociais, não é definido pelos limites dos diferentes partidos e a expressão da vontade política dos eleitores, por isso, não se processa

tão seguramente no quadro orientador dos mesmos.

As últimas eleições no nosso País ilustram esta ideia: a direita, nas eleições legislativas, obteve a maioria, mas nas presidenciais, ainda que empenhada, a fundo, perdeu-as, exactamente porque os interesses sociais em jogo e a vontade política dos eleitores se expressaram, então, sem respeito pela «tutela» partidária.

Os cidadãos portugueses no risco iminente de perderem a democracia e, assim, muitos dos seus direitos conquistados com o 25 de Abril, expressaram a sua vontade política num quadro maioritário que nada tem a ver com o quadro partidário que, antes, tinha garantido a maioria da AD na Assembleia da República.

O movimento social, ao eleger o general Eanes, rompeu a uniformidade política da Assembleia Legislativa e do Governo, vazada nos moldes partidários da AD, criou um órgão de soberania, com um perfil político diferente.

Portugal não tem ainda uma democracia estável e os seus movimentos políticos e sociais não se projectam com rigor, na geometria do quadro dos partidos, exprimindo-se, muitas vezes, acima dos mesmos e em cursos migratórios entre si. Com De Gaulle, no combate contra o inimigo nazi e na defesa da democracia, a França tem vivido experiências desta natureza.

O sistema dualista do Governo é uma forma técnica de organização do Poder e, por si,



não define a natureza do Poder. Com este sistema, a França viveu longos anos com a direita e vive, agora, com a esquerda. Portugal foi governado pela esquerda e sofre, agora, a governação da direita. Isto permite compreender que o sistema pode garantir a estimável solidariedade política entre os órgãos soberanos de decisão política, ou consentir a globalização de todos aqueles órgãos. A diferença depende da natureza do poder político dominante.

Em França, Mitterrand liderou um processo democrático para a criação da solidariedade política entre o PR, a Assembleia Nacional e o Governo; em Portugal, Sá Carneiro liderou um processo antidemocrático de globalização cesarista da presidência da República, da AR e do Governo, a qual, fracassada em 7 de Dezembro, se resolveu por uma perigosa guerrilha institucional. Sá Carneiro transformou o Governo saído da maioria das legislativas, num comité eleitoral da coligação partidária da AD; reduziu a maioria da AR a uma patrulha cega do seu Executivo; tentou manipular os sentimentos autonómicos das populações da Madeira e dos Açores contra a República; tripudiou sobre os direitos da Oposição,

apropriando-se completamente da comunicação social do Estado e submeteu as minorias parlamentares a um indecoroso brutalismo da Maioria; enfim, arrancou dos alforjes do fascismo, um candidato à presidência da República, hipotecando os interesses partidários da AD e dispostos a tudo para pôr fim ao regime democrático.

Este projecto político de uniformização do poder, nada tem a ver com o processo francês de solidariedade institucional entre as várias instâncias do poder político procurado por Mitterrand. Salazar também tentou, e conseguiu, essa globalização cesarista do poder... simplesmente Sá Carneiro tentou mas não conseguiu. O movimento social quebrou, fragorosamente, nas eleições presidenciais de 7 de Dezembro, as linhas das formações partidárias e impediu a solidariedade reacçãoária de todo o poder político. E terá, com a derrota da direita, salvado a democracia! Como em França, Mitterrand teria aberto, também a com a derrota da direita e através de uma diferente solidariedade, encontrado novos caminhos para a democracia.

Os portugueses poderão, também, encontrá-los rapidamente.

Revisão

**constitucional:
reuniões
gravadas**

As reuniões da Comissão de Revisão Constitucional serão gravadas e as respectivas actas incluirão todas as intervenções. Esta proposta foi feita pelo PCP e mereceu os votos favoráveis de toda a Oposição. A AD pretendia que apenas fosse feito o «sumário» das reuniões e impedir a utilização, fora da Comissão, de tudo o que não decorresse das actas.

Dois deputados do PSD, Amândio de Azevedo e Sousa Tavares juntaram-se, neste caso, à Oposição com o objectivo de acabar com o secretismo das reuniões. Sousa Tavares voltaria a votar com a Oposição, desta vez com o PCP e o MDP, para que as reuniões fossem abertas à Comunicação Social. Esta proposta, porém, foi rejeitada.

A Comissão de Revisão Constitucional reuniu também esta manhã para decidir sobre as subcomissões. Tudo leva a crer que haverá apenas uma subcomissão para o trabalho de sistematização dos diferentes projectos de revisão constitucional. Para além disso, e como nota mais importante, o facto desta Comissão ir apresentar um projecto completo de revisão constitucional, que será objecto privilegiado do debate, em detrimento dos projectos dos partidos.

CERÂMICA

**3.ª FEIRA
NACIONAL
DA CERÂMICA**

81

CALDAS DA RAINHA

AMANHÃ INAUGURAÇÃO

**ATÉ DIA 26
PARQUE D. CARLOS I**

5.º CONCURSO «VIDA SOVIÉTICA» PREMIADOS

Encerrou-se no passado dia 30 de Junho, o V Concurso anual da Revista «Vida Soviética». Foram atribuídos, no total, 32 prémios, dos quais os **Primeiros Prémios** consistem numa **Viagem à URSS**.

Os **Premiados** do Concurso são:

COM UMA VIAGEM À URSS

João Tavares, Seixal; Fernando Reis, Porto; Manuel Martinho, Funchal; José Fernandes, Portimão; Vítor Tomaz, Santarém; José Gonçalves, Vila Real; José Lopes, Coimbra.

COM UMA MÁQUINA FOTOGRÁFICA «VILIA-AVFTO»

José Rodrigues, Porto; António Camacho, Odemira; Mário Araújo, Viana do Castelo; Júlio José, Almeirim; António Areias, Setúbal; Fernando Gomes, Coimbra.

COM UM RÁDIO SELGA

DORAM — Juventude Comunista Portuguesa, Funchal.

COM UMA BANDEIRA DE «JOSTOV» E UM JOGO DE COLHERES

José Santos, Faro; Júlio Pires, Pinhal Novo; José Vieira, Cova da Piedade; António Carneiro, Carvalhos; Óscar Gonçalves, Braga; Joaquim Rosa, Montargil; Eduardo Costa, Coimbra.

COM UM SUPORTE PARA COPOS

E UMA ASSINATURA POR 1 ANO DA VIDA SOVIÉTICA (prémio de estímulo)

Manuel Campos, Águeda; Fernando Simões Lisboa; Domingos Santos, V. N. Gaia; António Silva, Linda-a-Velha; José Montez, Sacavém; Manuel Oliveira, Braga; Emídio Carvalho Esposende.

A entrega dos prémios e a atribuição dos quatro restantes efectuar-se-ão no próximo sábado, dia 18 de Julho, pelas 16.00 horas, na Sede da Associação Portugal-URSS em Lisboa, na Rua de São Cactano, à Lapa, n.º 30.

Férias de professores até 15 de Setembro

O período de férias anuais dos docentes dos Ensinos Preparatório, Secundário e Primário, bem como das Escolas do Magistério Primário, passa a situar-se entre 15 de Julho e 15 de Setembro, nos termos de um despacho regulamentador do ministro da Educação e Ciência há dias enviado para publicação no «Diário da República».

Dentro desse período de sessenta dias cabe ao respectivo estabelecimento de ensino ordenar e escalonar o serviço de docentes de modo a assegurar a sua gestão, acções de informação, formação e reciclagem, bem como o serviço de exames e a preparação do novo ano escolar.

De acordo com uma nota do MEC, durante o período de férias a que o professor legalmente tem direito, não pode ser convocado para a realização de quaisquer tarefas, exceptuando as que decorrem dos próprios exames, em Julho e Setembro.

Por outro lado, fora do seu período de férias, mas dentro do que decorre entre 15 de Julho e 15 de Setembro, o pessoal docente só poderá ser dispensado pelo director da escola do Ensino Primário e pelo presidente do Conselho Directivo, ou quem os substituir. O despacho em apreço salvaguarda a hipótese do superior hierárquico convocar pessoal docente para tarefas que requeiram a sua presença.

Cargas da PSP na Luz e na Nazaré

Almeida Bruno justifica recursos a "meios violentos"

O brigadeiro Almeida Bruno afirmou ontem «subscriver inteiramente» as intervenções das forças de choque daquela corporação no Estádio da Luz e no campo de futebol de Os Nazarenos. Na óptica de Almeida Bruno, que respondia às perguntas dos jornalistas no decorrer de uma conferência de Imprensa, realizada no Comando-Geral da PSP, as violentas cargas policiais sobre populares indefesos (incluindo crianças e mulheres, uma das quais grávida) não justificam as críticas que então foram formuladas, uma vez que, disse, ambas as situações motivavam «o recurso a meios violentos».

Recusando-se a fazer, por enquanto, novo comentário específico sobre os incidentes da Luz, uma vez que, referiu, as conclusões do inquérito por si ordenado estão a ser reexaminadas por um magistrado a instâncias do ministro da Administração Interna. Quanto ao caso da Nazaré, Almeida Bruno revelou já ter mandado arquivar o relatório elaborado pelo comandante distrital de Leiria, dado «não conter matéria passível de procedimento disciplinar».

Outro assunto quente abordado por Almeida Bruno: as limi-



Almeida Bruno

tações ultimamente impostas por agentes da PSP a repórteres em serviço. Em seu entender, tudo se tem passado, por uma mera «questão de segurança». Almeida Bruno prometeu, no entanto, rever algumas das situações.

Peregrinação a Fátima

Centenas de guardas da PSP estiveram ontem em peregrina-

ção ao Santuário de Fátima, de forma a orarem «por necessidades espirituais e materiais», bem como em sufrágio dos seus camaradas falecidos, com intenção especial pela alma do capelão-geral da PSP, padre Lúcio do Rego Marçal, falecido inesperadamente. Na capela das Aparições o reitor do Santuário dirigiu a todos os presentes algumas palavras de «afervoramento na devoção a Nossa Senhora de Fátima», manifestando a esperança de que dentro em breve a PSP tenha um novo capelão.

PSP, GNR e GF: novos vencimentos

Foram hoje publicados na folha oficial os decretos-leis que fixam os novos vencimentos dos comissários e agentes da PSP e dos praças da GNR e da Guarda Fiscal. A saber: na PSP - comissário principal (28.900\$00), primeiro-comissário (26.600\$00), segundo-comissário (24.300\$00), chefe de esquadra (21.900\$00), subchefe-ajudante (21.000\$00), primeiro-subchefe (18.900\$00), segundo subchefe (18.000\$00), guarda de 1.ª classe (15.500\$00), guarda (14.100\$00) e guarda provisório (10.900\$00). Os comandantes de secção e adjuntos dos comandos distritais da PSP, quando oficiais subalternos, serão abonados do vencimento base do primeiro-comissário. Na GNR e Guarda Fiscal cabo (15.500\$00), soldado (14.100\$00); e soldado provisório (10.900\$00).

A propósito do "Caso PRP"

"Balsemão procura usar o estilo de Thatcher"

— afirmou Manuel Alegre

Manuel Alegre, um dos impulsores da possibilidade de uma amnistia que abranja o «caso PRP» disse ontem que Pinto Balsemão «parece defender o primado da lei contra a vida», ao comentar a afirmação do Primeiro-Ministro de que «fará uso de todos os meios legais e constitucionais ao seu alcance para que a revisão da Lei da Amnistia jamais venha a ter lugar». Para aquele deputado socialista, Pinto Balsemão, «parece defender o primado do Estado contra o homem e o primado da lei contra a vida». E frisou: «Nós defendemos o primado do homem e o primado da vida e ao fazê-lo defendemos uma concepção democrática e humanista do Estado».

«Talvez Pinto Balsemão — acrescentou — porque se sente inseguro, tenha pretendido imitar o estilo de Thatcher. É lá com ele. Mas é um estilo que não se coaduna com a tradição humanista da nossa cultura».

Manuel Alegre salientou ainda que «seja como for a sede própria da discussão e aprovação da nova Lei da Amnistia é a Assembleia da República, e o Primeiro-Ministro não tem quaisquer meios legais ou constitucionais para o impedir». «Talvez o Primeiro-Ministro — adiantou — como presidente do PSD tenha pretendido desautorizar ou pressionar os deputados sociais-democratas que, ao assumirem o compromisso que assumira, se honraram e honraram a democracia portuguesa.»

«Penso que se trata de uma atitude que só desprestigia e desautoriza Pinto Balsemão, porque esses deputados, como democratas que são, saberão honrar a sua palavra e, desse modo, contribuir para a construção de um estado marcado pelo espírito humanista da nossa maneira de ser», concluiu.

Entretanto, e na linha do discurso de Pinto Balsemão, a Procuradoria-Geral da República tenta impedir a libertação de Carlos Antunes, Isabel do Carmo e Fernanda Fráguas, procurando levar o Supremo a reexaminar o acórdão que anulou o seu julgamento. Na opinião de Jorge Fagundes, advogado dos dirigentes do PRP, «trata-se de um facto muito desagradável».

Traficantes de cocaína e haxixe

Uma rede de traficantes de cocaína e de haxixe, constituída por seis elementos entre os quais uma mulher, acaba de ser desmantelada pela PJ. Proveniente do Brasil, a droga era depois transaccionada na zona de Lisboa e, particularmente, numa «boite» da zona da Amadora. Na altura da sua detenção, em Lisboa e nos Açores, os seis jovens tinham em seu poder haxixe e cocaína, no valor de quatrocentos contos, para além de diverso material, incluindo agulhas e balanças.

ENERGIA PORTÁTIL NUMA EMBALAGEM DE QUALIDADE ! HONDA GERADORES

Em qualquer local, em qualquer situação em que a energia é importante, pequenas indústrias, construção civil, hotelaria, turismo, casas particulares, campismo, etc. A HONDA com uma gama de geradores que vão de 0,3 a 4,5 kva., tem a solução para o seu problema.

Os geradores HONDA são robustos, seguros, económicos e de uma grande versatilidade. Os geradores HONDA a gasolina fornecem a energia que necessita e são ainda ideais para os casos de diminuição e cortes de corrente.

SANTOMAR
Trav. da Praça, 4 (aos Jerónimos)
Lisboa, Tel: 637216-636154

Agradeço que me enviem catálogos sobre Geradores HONDA

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE _____

Conhecer Lénine, é tanto uma questão política como uma questão cultural

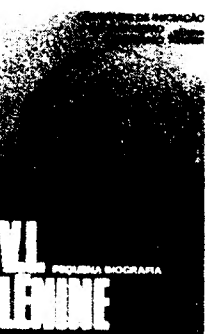


Colecção Pequena biblioteca Lénine

V.I. Lénine

Karl Marx e o desenvolvimento histórico do marxismo

Em 2.ª edição, aumentada, uma notável exposição do marxismo feita por Lénine



Colecção Cadernos de iniciação ao marxismo-leninismo

V.I. LÉNINE
Pequena biografia

Em 3.ª edição, um esboço biográfico das principais etapas da vida de um dos mais importantes dirigentes políticos do nosso século: Lénine

2 obras com a garantia do rigor das edições **Avante!**

Vários casos de fogo posto

Chamas causam pânico em cinco distritos

Dezenas de incêndios continuam a grassar pelo País, Porto, Viseu e Santarém. Casas destruídas, gado morto, zonas consideráveis de floresta devastadas, bombeiros feridos e vítimas de intoxicações, além de um morto, dão uma imagem bem nítida da extensão dos fogos que neste momento atormentam aquelas áreas.

As povoações de Fojo e Macieira, no concelho de Alvaizere, no distrito de Leiria, estão em perigo devido a um incêndio que deflagrou cerca das 15 horas de ontem. Segundo os bombeiros de Ansião, ao fim da tarde havia já uma casa destruída, correndo-se o risco de «uma grande catástrofe» caso a situação não fosse resolvida nas próximas horas. Os bombeiros de Ansião, apesar de reforços que têm recebido (duas aviações dos Serviços Florestais e corporações de Alvaizere) denunciaram ainda a dificuldade decorrente da falta de material e de homens, circunstância agravada pelo calor e vento que se tem feito sentir na região.

Joaquim Gomes, de 70 anos, morreu queimado quando a sua casa, em cujo interior se encontrava, foi atingida e totalmente destruída pelo sinistro.

Famílias sem lar no Casal Ventoso

Em consequência de um incêndio de grandes proporções que deflagrou às 17 horas de ontem em duas casas geminadas (e degradadas) do bairro do Casal Ventoso, quatro famílias ficaram sem lar, ao todo cerca de 30 pessoas. Apesar da comparação quase imediata de três

viaturas dos sapadores bombeiros, as chamas alastraram com facilidade e além de destruírem parcialmente as casas, causaram ferimentos numa criança de três anos, que foi transportada ao hospital. Este incêndio teve origem na divisão em que se encontrava a referida criança, mas os bombeiros não conseguiram detectar as causas.

Na região de Abrantes

A pequena povoação de Montalvo, no concelho de Abrantes, continuava ontem à noite ameaçada pelas chamas que continuavam a lavar no lugar de Vale Seco, na Carniceira. O incêndio, que se suspeita tenha origem criminosa, tinha sido já dado como extinto mas reactivou-se a meio da tarde. Tinham sido entretanto destruídos cem hectares de pinheiros e eucaliptos.

Além na mesma região, o incêndio que desde segunda-feira vem destruindo as zonas florestais de Portucel e Eldim, na área de Constância, encontrava-se ontem controlado mas permaneciam no local dez corporações de bombeiros. Três bombeiros e um comandante da corporação de Constância foram atingidos por ligeiros ferimentos durante o combate ao fogo, que destruiu um autotanque, a casa de um



Apesar dos esforços dos sapadores bombeiros, as chamas não pouparam as duas casas degradadas do Casal Ventoso

Um morto, muitos feridos, casas e florestas destruídas, gado consumido, prejuízos incalculáveis

guarda-florestal e para cima de mil hectares de eucaliptos e sobreiros.

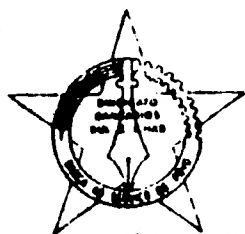
No Vimieiro

Várias cabeças de gado que estava guardado em barracões e medas de centeio já ceifado foram consumidas pelas chamas nas proximidades de Vimieiro, no distrito de Viseu. O incêndio atingiu uma vasta área, acendendo o comandante dos bombeiros de Santa Comba Dão tratar-se de fogo posto. A linha férrea de Beira Alta esteve momentaneamente cortada pelas labaredas, mas a circulação não foi afectada. Entretanto, no concelho de Carregal do Sal os bombeiros foram chamados a intervir em incêndios num pinhal em Papizios e em duas casas de habitação, uma das quais, em Parada, ficou completamente destruída.

Em Viana e Gondomar

Enquanto no concelho de Gondomar o incêndio que nos últimos dias tinha consumido uma extensa área florestal na serra da Pias e Belói, se reactivo, duas corporações de bombeiros de Viana do Castelo estavam a tentar dominar o sinistro que desde anteontem lavrava no Monte de Santa Luzia.

O incêndio de Gondomar voltou a atingir grandes proporções, ameaçando o lugar de Aguiar de Sousa, próximo do concelho de Paredes. Quanto ao da região de Viana, o vento de noroeste mudou o rumo às chamas, livrando momentaneamente de perigo várias casas da freguesia de Areosa que chegaram a correr perigo.



SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

ASSEMBLEIA GERAL DIA 23 DE JULHO

ORDEM DE TRABALHOS: Ratificação da posição assumida no processo de negociação da tabela salarial e cláusulas com expressão pecuniária

DESIGNAÇÃO DA MESA DE VOTO, LOCAL E HORARIO DA VOTAÇÃO	MESAS	HORARIO	DESIGNAÇÃO DA MESA DE VOTO, LOCAL E HORARIO DA VOTAÇÃO	MESAS	HORARIO
M.A.G. — Rua Castilho, 14	N.º 1	18H30 às 22H00	Av. Duque de Loulé, 110	N.º 12 D	8H00 às 17H30
ARREDORES DE LISBOA			CAIXA GERAL DE DEPOSITOS — Rua Castilho, 14	N.º 13	18H30 às 22H00
AMADORA — Damaia Queluz — Av. República, 10-10A (antigas instalações do B.F.B.)	N.º 1 A	8H00 às 17H30	Largo do Calhariz, 20	N.º 13 A	8H00 às 17H30
ALGES — Alentejo, Paço de Arcos e Linda-a-Velha — R. Damião Góis (instalações do B.P.S.M.)	N.º 1 B	8H00 às 17H30	Rua do Ouro, 49	N.º 13 B	8H00 às 17H30
CASCAIS — Carcavelos, Estoril e Parede (Teatro Gil Vicente)	N.º 1 C	8H00 às 17H30	MONTEPIO GERAL — Rua Castilho, 14	N.º 14	18H30 às 22H00
LOURES — Odivelas, Póvoa St.º Adrião (Bombeiros Voluntários)	N.º 1 D	8H00 às 17H30	Rua do Ouro, 219	N.º 14 A	8H00 às 17H30
MOSCAVIDE — Sacavém — Av. Moscavide (antigas instalações do B.P.S.M.)	N.º 1 E	8H00 às 17H30	Rua Manuel J. Coelho, 1	N.º 14 B	8H00 às 17H30
SINTRA — Alqueidão, Pêro Pinheiro, Cacém (antigas instalações do B.P.S.M.)	N.º 1 F	8H00 às 17H30	Av. Almirante Reis, 137	N.º 14 C	8H00 às 17H30
VILA FRANCA DE XIRA — Alhandra, Alverca (Bombeiros Voluntários)	N.º 1 G	8H00 às 17H30	CREDIT FRANCO-PORTUGAIS — Rua Castilho, 14	N.º 15	18H30 às 22H00
SACAVÉM — R. Estado da Índia, 8 (ex-Processa)	N.º 1 H	8H00 às 17H30	Rua da Conceição, 92	N.º 15 A	8H00 às 17H30
SECÇÕES DE EMPRESA			INTEREMPRESAS — Rua Castilho, 14	N.º 16	8H00 às 22H00
BANCO BORGES & IRMÃO — Rua Castilho, 14	N.º 2	18H30 às 22H00	(Banco do Brasil, Banco Nacional de Paris, Biscayne Bank, City Bank, Corretores, FRAIP, IFADAP, Internacional Factors, Montepio Commercial e Industrial, Paraempresa, Sociedade Financeira Portuguesa, Unicre, Walter Heiler e Caixas de Crédito)	N.º 16 A	8H00 às 17H30
Praça do Município, 31	N.º 2 A	8H00 às 17H30	R. Ouro, 40 (Banco Inglês)		
BANCO ESPÍRITO SANTO E COM. DE LISBOA — Rua Castilho, 14	N.º 3	18H30 às 22H00	SECÇÕES REGIONAIS		
Av. da Liberdade, 195	N.º 3 A	8H00 às 17H30	BEJA — Aljustrel, Almodôvar, Alentejo, Barrancos, Castro Verde, Cuba, Ferreira do	N.º 17	8H00 às 22H00
Rua do Comércio, 95	N.º 3 B	8H00 às 17H30	Alentejo, Mértola, Moura, Odemira, Ourique, S. Teotónio, Serpa, Vidigueira		
Rua Castilho, 26	N.º 3 C	8H00 às 17H30	CASTELO BRANCO — Alcains, Cebojaes de Cima, Idanha-a-Nova, Oleiros,	N.º 18	8H00 às 22H00
Rua Nova do Almada, 69	N.º 3 D	8H00 às 17H30	Proença-a-Nova, Sertão, Vila Velha de Ródão	N.º 19	8H00 às 22H00
Rua do Crucifixo, 49	N.º 3 E	8H00 às 17H30	COVILHA — Belmonte, Fundão, Penamacor, Tortosendo		
BANCO DE FOMENTO NACIONAL — Rua Castilho, 14	N.º 4	18H30 às 22H00	EVORA — Alandroal, Alcáçovas, Arraiolos, Borba, Estremoz, Montemor-o-Novo,	N.º 20	8H00 às 22H00
Rua Mouzinho da Silveira, 25	N.º 4 A	8H00 às 17H30	Montemor, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Torrão,		
BANCO FONSECAS & BURNAY — Rua Castilho, 14	N.º 5	18H30 às 22H00	Vendas Novas, Viana do Alentejo, Vila Viçosa	N.º 21	8H00 às 22H00
Rua do Comércio, 132	N.º 5 A	8H00 às 17H30	FARO — Alcoutim, Alte, Castro Marim, Fuzeta, Monte Gordo, Olhão, S. Brás de	N.º 21 A	8H00 às 22H00
Rua Castilho, 7	N.º 5 B	8H00 às 17H30	Alportel, Tavira, Vila Real de Santo António		
Av. Fontes Pereira de Melo, 4	N.º 5 C	8H00 às 17H30	LOULE — Quarteira, Vilamoura	N.º 22	8H00 às 22H00
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO — Rua Castilho, 14	N.º 6	18H30 às 22H00	PORTALEGRE — Alter do Chão, Arronches, Avis, Caia, Campo Maior, Castelo de		
Rua do Comércio, 84	N.º 6 A	8H00 às 17H30	Vide, Crato, Elvas, Fronteira, Gavião, Marvão, Monforte, Nisa, Ponte de Sor,	N.º 23	8H00 às 22H00
Rua Castilho, 39	N.º 6 B	8H00 às 17H30	Sousel	N.º 24	8H00 às 22H00
Rua 1.º de Dezembro, 42	N.º 6 C	8H00 às 17H30	PORTIMAO — Albufeira, Alvor, Aljezur, Armção de Pera, Carvoeiro, Lagoa,	N.º 24 A	8H00 às 17H30
Rua dos Anjos, 66	N.º 6 D	8H00 às 17H30	Lagos, Monchique, Praia da Rocha, S. Bartolomeu de Messines, Silves, Vila	N.º 24 B	8H00 às 17H30
Rua Rodrigues Sampaio, 103-B	N.º 6 E	8H00 às 17H30	do Bispo	N.º 24 C	8H00 às 17H30
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR — Rua Castilho, 14	N.º 7	18H30 às 22H00	SANTAREM — Alcanede, Alcanhões, Almeirim, Alpiarça, Benfica do Ribatejo,	N.º 24 D	8H00 às 17H30
Av. Fontes Pereira de Melo, 7/13	N.º 7 A	8H00 às 17H30	Cartaxo, Pernes, Rio Maior, Riachos, Vila da Marmeleira		
Rua do Ouro, 28	N.º 7 B	8H00 às 17H30	ABRANTES — Alferrarede, Constância, Mação, Rossio ao Sul do Tejo, S.	N.º 25	8H00 às 22H00
Av. da Liberdade, 241	N.º 7 C	8H00 às 17H30	Miguel do Rio Torto, Sardoal	N.º 25 A	8H00 às 17H30
Rua D. Estefânia, 102	N.º 7 D	8H00 às 17H30	CORUCHE — Benavente, Couço, Marinhas, Salvaterra de Magos, Samora	N.º 25 B	8H00 às 17H30
BANCO DE PORTUGAL — Rua Castilho, 14	N.º 8	18H30 às 22H00	CORREIA — Caxarias, Fátima, Ferreira do Zêzere, Entroncamento, V. Nova de Ourem,	N.º 25 C	8H00 às 17H30
Rua do Comércio, 148	N.º 8 A	8H00 às 17H30	TOMAR — Novas, Alcanena, Chamusca, Entriqueira, Golegã, Mirim,	N.º 25 D	8H00 às 17H30
Av. da República, 65	N.º 8 B	8H00 às 17H30	Vila Moreira, Vila Nova da Barquinha		
Praça Príncipe Real, 22	N.º 8 C	8H00 às 17H30	SETUBAL — Alcacer do Sal, Cercal do Alentejo, Grândola, Palmela, Pinhal Novo,	N.º 26	8H00 às 22H00
BANCO PORTUGUES DO ATLÂNTICO — Rua Castilho, 14	N.º 9	18H30 às 22H00	Santiago do Cacém, Sesimbra, Sines, Vila Nogueira Azetão	N.º 27	8H00 às 22H00
Rua do Ouro, 110	N.º 9 A	8H00 às 17H30	ALMADA — Costa de Caparica, Cova da Piedade	N.º 27 A	8H00 às 17H30
Rua Castilho, 24	N.º 9 B	8H00 às 17H30	BARREIRO — Aíloes Vedros, Baixa da Banheira, Lavradio, Moita	N.º 27 B	8H00 às 17H30
Av. Fontes Pereira de Melo, 18	N.º 9 C	8H00 às 17H30	MONTIJO — Alcochete	N.º 27 C	8H00 às 17H30
BANCO TOTTA & AÇORES — Rua Castilho, 14	N.º 10	18H30 às 22H00	SEIXAL — Amora, Corroios, Cruz de Pau, Fogueteiro	N.º 28	8H00 às 22H00
Rua do Ouro, 88	N.º 10 A	8H00 às 17H30	TORRES VEDRAS — Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Ericeira,	N.º 29	8H00 às 22H00
Rua do Ouro, 75	N.º 10 B	8H00 às 17H30	Lourinhã, Mafra, Malveira, Merceana, Sobral de Monte Agraço, Venda do Pi-	N.º 30	8H00 às 22H00
Rua do Crucifixo, 57	N.º 10 C	8H00 às 17H30	neiro	N.º 30 A	8H00 às 17H30
Rua Luciano Cordeiro, 116	N.º 10 D	8H00 às 17H30	FUNCHAL — Calheta, Câmara de Lobos, Canhas, Machico, Ponta do Sol, Porto		
UNIAO DE BANCOS PORTUGUESES — Rua Castilho, 14	N.º 11	18H30 às 22H00	Moniz, Porto Santo, Ribeira Brava, Santa Cruz, Santana, S. Vicente		
Rua da Prata, 10	N.º 11 A	8H00 às 17H30	BANCO ESPÍRITO SANTO E COM. DE LISBOA		
Rua do Ouro, 97	N.º 11 B	8H00 às 17H30	BANCO TOTTA & AÇORES		
Rua da Assunção, 74	N.º 11 C	8H00 às 17H30	CAIXA ECONOMICA DO FUNCHAL		
Rua Castilho, 39	N.º 11 D	8H00 às 17H30	ANGRA DO HEROISMO — Calheta, Santa Cruz da Graciosa, Velas, Vila Praia da		
Av. Elias Garcia, 58	N.º 11 E	8H00 às 17H30	Vitória		
Av. Almirante Reis, 131	N.º 11 F	8H00 às 17H30	HORTA — Faial, Lajes das Flores, Lajes do Pico, Madalena, Santa Cruz das		
CREDITO PREDIAL PORTUGUES — Rua Castilho, 14	N.º 12	18H30 às 22H00	Flores, S. Pedro do Pico, S. Roque do Pico		
Rua Augusta, 237	N.º 12 A	8H00 às 17H30	PONTA DELGADA — Aeroporto de St.ª Maria, Lagoa, Povoação, Rabo de Peixe,		
Rua do Ouro, 139	N.º 12 B	8H00 às 17H30	Ribeira Grande, Aderoste, Vila Franca do Campo, Vila do Porto		
Av. Duque de Loulé, 123	N.º 12 C	8H00 às 17H30	BANCO COMERCIAL DOS AÇORES		

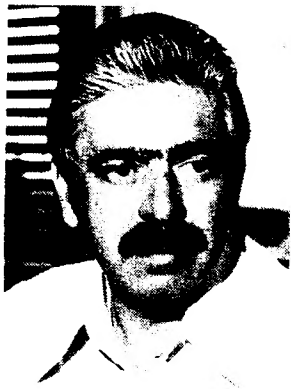
de ontem para hoje

Cruz Vermelha com emigrantes

Os emigrantes portugueses em Espanha beneficiam, desde ontem, da assistência da Cruz Vermelha espanhola, enquanto os turistas espanhóis terão igual apoio da sua congénere portuguesa quando em território português. O programa de cooperação faz parte de um convénio existente entre a Cruz Vermelha portuguesa e a espanhola que irão propor dentro de dias aos respectivos Governos a sua oficialização. Entretanto, abriram ontem quatro postos de assistência nas principais fronteiras entre Portugal e Espanha: Tui, Caia, Vila Real de Santo António e Vilar Formoso. A assistência está a cargo de guarnições mistas, portuguesas e espanholas e funciona em dois postos situados em território espanhol (Tui e Caia) e dois postos em território português (Vilar Formoso e Vila Real de Santo António).

Eleitos novos corpos gerentes: Associação de Cooperação com as Nações Unidas em Portugal

Acabam de ser eleitos os novos corpos gerentes da Associação de Cooperação com as Nações Unidas em Portugal (ACNUP) para o biênio 1981/83. Alguns nomes: Manuel da Silva Costa, José Manuel Galvão Teles, Maria Antónia Fiadeiro, Vasco da



Graça Moura, Silas de Oliveira, Henrique Barahona Fernandes, Jacinto do Prado Coelho, Corino de Andrade, Jacinto Baptista, João de Freitas Branco, Vasco da Gama Fernandes, António Vinagre, Maria Lúcia Lepecki e José Sá Caetano. Como secretário-geral da Comissão Executiva aparece o nosso antigo camarada de Redacção, Carlos Eurico da Costa (na «foto»).

Nova carreira de Clínica Geral: Ordem dos Médicos chega a acordo com Governo

A Secretaria de Estado da Saúde e o Conselho Executivo da Ordem dos Médicos chegaram ontem a acordo na redacção final da nova carreira de Clínica Geral. A precedência dada ao estudo da carreira e remunerações de clínica geral deve-se ao facto de se realizarem na próxima sexta-feira os exames dos médicos policlínicos do quinto ano. Este teste estabelecerá as prioridades, por méritos relativos, no preenchimento de vagas existentes nos serviços de saúde. As vagas são 1300, das quais 600 a preencher com médicos da nova carreira de Clínica Geral e 700 a dividir pelas especialidades clássicas. Os médicos da carreira de Clínica Geral, ou do ambulatório, trabalharão essencialmente em hospitais concelhios e em centros de saúde.

Aeroporto de Faro: capacidade de aterragem à beira da ruptura

O Aeroporto de Faro registou um aumento de catorze por cento no tráfego de passageiros nos primeiros cinco meses deste ano em relação a igual período do ano passado.

O aumento, afirmou o director daquele terminal, Carlos Cruzinha, registou-se no tráfego internacional que passou de 236 897 passageiros em 1980 para 302 394 no ano em curso. O tráfego doméstico diminuiu de 38 425 passageiros para 30 771 passageiros. Quanto ao movimento de aviões, no período referido, verificou-se um aumento de 3070 para 3148 nos provenientes do estrangeiro e uma quebra, nos «domésticos» de 649 para 599. O aumento verificado, disse Carlos Cruzinha, tirou a capacidade de resposta às instalações da aerogare que, acrescentou, atingirão a saturação, nomeadamente, nas zonas de embarque e desembarque. Para colmatar essa situação Carlos Cruzinha revelou que está em estudo um projecto de ampliação e desenvolvimento das actuais estruturas, cujas obras deverão iniciar-se nos finais do corrente ano, altura em que o tráfego é menor.

No lugar de Mirão: agricultor morto em circunstâncias estranhas

No lugar de Mirão, em Santa Cruz do Bispo, do concelho de Matosinhos, foi encontrado morto, ontem à tarde, numa pequena courela que cultivava, o agricultor António Pereira Resende, de 80 anos. Apresentava um ferimento na cabeça e sob o pescoço o gargalo de uma garrafa. A PJ aguarda o resultado da autópsia, para efeitos de averiguações.

Em Portalegre: Assembleia Distrital contra Plano Rodoviário

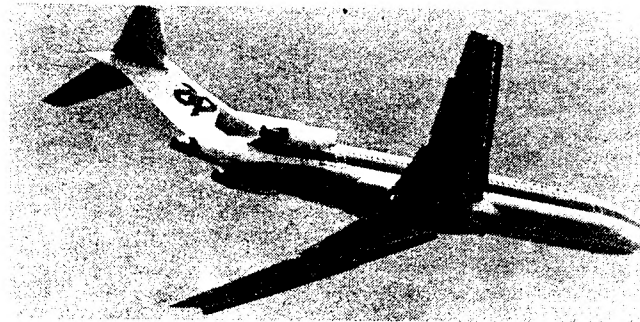
A Assembleia Distrital de Portalegre repudiou o Plano Rodoviário apresentado para o distrito pelo Gabinete de Planeamento e Programação da Junta Autónoma de Estradas (JAE), segundo revela uma moção ontem distribuída naquela cidade. Na moção, aprovada por unanimidade, aquele órgão autárquico afirma que o referido plano «não contempla os interesses do distrito, com especial destaque para o abandono a que vai ser votada a fronteira de Galegos-Marvão». O documento requer igualmente que seja revista a decisão tomada sobre a barragem do Crato-Pisão, frisando que a mesma «faz pressupor o não cumprimento do Plano de Rega do Alentejo, comprometendo o desenvolvimento económico da zona». Quanto à seca prolongada verificada no País, a Assembleia Distrital de Portalegre exige, no documento, que sejam tomadas medidas imediatas em relação aos problemas inerentes, nomeadamente no que respeita à garantia do abastecimento de água às populações e no combate aos incêndios na zona.

Com um T-12 e muita espuma

“Fogo” num aeroporto extinto em 15 segundos

O aeroporto da Portela tem desde ontem ao seu dispor duas novas viaturas T-12 que são nem mais nem menos que veículos sofisticados para ataque a incêndios que se possam verificar em pistas aeroportuárias e mesmo em aviões. Os T-12, uma espécie de camiões com «bomba» a jacto na parte superior da cabina dianteira, permitirão assim o salvamento de passageiros, caso se encontrem em perigo devido a incêndio.

Os rolos de fumo que por volta do meio-dia de ontem se levam



Passageiros que utilizam a TAP-Air Portugal passam a estar mais seguros (no Aeroporto da Portela, Pedras Rubras e Faro) mercê dos meios que a ANA oferece para a eventualidade de um incêndio

(Empresa Pública de Aeroportos e Navegação Aérea) adquiriu e cuja utilização foi ontem testada por aquele engenheiro inglês de trinta anos, têm já destino: três ficam na Portela e os outros vão para Pedras Rubras e Faro. Com material sofisticado, os bombeiros privativos do aeroporto passam a dispensar parte das 14 viaturas ao seu serviço, duas das quais serão mandadas para Ponta Delgada e Santa Maria, nos Açores. O próprio corpo privativo dos bombeiros terá mudanças: com o equipamento



Bombeiros privados do aeroporto preparam o «fogo» que não iriam atacar, deixando essa demonstração a John Devonshire e aos meios sofisticados que a ANA adquiriu



Este negro e letal lençol de fumo desapareceu em pouco mais de quinze segundos após o ataque de um bombeiro-engenheiro inglês que se serviu de um T-12 e de uma mistura de espuma «AFFF»

taram enoveladamente na atmosfera causando estupefacção ao largo de Camarate e surpresa também na área que circunda a Portela, em especial na Rotunda do «Relógio», eram o resultado de um ensaio inédito e uma experiência que marcará novo rumo na segurança dos novos aeroportos: tratava-se de um exercício contra o fogo na pista 20, num fundo com mais de metro e meio de altura e inundado de diversos produtos inflamáveis.

Num ápice, labaredas escondidas por rolos de fumo intenso e sufocante, foram atacadas por



Os três T-12 que desde ontem se encontram ao serviço do Aeroporto da Portela para combate a incêndios em pistas e aeronaves

Jonh Devonshire, um engenheiro inglês de 30 anos que proporcionou aos jornalistas presentes (bem como aos bombeiros do aeroporto e demais pessoal) um espectáculo raro, reduzindo a «cinzas» em pouco mais de 15 segundos toda a espessura de um fogo que passou despercebido a muitas das pessoas que àquela hora (por volta do meio-dia) se preparavam para deixar o País ou se ocupavam da sua labuta diária. Os cinco T-12 que a ANA

agora existente será possível reduzir o pessoal de serviço em cada turno, sem afectar os seus postos de trabalho.

Os T-12 têm capacidade para descrever curvas com um raio de 200 pés, a alta velocidade, para no espaço de cerca de 11 metros (travões a fundo), a uma velocidade de 32 km/h, chegar aos 80 km/h em 45 segundos e transportar uma carga de 30 de uma distância de 82 metros. Os cinco T-12 custaram à ANA mais de 950 mil contos.

PUB



Sisimet

SISTEMAS E MÉTODOS DE ORGANIZAÇÃO E INFORMÁTICA, S.A.R.L.

Selecciona para
Serviços Municipais ao Sul do Tejo

TÉCNICO DE CONTABILIDADE E GESTÃO

Ref.ª 05/0706

- Função de apoio técnico-administrativo à verificação
- Dá-se preferência a licenciados em Organização e Gestão de Empresas ou Bacharéis em Contabilidade e Gestão.

Condições Gerais:

- Benefícios normais da função pública.
- Regalias próprias do Serviço Social dos Trabalhadores do Município.

Respostas com curriculum vitae pormenorizado, indicando referência para o Departamento de Recursos Humanos — Rua da Beneficência 229 - 3.º Esq. — 1600 LISBOA

Importante Empresa Gráfica em Lisboa

JOVEM COM O CURSO DOS LICEUS

- Admite-se para os Serviços Comerciais
 - Dá-se preferência a quem tiver bons conhecimentos de inglês e dactilografia
 - Entrada imediata com boas perspectivas de futuro
- Resposta a este jornal ao n.º 1673.



Transportes da capital vão circular mais depressa

O aumento de dez por cento na velocidade dos eléctricos e dos autocarros, além de des congestionar (pelo menos no primeiro caso) o tráfego da capital (estamos a lembrar-nos dos engulhos de circulação na Rua da Conceição, Calçada do Combro, Príncipe Real até ao Rato, para falarmos das que ficam mais próximas), resultará na economia na ordem dos 400 mil contos em favor da Carris e do próprio País.

O aumento de velocidade em questão, já era tempo, está nas preocupações da CM de uma cidade em que o tráfego automóvel urbano cresce diariamente (a despeito da gasolina aumentar de preço periodicamente) e nem sempre a Carris responde às necessidades imediatas dos seus utentes. Também aqui nos estamos a lembrar das longas esperas, por vezes, nas estações da CP em Santa Apolónia e fluvial do Terreiro do Paço, onde se juntam centenas de pessoas nas horas de ponta na expectativa de não chegarem atrasadas aos seus empregos. Uma vez por outra, mas com frequência, ou viajam acotovelados, ou partem atrasados ou, simplesmente, perdem preciosos minutos na bicha. Daí a pergunta: quem é que não entende (ou não quer entender) de tráfego na Carris?

Pois bem: um dos objectivos da CML é reajustar os transportes na capital (e periferia) dispondo para isso de um projecto que já ontem foi debatido entre a Câmara e a Carris. Na reunião em questão participaram Nuno Abecasis, o presidente (Vilar Queirós) e vogais da Carris e técnicos de tráfego responsáveis pelas áreas abrangidas pelo projecto, foi analisado o reordenamento do trânsito visando uma maior rentabilidade. O presidente da Câmara Municipal de



Lisboa disse à ANOP que esta reunião, a que se seguirão outras (periodicamente), tem por objectivo uma maior interligação dos problemas de transportes de forma a possibilitar soluções comuns adequadas.

Como atrás referimos, o aumento da velocidade dos transportes traduzir-se-á numa economia na ordem dos 400 mil contos. Em relação aos eléctricos rápidos, que circularão a uma velocidade de 70 quilómetros por hora — previstos para entrarem em circulação em 1984, exigirão espaços próprios que lhes permitam livre circulação sem fazer perigo o utente da via pública.

Tudo o processo de percursos, a iniciar prioritariamente em Belém, junto aos Jerónimos, exigirá a introdução de sinalizações adequadas e será objecto de estreita colaboração por parte do Município lisboeta.

Comboios e «metro» na mesma onda

A par das grandes linhas de transportes, como o «metro» e os comboios, serão implementadas

carreiras transversais entre aqueles meios de transporte de forma a transportarem rapidamente os utentes nas suas zonas habitacionais.

O presidente da Carris, Vilar Queirós, informou também estar em curso um estudo, a efectuar pela Comissão do Ministério dos Transportes sobre um projecto de construção de uma nova sede para a empresa, de modo a concentrar, num edifício moderno e funcional, a maior parte dos serviços da carris.

Também em relação ao Museu da Carris, actualmente traduzido em objectos dispersos, guardados nas instalações da empresa, Vilar Queirós referiu que está a ser analisada a integração daquelas peças num futuro museu dos transportes. Para esse museu, que poderá vir a ser aberto ao público, em 1982, os elementos da Carris estão já a colaborar na compilação de documentos históricos, reunião de peças dadas como perdidas e reconstrução de cópias que ilustram os cem anos da companhia.

Diz responsável da EPAL:

Mais sede de água em Lisboa do que a normal em Julho

A área de Lisboa é ainda a menos sacrificada do País em relação ao problema da falta de água — disse ontem à ANOP Morais Sarmento, da EPAL.

Neste momento verifica-se um consumo 10 por cento superior ao normal para a época, (570 a 580 mil metros cúbicos por dia) que, por atraso na entrada em funcionamento das novas captações de água da lezíria não pôde ser, até agora, reforçado — prosseguiu aquele responsável da Empresa Pública de Águas de Lisboa.

As reservas de água da EPAL, que são normalmente de 380 mil metros cúbicos, desceram consideravelmente e estão neste momento em 150 mil metros cú-

bicos, o que causa desequilíbrios nas pressões, essenciais para fazer subir o líquido nas torneiras domésticas, especialmente em prédios altos e zonas elevadas da cidade.

A região abrangida pelo fornecimento da EPAL inclui Loures, Amadora, Sintra, Cascais, Mafra e a zona da grande Lisboa.

Morais Sarmento assegura que não se prevê falta de água, pois as anomalias que se registam são apenas causadas pelas baixas de pressão e de disponibilidade de produção por deficiência de capacidade das estações de captação.

Entretanto os Bombeiros Sapadores de Lisboa têm recebido alguns pedidos de fornecimento

de água por parte dos hospitais, serviços e creches, que tem atendido por meio de auto-cisternas.

Edgar Fontes, da Câmara Municipal de Lisboa, serviço de Ajardinamentos, informou por seu lado que as regas dos jardins e espaços verdes da cidade têm sido reduzidas, quer no número de vezes quer no volume de água, e que, a pedido da EPAL, essa rega reduzida é por vezes completamente cortada.

Acrescentou que a população julga que os jardins estão abandonados, pelo que pisa a relva seca e arranca as plantas, que se não fossem assim danificadas voltariam a crescer logo que fossem regadas.

No distrito de Évora

Água falta todo o dia em quarenta povoações

A falta de água é permanente ou periódica durante o dia em cerca de quarenta povoações do distrito de Évora. Para além das grandes dificuldades no abastecimento às populações, também as explorações pecuárias estão a ser gravemente afectadas. Muitas delas são presentemente abastecidas pelos bombeiros.

A falta de água na área distrital de Évora foi já nestas colunas analisada, numa das várias reportagens publicadas há pouco mais de uma semana e cujo trabalho estabeleceu um balanço global sobre as carências naquele domínio de um sem número de municípios a Sul do Tejo, particularmente nas províncias alentejanas e algarvias, desde Portalegre e Évora a Faro. Essas necessidades não param de crescer em qualquer dos casos, nomeadamente no distrito de Évora, em que a maior parte

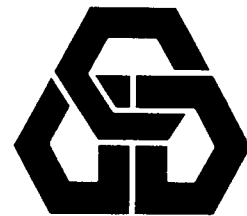
do abastecimento é feito a partir de águas subterrâneas cujo comportamento se vem revelando imprevisível em anos de seca como o presente.

Por todas essas razões, a Assembleia Distrital de Évora, que efectuou um levantamento da situação, entende ser seu dever voltar a alertar o Governo para a situação existente e para as medidas a tomar, conforme o fizera em 26 de Março deste ano sem que, até ao momento, tenha qualquer resposta do Governo. Daí que tenha decidido accionar os mecanismos previstos na Lei das Finanças Locais e os meios militares e de protecção civil disponíveis, designadamente autotankes, depósitos portáteis e fixos, bem como máquinas para lançar novas captações e armazenamento de água.

A AM eborense vai ainda fornecer assistência técnica pluri-

disciplinar que permita detectar e utilizar recursos que existem e não foram ainda utilizados e começar (ou continuar) urgentemente com as obras que permitam águas superficiais (em vez de subterrâneas), através das previstas barragens do Alqueva, Vigia, Lucivice, Minutos e Veiros, forma que considera a única para solucionar o problema em termos do futuro.

Entretanto, em diversos concelhos surgem agora problemas provocados por grandes atrasos com obras de ligações eléctricas da responsabilidade do CG da EDP, bem como dificuldades de bombagem e de armazenagem de água provocadas pela baixa tensão fornecida, enquanto as CM's do distrito têm prosseguido com campanhas de sensibilização da opinião pública na contenção de consumos.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CAIXA NACIONAL DE PREVIDÊNCIA

AVISO

Avisa-se o público interessado que os Serviços:

-Expediente e Contencioso das Reformas de Militares (DSP-5)

-Expediente e Contencioso de Pensões e Sobrevivência (ex-Administração Ultramarina, DSP-6)

-Abono de Pensões de Aposentação (ex-Administração Ultramarina, DSP-7)*

PASSARAM A FUNCIONAR

na Rua Castilho, nº 233 e deverão ser contactados exclusivamente através dos telefones:

686055	686056	686076	686077
687114	687115	686511	686519
686547	686589	686598	686689
686692	654702	654724	654737
654771	654781	654782	654796

*A partir de 20 Julho

PentAnime-se

SEMANA GASTRONÓMICA DE ANGOLA

(COM EXPOSIÇÃO DE ARTESANATO ANGOLANO)

15 a 22 de JULHO
reserve já a sua mesa

Lisboa Penta Hotel

Av. dos Combatentes 1600 LISBOA Telef. 74 01 41



BARCO

Vendo — 4 metros, fibra — 45c. Atrelado c. novo — 23 c. Motor Tomos 4 cv — 3 meses u. — 17 c. p. ver: frente esq. PSP Miraflores (Algés), atrelado matrícula ET-42-13 Tel. 777792-772948-2100689 — Av. Colun. Bordalo Pinh. 74, 4.º E LISBOA.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Impressos Mod. 1 Livro Actualizado com as novas tabelas) até Maio Vendem-se no

Rei dos Livros

Rua dos Fanqueiros 77-79 Telef. 369545

Baixam não baixam Continua a rábula dos electrodomésticos

Mais um fascículo da rábula dos electrodomésticos e das suas anunciadas baixas de preço como consequência da redução do Imposto de Transacções foi ontem publicado, sendo agora a vez do Governo sair à liça para dizer que têm mesmo de baixar e para especificar quais e quanto deverão sofrer reduções de preços por aplicação da nova taxa de imposto.

O Ministério do Comércio e Turismo difundiu um comunicado sobre as baixas dos preços de electrodomésticos, que considera «significativas para os que beneficiaram de redução do Imposto de Transacções».

A nota desmente pontualmente uma outra da Associação Portuguesa dos Grossistas de Material Eléctrico, sob o título «a verdade dos factos», em que os empresários afirmam que estes artigos «não sofrerão qualquer redução de preços».

O MCT indica «outros electrodomésticos em que se irão verificar obrigatoriamente baixas de preços» para além daqueles considerados pela Associação patronal nomeadamente material de som (reduções de 8 a 33 por cento), renovadores de ar (10 a 20), desumificadores (33 por cento), exaustores de fumos e cheiros (10 a 20), fridores de cabelo (8), hidroextractores (10), máquinas de lavar (25 a 33), máquinas eléctricas de engomar (20 a 33), máquinas de secar roupa (20 a 33), aparelhos de massagens (8) e termoventiladores (10 a 20 por cento).

Todos os secadores de cabelo beneficiarão de uma redução de

20 por cento e as ventoinhas de 10 por cento. Os rádio-relógios acima de cinco mil escudos, 25 por cento e os abaixo desse valor 20 por cento.

Os aparelhos de maior uso serão, especifica a nota do MCT, reduções significativas, que vão dos 10 aos 33 por cento, como aspiradores de valor tributável superior a 4,5 mil escudos (20 por cento), batedeiras — acima de três mil escudos (33), e entre 860 e 12 mil escudos (20).

Esquentadores de valor tributável superior a 15 mil escudos beneficiam de 10 por cento de baixa de preços e entre sete e 17 mil de 20 por cento. Fogões, frigoríficos, e fritadeiras baixarão de preço entre 10 e 20 por cento, à excepção daqueles cujo valor tributável é, respectivamente, inferior a 12,5 mil escudos, 15 mil (para até 200 litros) e 20 mil (acima de 200 litros) e abaixo de dois mil escudos.

As máquinas de fazer café acima de mil escudos beneficiarão de 20 por cento, as de lavar louça (acima de 40 mil escudos, 10 por cento e entre 23 e 45 mil, 20 por cento) e as de lavar roupa (acima de 40 mil escudos) 10 por cento e entre 20 e 40 mil, 20 por cento. As torradeiras acima de mil escudos, baixarão 20 por cento.

Também as televisões, a cores e preto e branco, estão abrangidas pela redução. As primeiras de valor tributável superior a 50 mil escudos baixarão 10 por cento e as entre 40 e 50 mil, 20 por cento.

As a preto e branco, acima de 50 mil, 10 por cento e entre 11 e 50 mil, 20 por cento.

Diz a União dos Sindicatos de Lisboa

“Proposta de lei dos sectores quer entregar a economia aos antigos exploradores”

«A proposta traduz a incontinência da entrega dos sectores fundamentais da economia, como, por exemplo, a banca e os seguros, aos antigos exploradores, centros indispensáveis que são ao exercício pleno do poder económico» — diz a União dos Sindicatos de Lisboa acerca da nova versão da Lei de Delimitação dos Sectores Público e Privado apresentada pelo Governo e que o Conselho da Revolução está em vias de votar.

Como se sabe, a votação devia ter sido feita ontem, na reunião do CR, mas dado o atraso da matéria e as pressões governamentais, nomeadamente através de uma carta de Pinto Balsemão para o Presidente Eanes, foi adiada.

A posição da União dos Sindicatos de Lisboa sobre esta matéria foi ontem divulgada, tendo-nos referido a ela, ainda, que superficialmente, na nossa edição de ontem. Segundo a USL, o insistir-se numa proposta anteriormente rejeitada, como o está a fazer o Governo, «corresponde aos interesses da coligação de partidos, que constituem a maioria parlamentar — e a clientela que a suporta — da reconstituição das antigas formações económicas em benefício dos grandes grupos financeiros nacionais e internacionais».

«A posição da AD, nesta como noutras matérias — diz a USL — como e já igualmente, convicção assente da maioria do povo português, é contrária aos interesses dos trabalhadores e do País e frontalmente viola o espírito da Constituição da República».

Em função destes dados, o comunicado apela directamente para o Conselho da Revolução, dizendo:

«O Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa, interpretando o sentir da esmagadora maioria dos trabalhadores do seu distrito, expressa em sessões de esclarecimento, reuniões de empresa plenárias de zona e comícios, e subscrita em moções e abaixo-assinados que em grande número lhe chegam, manifesta aos Conselheiros da Revolução, que com isenção e critério têm desempenhado a missão que constitucionalmente lhes foi confiada, o seu vivo repúdio por esta prática do Governo que reputam de desestabilizadora e subversiva e exprimem a sua confiança na reestabilização da coerência até hoje demonstrada nos pareceres e posições que têm emitido e assumido nesta matéria».

«A Constituição que nos rege não foi, ainda, alterada nem revogada (esperamos que o não venha a ser para bem do País e do povo em geral) desse modo não pode o Governo violar o seu espírito ou alterar a sua letra» — conclui a USL.

Portugal-CEE

Chegou a vez das pescas nas negociações com a comunidade

As primeiras posições de negociação da CEE com Portugal no capítulo «pescas» estão a ser preparadas pelos serviços da Comissão Europeia, que deverão apresentar, no início de Setembro, um documento final sobre esta matéria.

Depois de aprovado pela Comissão, este documento será entregue ao Conselho de Ministros dos Dez, que estabelecerá, numa declaração oficial, as posições negociais da Comunidade.

A declaração comunitária surge na sequência de um primeiro documento sobre o **dossier** «pescas» apresentado pela delegação portuguesa numa sessão de negociações realizada em Abril.

Segundo um estudo preliminar efectuado pelos serviços da Comissão, o acesso dos pescadores da CEE às águas portuguesas, as relações com países terceiros e a harmonização da regulamentação no âmbito da organização de mercados constituem os principais problemas potencialmente colocados pela adesão neste sector.

Com a adesão portuguesa — indica-se no estudo — as capturas totais da Comunidade aumentarão 6,2 por cento em

volume e 7,6 por cento em valor.

A tonelagem da frota de pesca comunitária sofrerá, por sua vez, um acréscimo de 17 por cento, com uma subida paralela de 27 por cento no nível de emprego do sector piscatório no Mercado Comum.

● **CECIL INVESTE QUATRO MILHÕES** — A SECIL vai fazer um investimento de quatro milhões de contos num novo forno que tem por objectivo a redução do consumo de

energia — informou a Profabril, empresa que fará o projecto.

O contrato de prestação de serviços entre estações de empresas foi ontem assinado, estipulando o início dos trabalhos de construção civil para o mês de Novembro.

O novo forno por via seca será instalado no centro de produção da SECIL, no Outão, prevendo-se que entre em funcionamento em fins de 1983, representando uma poupança de fuel óleo da ordem dos 2400 mil escudos diários, com reflexos de perto de um milhão de contos na balança de pagamentos, num ano.

● **MENOS TURISTAS NA MADEIRA** — No primeiro trimestre de 1981, os hotéis da Região Autónoma da Madeira registaram um total de

601 076 dormidas, menos 10,5 por cento que em igual período de 1980, indicou o Serviço Regional de Estatística.

Este decréscimo, disse à ANOP o Director Regional de Turismo, deve-se, fundamentalmente, à situação política e económica na Europa, nomeadamente do Reino Unido e na Polónia e ainda ao aumento dos combustíveis, que se reflecte no preço dos transportes — acrescentou.

Ribeiro de Andrade adiantou, contudo, que as previsões para o Verão são um pouco mais optimistas.

Este número de dormidas que corresponde a uma entrada de divisas superior a um milhão e meio de contos, teve como principal gerador o Reino Unido, seguido da Alemanha Federal. Portugal Continental figura em quarto lugar.

A realizar nos dias 20 e 21

Cimeira de Otava vai discutir taxas de juro americanas

Os efeitos das altas taxas de juro praticadas pela Administração Reagan vão ser discutidos na cimeira de Otava, que reúne nos próximos dias 20 e 21 os chefes de Estado ou de Governo dos principais países capitalistas.

Para já, sabe-se que a delegação francesa, chefiada pelo próprio presidente Mitterrand, frisarà o carácter inaceitável do desemprego nos países industrializados, desemprego esse acentuado desde que a subida do dólar pressiona até ao intolerável as economias dos parceiros europeus do clube dos ricos.

A França vai realçar a inadaptação de certas medidas correntemente utilizadas para conter a crise económica, nomeadamente a elevação das taxas de juro, a revalorização de moedas e flutuações abruptas nos preços de certas matérias-primas.

Mitterrand também frisarà a situação de miséria e de crescente impossibilidade de desenvolvimento económico no Terceiro Mundo.

A França está interessada em ter uma discussão franca e directa sobre os principais problemas económicos do mundo — disse o porta-voz presidencial, que se referiu a posições do mi-

nistro francês das Relações Exteriores, Claude Cheysson.

Mas mesmo nos Estados — agora que a inflação está em vias de ser contida, à custa das economias europeias, especialmente — vozes se levantam contra a continuidade da escalada das taxas de juro ao ponto de nove membros democratas do Comité Económico Conjunto do Congresso terem ontem recomendado ao presidente Reagan que tome uma iniciativa de reduzir as taxas de juro no mundo, quando da próxima cimeira de Otava.

«As potências ocidentais deveriam chegar a acordar para se absterem de praticar políticas fiscais e orçamentais inflacionistas, evitarem recorrer a taxas de juro elevadas para defenderem as respectivas moedas e ter consultas frequentes a fim de eliminarem todo o sobre-lanço sobre as taxas de juro» — escrevem os parlamentares americanos numa resolução aprovada, sobre o assunto, na quarta-feira.

«Os Estados Unidos, prossegue a declaração, deveriam tomar a iniciativa anunciando a intenção americana de adoptar uma política mais moderada de redução da fiscalidade, o que permitiria uma baixa imediata das taxas de juro».

Défice americano mais alto que o esperado

As elevadas taxas de juro tornam o défice federal dez mil milhões de dólares (650 mil milhões de escudos) mais elevado do que se previa, anunciou ontem o governo norte-americano.

O défice total do Orçamento norte-americano do próximo ano deve atingir 700 mil milhões de dólares.

Num novo cálculo do Orçamento e das perspectivas económicas o Gabinete da Gestão do Orçamento previu, também, que a inflação iria descer mais depressa do que se previa.

Os preços de consumo que subiram 12,4 por cento em 1980, devem crescer 8,6 por cento este ano e 6,2 por cento em 1982.

A previsão sobre as taxas de juro, contudo, é mais optimista. Actualmente, aos níveis máximos de sempre, as taxas de juro a curto prazo devem manter-se acima de 10 por cento em 1982.

Além disso, uma vez que se não prevê crescimento económico para o resto do ano, o desemprego deverá subir para 7,7 por cento em 1981 e permanecer em 7 por cento ou mais alto em 1982, segundo as previsões.

Faltou chuva

no Inverno

Produção de cereais

altamente

prejudicada

A segunda vaga de calor que estamos a atravessar tem contribuído bastante para a destruição dos efectivos pecuários do País, como contribuiu também para agravar, ainda mais, o já precário estado da agricultura, nomeadamente no que se refere a cereais, legumes e frutas.

Mas a convicção de que este será um péssimo ano agrícola vem já de trás e assenta na escassez de chuvas durante o inverno e princípio da Primavera que debilitou os solos e enfraqueceu os caudais que são utilizados na rega durante os meses de Verão.

Por isso mesmo, a produção de cereais deverá ser este ano bastante inferior à do ano passado, como não confirma a previsão do Instituto Nacional de Estatística, publicada no nº 5 do seu Boletim Mensal das Estatísticas da Agricultura e Pescas.

«Prevêem-se quedas de rendimento por hectare de cerca de 25% para o trigo, 2% para o centeio, 12% para a aveia e 25% para a cevada, em relação aos rendimentos médios do ano passado. Relativamente às médias dos últimos dez anos, os rendimentos destas culturas são inferiores, pela ordem das referências, em 27%, 6%, 12% e 34% — diz o INE».

Os rios e lagoas apresentam um aspecto pouco promissor, esperando-se, de qualquer modo, um rendimento unitário inferior em 19% e 23%, em relação ao ano passado e à média decenal, respectivamente.

«Quanto à batata, bastante atingida pelas geadas, a área semeada indica decréscimos de 5% e 3% em relação à área do ano anterior e à média dos últimos dez anos, respectivamente — diz ainda o INE, que acrescenta:

«Em alguns distritos o rendimento das espécies tradicionais, que apresentavam, como regra, uma floracção sanitária, tem sempre decréscimo nas melhores condições de cultivo — os parâmetros climáticos, que poderão afectar as produções».

De pacote em pacote aperta-nos o FMI o cinto

Aumentos de preços de alguns bens essenciais e restrições ainda mais fortes ao crédito são a súplica da conferência de Imprensa em que Morais Leitão vai, amanhã, revelar aos portugueses a nova receita de austeridade inspirada nos cânones do FMI.

Os homens do Fundo Monetário Internacional estão ali inspeccionando, fiscalizam, ditam lei. O Governo faz-lhes cara bonita e antes da aplicação das medidas condicionantes da concessão de mais um empréstimo gigante — agora, disseram-nos, para investimento — avança algumas das que poderão vir a ser adoptadas, antecipando-as no tempo e criando assim o clima propício

ao relacionamento futuro entre os amigos que são os homens de Washington e as figuras da coligação maioritária representada no Governo.

De concreto sabe-se que sobre, uma vez mais, os combustíveis — possivelmente a gasolina em 2550 — pelas razões expostas e também pela alta do dólar (moeda com que são feitos os pagamentos de combustíveis) nos mercados internacionais. Também as taxas de juro deverão subir ou, então, serão dadas ordens à banca para restrições quantitativas ao crédito até aos «plafonds» que os «cérebros» do FMI acharem convenientes.

Hoje volta a reunir o Governo, que já tratou a questão na terça-feira para ultimar a preparação

do pacote. Depois será a vez dos ministros Morais Leitão, Salão Horta (da Indústria e Energia) e o secretário de Estado do Comércio, Walter Marques, ditarem a nova dose para os microfones e as canetas. Por detrás, os homens cinzentos do Fundo, apertando um furo mais o cinto dos

portugueses; tal como tinha sido repetidamente avisado pela oposição quando Sá Carneiro e a sua muleta para a economia, o prof. Cavaco e Silva, embarcavam de demagogia em demagogias de Outubro do ano passado, o resultado daqueles nove meses de Governo Interdual está e vai continuar a deixar marcas na vida dos portugueses.

a paladra com...

Mário
Murteira

A grande e as pequenas crises

A partir de meados dos anos 70 — mais ou menos quando em Portugal o 25 de Abril despertava as grandes esperanças populares que depois murcharam até o poder ser de novo recuperado, pelo voto popular, por aqueles que mais se identificavam com o passado — a partir de 74/75, dizia, as economias capitalistas dominantes entram em fase de confessada «crise» que, hoje, mesmo instituições tão fiéis à (des)ordem estabelecida como o Banco Mundial, reconhecem persistente, profunda e de saída distante e incerta. Esta «grande crise» é por isso mesmo comparada por muitos à situação dos anos 30, a Grande Depressão, que marcaria a história da primeira metade do século e donde o capitalismo e o mundo inteiro só saíram, através de grandes e dramáticas convulsões, após a 2.ª Guerra Mundial. Neste novo contexto de crise generalizada sucedem-se as «pequenas crises» à escala nacional, mais ou menos diversificadas e complexas nas suas componentes. A portuguesa é um exemplo que tem talvez de mais original a circunstância de ter sucedido a uma tentativa anticapitalista que, ao falhar, não conduziu à ditadura reaccionária — como tem acontecido em muitos casos históricos bem conhecidos — mas antes ao que poderíamos chamar de gestão democrática da transição capitalista, gestão aliás em grande parte assegurada por um partido socialista no poder.

Mas a questão que me interessa hoje evocar ao leitor é a articulação entre essa actual crise portuguesa e a grande crise envolvente, a cujo reconhecimento dificilmente o mais distraído do espectador do Telex-jornal conseguirá escapar-se. E ainda que as tendências dominantes nos chamados meios de comunicação social nos intoxiquem ou distraiam com peripécias de segunda ou terceira ordem que entretêm grande parte dos políticos nacionais, até o conceituado comentador político do Expresso reconhece que as questões cruciais da política portuguesa residem na economia. Simplesmente, em certa perspectiva política, o apelo económico só se traduz em mais austeridade, maiores restrições, etc. por causa do cruel desequilíbrio externo que importa sanar, após o que poderemos prosseguir em andamento de cruzeiro, sob a protecção almejada e imaculada da Santa C.E.E. (mais santa que a própria Santa Sé, dir-se-ia!).

Esta visão estreita e (de certo modo) desesperada, pelo menos desesperante, da questão eco-

nómica é talvez a componente mais perigosa da ideologia que sustenta o actual poder, embora não tenha bastado para sustentar o anterior (refiro-me aos governos de dominante socialista).

Por isso interessa tanto combatê-la, e aí encontro a principal motivação desta crónica semanal que agora se inicia, tendo embora consciência de que é uma enorme tarefa colectiva que está em causa, tarefa que requer meios bem para além da tranquila feitura de artigos de jornal. (Mas, como diz a sabedoria popular, cada um dá o que tem. Vamos, pois, ao assunto).

Fatal como o destino, essa grande crise vem-nos pela pequena crise doméstica ou é a crise doméstica que abre, imprudentemente, portas e janelas ao temporal que sopra à nossa volta? Quando, cada vez mais austeros, pensamos que tratamos da doença não será, bem ao contrário, a doença que trata de nós?

Questões fundamentais que não têm, é certo, respostas simples. Se a nossa crise interna tem dimensões próprias que é necessário conhecer para agir correctamente, não é menos verdade que não será possível encontrar a orientação correcta para combatê-la sem partir dum juízo mais global sobre a tal «grande crise» de que falei. Sobre ela, adiantarei agora apenas dois ou três aspectos que me parecem relativamente indiscutíveis para qualquer observador objectivo e razoavelmente informado.

A primeira, refere-se à natureza distinta desta em relação à Grande Depressão dos anos 30. Poderemos compará-las superficialmente nalgumas das suas manifestações, na sua própria amplitude, mas o essencial dos dois períodos de perturbação no processo capitalista mundial, não poderá ser idêntico (a não ser, talvez, a nível da grande abstracção teórica) pois que a História não se repete e a trajetória do capitalismo, ascende ou desce, também não se detém nas mesmas estações.

O que há basicamente de novo é uma estrutura distinta de relações económicas internacionais: em meio século, essas relações transformaram-se qualitativa e quantitativamente a um ritmo de mudança jamais verificado nas sociedades humanas. A questão é de tal maneira flagrante que as correntes reformistas (ou social-democratas) não hesitam em falar da necessidade dum «novo Keynesianismo» para sair da crise. Isto é: tal como a América do New Deal e de Roosevelt promove o sindicalismo para alimentar a engrenagem do crescimento, e a política macro-

-económica inspirada por Keynes, reparte o rendimento e a riqueza de forma menos injusta, com o mesmo propósito, também agora — dizem-nos Willy Brandt e Cheysson, entre outros — o Norte desenvolvido deverá ser generoso com o Sul subdesenvolvido, porque existe (segundo eles) complementaridade ou solidariedade de interesses. Dito doutra maneira: seria de interesse do próprio sistema relacionar-se doutra forma (a tal Nova Ordem Económica Internacional) com os povos que outrora — mais claramente ainda do que hoje — exploraram e oprimiram.

A segunda ideia importante é a flagrante incapacidade dos mecanismos de política económica nos capitalismos avançados, que funcionaram com êxito no terceiro quartel do século, para superar as actuais dificuldades. E as «descobertas» neo-liberais e monetaristas, quando não disfarçam interesses do capitalismo transnacional ou pós-nacional, de que alguns falam, revelam-se tão patetas nos resultados como nas cabeças de quem as pensa. Por isso «crise» é sinónimo, afinal, de capitalismo des-regulado, sem rei nem roque, sem razão de ser nem querer. Daí os Reagan, Haig, Thatcher e quejandos instalados — provisoriamente — no poder. E recordo a orgulhosa afirmação de Paul Samuelson (Prémio Nobel), ilustre cérebro do MIT, ao afirmar numa das muitas edições do seu manual de Economia que o único problema que a teoria económica (burguesa) ainda não resolvera seria o da inflação. Esse, e o do desemprego, da pobreza absoluta e relativa, dos pagamentos internacionais, do conflito de interesses entre empresas nacionais e multinacionais, etc., etc.

A terceira ideia tem a ver com a ideologia segregada pela crise, ideologia que nos invade também a casa, por exemplo ao alimentar o desespero pelo futuro, a crença na probabilidade da guerra generalizada (senão inevitabilidade), ao somar profecias trágicas sobre as vizinhanças do ano 2000 (pobre ano redondo, sem culpa dos três zeros!), e acima de tudo, ao criar o deserto como caminho necessário para parte alguma.

A «pequena» crise portuguesa tem de ser vista neste contexto. São os óculos que nos põem que criam a miopia. Precisamos de deitá-los fora para descortinar a realidade, sem dúvida resistente nas suas dificuldades, mas não mais nem menos do que outras épocas também críticas poronde já passámos.

Com a oposição dos sindicatos Despedimentos na indústria automobilística britânica

A «Vauxhall Motors», subsidiária britânica da «General Motors Corp.», anunciou em Londres planos para despedir mais dois mil trabalhadores.

Esta decisão pretende reduzir a força de trabalho «a um nível consentâneo com as actuais perspectivas de negócio».

Estes despedimentos surgem na sequência de outros seis mil postos de trabalho suprimidos já

este ano, a fim de reduzir a força de trabalho a 21 mil empregados.

Um porta-voz da companhia afirmou que estes despedimentos foram necessários em face das vendas de veículos comerciais.

O porta-voz declarou que as vendas de camiões têm sido um «verdadeiro desastre desde o início do ano».

Após reuniões entre a empresa e dirigentes sindicais, estes qualificaram os novos despedimentos de «inaceitáveis» e afirmaram existir formas mais correctas de reduzir os encargos.

No ano passado, a Vauxhall apresentou um saldo negativo recorde de 83 milhões de libras, saldo este que ao longo deste ano tem continuado negativo.

pessoas & factos

César Torres homenageado ontem como «Personalidade Turística do Ano»

Alfredo César Torres presidente do Automóvel Clube de Portugal e director do Rallye de Portugal, prova que por diversas vezes conquistou o galardão da «melhor do mundo», foi ontem homenageado com um jantar no Hotel Estoril Sol, pela Associação dos Directores de Hotéis de Portugal, que recentemente lhe atribuiu o título de «Personalidade Turística do Ano».

A justificação para a atribuição deste título fundamenta-se no importante trabalho desenvolvido por César Torres no automobilismo desportivo, e designadamente como director e organizador do Rallye de Portugal, cujo prestígio teve importantes reflexos no turismo nacional pela imagem positiva que criou ao País nos diversos mercados estrangeiros.

Estiveram presentes cerca



de uma centena de pessoas, entre as quais o presidente da Assembleia da República, o ministro da Qualidade de Vida, o secretário de Estado e o director-geral do Turismo, o presidente da Câmara Municipal de Cascais e o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Diversos oradores enalteciam o trabalho desenvol-

vido por César Torres ao longo de vários anos, ao qual se pode juntar também a posição de prestígio que conquistou para o Automóvel Clube de Portugal e para o desporto nacional na qualidade de dirigente destacado da Federação Internacional de Automobilismo.

Homenagem justíssima só tem de estranho o facto de terem sido os directores de hotéis os primeiros a promovê-la já que, pelos vistos, os organismos oficiais do turismo parece ignorarem tudo quanto ultrapasse as meras acções burocráticas e nunca se lembraram do homenageado que até tem uma condecoração atribuída pelo Presidente da República, por idênticas razões às que justificaram a iniciativa da Associação dos Directores de Hotéis de Portugal.

Arte e indústria (em Itália)

vão divulgar a cultura do país

O presidente da Candy, Nino Fumagalli, e o director do Scala de Milão, Carlo Maria Bandini, firmaram um acordo para divulgação da cultura italiana no mundo.

É a primeira vez que uma companhia industrial vai patrocinar acontecimentos culturais e artísticos do Teatro Scala de Milão.

A primeira realização resultante deste acordo é uma tournée dos bailarinos da-quele Teatro pelos Estados Unidos, em que estarão presentes Carla Fracci e Rudolf Nureyev para dançarem

«Romeu e Julieta» e «Giselle», acompanhados do respectivo ballet.

A notícia causou profunda surpresa nos meios artísticos e económicos italianos mas foi no entanto considerada como um passo importante e um exemplo a seguir a bem da cultura e da economia italianas.

A Candy é um grupo italiano com seis fábricas em Itália e uma no estrangeiro para a produção de electrodomésticos, que nos últimos anos tem vindo a firmar uma importante posição nos mercados de todo o mundo.

Hidrogénio líquido

melhor candidato a combustível do futuro para aviões

Se não for rapidamente estudada tecnologia de hidrogénio até um nível comparável àquele conseguido no combustível sintético e de metano, a escassez inevitável de petróleo forçará as nações que dele se utilizam a adoptarem rapidamente a solução com base no carvão, para os combustíveis dos aviões a jacto, o que fará com que o problema passe das nações que não dispõem de recursos petrolíferos para as nações que não dispõem de recursos de carvão.

Esta opinião é de Willis M. Hawkins, presidente de Comissão Executiva ad-hoc para o Hidrogénio de aviação, e foi

expressa no decurso da sua alocução no Simpósio Internacional Aeroespacial.

Este técnico, director reformado da Lockheed, é desde há muito tempo apologeta do combustível de hidrogénio líquido e está presentemente envolvido no grupo internacional de apoio governamental e industrial à utilização do hidrogénio.

Hawkins fundamenta a sua preferência no facto de as companhias de aviação necessitarem de um abastecimento regular de combustível por todo o mundo e de o hidrogénio poder ser produzido com qualquer fonte de energia.

Portugal coopera com a RPM

no domínio da Informática

A informática é uma das áreas onde a cooperação de Portugal com a República Popular de Moçambique vai ser desenvolvida, como meio de apoio à organização e à gestão das unidades produtivas e serviços daquele país.

A venda de um «package»

de controlo de existências e gestão de stocks da Norma a uma unidade produtiva moçambicana acaba de ser formalizada, devendo muito em breve seguir para o Maputo um técnico daquela empresa, que procederá à implantação do referido produto e ao apoio à reorganização local.

Cursos sobre Segurança Informática

Cursos e seminários sobre Segurança Informática, estão a ser organizados pela NORMA para os seus clientes.

Além dos aspectos da chamada segurança física (pro-

tecção contra incêndios, controlo de acesso à área de computadores, etc.), também é abordada a «segurança lógica» (controlo de acesso a ficheiros, controlo de acesso aos programas, etc.).

Filme português

premiado

no Festival

Internacional

do Filme

Publicitário

de Cannes

O «Prix National», para Portugal, do 28.º Festival Internacional du Filme Publicitaire de Cannes — 1981, que exhibe em concurso centenas de filmes publicitários produzidos em todo o mundo, foi atribuído à agência Plano-Publicidade e ao produtor cinematográfico Panorâmica 35.

Rodado em 35 mm e com a duração de 20 segundos, o filme refere-se ao título «Hand» — Black e Decker, e exhibe várias sequências duma mão humana tentando em vão furar, serrar e polir uma prancha de madeira, só o conseguindo com o recurso àquelas ferramentas eléctricas.

Portugal esteve este ano representado por dez filmes enviados por diversos produtores nacionais, tendo sido este o único galardão obtido.

Infloplan

e Nacional Rádio

homenageiam

repórteres

fotográficos

O realizador da EDP, Paulo Fernando, foi o contemplado com rádio «Satellite 1400», aparelho de grande potência que capta emissoras de todo o mundo, no primeiro Encontro Nacional Rádio.

O prémio foi-lhe entregue anteontem durante um «cocktail» realizado no «Pátio Alfacinha», para o qual a Nacional Rádio convidou «apenas, mas todos» os repórteres fotográficos da Imprensa portuguesa, com a condição de não levarem máquina fotográfica.

Foi uma forma de homenagear estes profissionais da informação pela Infloplan, uma divisão da McCann-Erickson/Hora especializada em comunicação social.

24 horas

REIVINDICADO ATENTADO DE BRUXELAS — O atentado durante o qual dois membros da Embaixada jugoslava em Bruxelas ficaram gravemente feridos, na passada terça-feira, foi reivindicado por uma organização nacionalista croato-albanesa a «HDP». Numa chamada telefónica anónima para a agência alemã ocidental «DPA», em Stuttgart, um homem de pronúncia estrangeira, indicou que o «HDP» tinha por objectivo realizar a «independência da Croácia e o regresso dos territórios albaneses» actualmente sob controlo jugoslavo à Albânia.

PNEUMONIA ATÍPICA: MAIS DUAS MORTES — Morreram mais duas mulheres durante as últimas 24 horas, em Madrid, por causa duma «pneumonia atípica» provocada pelo consumo de óleo adulterado, soube-se hoje de fonte oficial. Estas duas mortes elevam para 68 o número de vítimas deste envenenamento desde o passado mês de Maio.

CENTRAIS NUCLEARES SOVIÉTICAS — Andrei Kirilenko, membro do Politburo do Comité Central do PC soviético, sublinhou num discurso em Moscovo a necessidade de aumentar, durante o presente plano quinquenal (1981-1985), a capacidade das centrais nucleares na URSS, anunciou a agência «TASS». «Estas centrais deverão fornecer 24 a 25 milhões de kwts suplementares, ou seja cerca de três vezes mais do que durante estes últimos cinco anos», acrescentou Kirilenko, durante uma «conferência sobre o desenvolvimento da energia atómica».

CONGRESSO EUCARÍSTICO — Inicia-se hoje em Lourdes o 42º Congresso Internacional Eucarístico, que terá como tema «Jesus Cristo, Pão Repartido para um Mundo Novo». O Papa João Paulo II, devido à doença que o aflige, não pode estar presente, pelo que se faz representar pelo cardeal africano Bernardin Gantin, antigo arcebispo de Cotonou, no Benin.

FRANÇA-LÍBIA — O Governo francês decidiu cumprir os contratos assinados e em vigor «em todos os domínios» com a Líbia. Esta decisão implica o fim da suspensão relativa aos contratos de armamento, assim como a aplicação de um contrato entre a firma «ELF-Aquitaine» e o Governo de Trípoli, sobre a atribuição de uma licença de pesquisa de petróleo — afirma-se nos meios competentes.

TÚNEL SOB A MANCHA — A Comissão Europeia do Túnel Sob a Mancha anunciou que escolheu dois projectos de entre as várias propostas feitas em Janeiro para a sua construção. O primeiro projecto — um túnel de 6,02 metros de diâmetro, que responde às propostas dos caminhos-de-ferro franceses e britânicos, custaria aproximadamente 752 milhões de libras (cerca de 83 mil milhões de escudos). O segundo, com 6,85 metros de diâmetro, custaria 806 milhões de libras (cerca de 91 mil milhões de escudos).

GRAVES INUNDAÇÕES NA CHINA — Chuvas torrenciais estão a causar as maiores inundações desde 1949 na China central, pondo em perigo dois milhões de pessoas — foi anunciado ontem em Pequim. Na semana de 9 a 14 de Julho, as cheias destruíram 1700 casas na província de Guizhou, causando um número ainda indeterminado de mortos e feridos, referiram a estação oficial de televisão e a Rádio Pequim.

SATÉLITE INDIANO — Os cientistas conseguiram repor hoje em órbita correcta o primeiro satélite de comunicações da Índia, com a ajuda de pequenos foguetões acoplados. O director do centro espacial indiano, U. R. Rao, disse aos jornalistas em Bangalore que o satélite «Maçã» foi colocado na sua posição pré-determinada, com o disparo de impulsos durante 75 segundos. O satélite foi enviado para órbita em 19 de Junho, a bordo do transportador europeu «Ariane», que foi lançado de Kourou, Guiana Francesa.

ATENTADO EM BANGUI — Confirma-se de fonte diplomática em Paris que se realizou um atentado ontem à noite num cinema de Bangui, (República Centro Africana), o qual fez quatro mortos, entre os quais um europeu, e vários feridos entre eles três cooperantes franceses que teriam ficado em estado grave. Segundo a mesma fonte, registaram-se duas explosões na sala de cinema pelas 21.30 horas locais de anteontem.

A GUERRILHA NA COLÔMBIA — Vinte e três pessoas foram mortas na província de Caqueta, no Sul da Colômbia, durante violentos combates entre tropas regulares e guerrilheiros, anunciou o Ministério da Defesa. O major Arevalo, responsável do serviço das relações públicas das Forças Armadas, indicou que 12 militares e 11 guerrilheiros do «M-19» tinham morrido no decurso dos recontros. O recolher obrigatório e a lei marcial foram decretadas em 12 conselhos da região florestal de Caqueta, e os transportes fluviais e rodoviários foram interrompidos, precisou igualmente o mesmo major.

PARA LEVANTAR MORAL — O presidente da Câmara de Santiago do Chile ordenou o encerramento de nove bares «Top-Less», na capital chilena, numa medida destinada a levantar a moral pública da cidade. Uma das bailarinas daqueles bares referiu, alto e bom som: «Este trabalho é tão honesto como o do sr. presidente da Câmara». Acrescentou que na sua profissão «tudo é artístico». Uma outra profissional anunciou: «Vamos entregar os nossos biquínis ao sr. presidente, já que ele nos quer ver sem trabalho e, portanto, nuas, porque não teremos dinheiro para nos vestirmos».

PRESO POR ESPIONAGEM — Um antigo oficial do Exército norte-americano foi detido pelo FBI sob a acusação de ter fornecido à União Soviética informações sobre decodificação de mensagens consideradas vitais para a defesa dos Estados Unidos.

ATENTADO EM BELFAST — O IRA reivindicou a responsabilidade do atentado à bomba que ontem danificou fortemente o hotel «Wellington Park» em Belfast. Uma bomba tinha sido colocada numa caixa de cervejas perto das cozinhas do estabelecimento situado perto do centro da cidade. Um turista foi ferido por estilhaços de vidro. Os ocupantes do hotel tinham sido evacuados depois de terem sido alertados por um telefonema anónimo sobre a iminência da explosão.

Situação “muito grave” na fronteira israelo -libanesa

A situação na fronteira israelo-libanesa era julgada «muito grave» ontem à noite pelos observadores, depois do violento bombardeamento palestino sobre toda a região norte de Israel (Galileia), que fez três mortos e 26 feridos, segundo o último balanço comunicado pelo porta-voz do exército israelita.

Estes bombardeamentos foram os mais violentos desde a guerra israelo-árabe de Outubro de 1973. Desde o atentado dum comando palestino contra um «kibutz» na fronteira, em Misgavam, em Abril de 1980, que não se registaram vítimas civis israelitas na região.

Segundo o porta-voz da FINUL (Força Interina das Nações Unidas no Líbano), 120 granadas foram disparadas durante mais de uma hora, a partir do Líbano sobre este sector norte de Israel, numa frente de 50 quilómetros. Além disso, 150 granadas de artilharia atingiram o enclave sul-libanês controlado pelo libanês «dissidente» comandante Saad Haddad, aliado de facto de Israel.

A artilharia israelita e a das milícias fascistas de Haddad entraram imediatamente em acção.

As autoridades israelitas decretaram funerais nacionais para os três mortos civis.

Por toda a Galileia as medidas de segurança foram reforçadas e a tensão continuava viva na noite passada.

Israel sempre ripostou no passado aos ataques contra a sua população civil. Mas uma réplica de envergadura, pensam os observadores, comporta o risco duma conflagração maior. A crise dos mísseis sírios no Líbano não está ainda resolvida e a missão de Philip Habib, o emissário especial do presidente Reagan incumbido de encontrar uma solução diplomática para o conflito latente, parece comprometida. Israel e a Síria mantêm-se intransigentes.

Consequência prática previsível: a formação do novo governo Begin poderá ser acelerada e, é opinião geral, este gabinete deverá ser mais homogêneo e mais «duro» do que o anterior, nomeadamente em política externa.

No Sinai: força multinacional com 50 por cento de americanos

Reunido em sessão extraordinária, o Governo israelita aprovou por unanimidade o acordo para a formação de uma força multinacional encarregada de zelar, no Sinai, pelo respeito ao tratado de paz israelo-egípcio.

Em comunicado difundido ontem, o Governo israelita esclarece que a referida força será ali instalada o mais tardar até 25 de Março de 1982, o que corresponde a uma data um pouco anterior à da retirada do Exército israelita do Sinai, marcada para 26 de Abril do mesmo ano. O acordo será agora submetido, para ratificação, ao Parlamento israelita.

Violência policial em Inglaterra

Os incidentes violentos no bairro londrino de Brixton, no seguimento de uma rusga policial, ontem à noite, provocaram ferimentos em dez agentes e a prisão de seis pessoas — anunciou hoje a Scotland Yard.

Membros do Conselho Municipal do bairro criticaram a forma «diabolicamente selvagem» como os polícias destruíram mobilias, janelas, vestuário e te-

Edward Giersek, antigo primeiro-secretário do Partido Operário Unificado Polaco (POUP) e seis dos seus mais próximos colaboradores foram excluídos do Partido ontem à noite.

Esta medida foi adoptada por uma esmagadora maioria entre os cerca de 2000 delegados ao nono Congresso Extraordinário do POUP.

Os congressistas acolheram com manifesto agrado o discurso do vice-primeiro-ministro Rakowski que pediu ao partido que se abrisse «a todas as orientações políticas que sejam fundadas no socialismo». Este triunfo contrastou com o revés ontem sofrido pelo primeiro-secretário Stanislaw Kania, cuja eleição se esperava logo no primeiro dia do Congresso e que parece agora comprometida.

A reeleição nessa altura teria reforçado o prestígio de Kania, habilitando-o a impôr a sua linha no Congresso e a influenciar a eleição e a composição do novo Comité Central. Que os delegados tenham precisamente escolhido o caminho inverso, elegendo o CC antes do chefe do partido, torna agora menos segura a recondução de Kania.

Por outro lado, soube-se que foi ontem divulgado entre os congressistas um documento que tende a demonstrar a implicação de Kania na repressão das greves de 1970. O documento segundo algumas fontes, teria contribuído

Edward Giersek expulso do

Kania será provavelmente no cargo de primeiro

para empalidecer a imagem do actual primeiro-secretário.

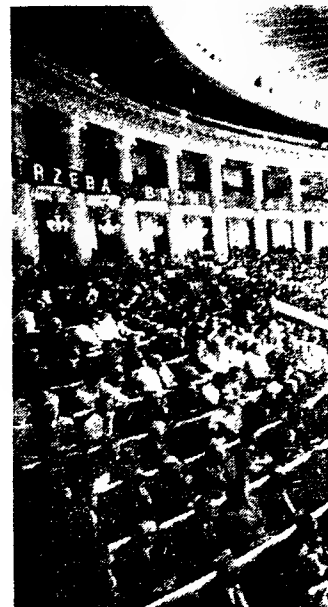
Rakowski substituirá Kania?

O vice-primeiro-ministro Mieczyslaw Rakowski apresentou-se ontem como opção, perante o congresso para o posto de primeiro-secretário, num discurso resolutamente reformista que lhe valeu um autêntico triunfo da parte dos cerca de 2 mil delegados.

Várias vezes interrompido pelos aplausos, Rakowski teve direito a uma ovação no fim da sua intervenção, o que não sucedeu com nenhum dos seus antecessores na tribuna.

Depois de denunciar as «forças pequenas mas barulhentas» que «procuram desmantelar o partido», assim como os «radicais do 'Solidariedade' e as forças que se escondem atrás desse sindicato», o vice-primeiro-ministro atacou sobretudo os «conservadores» que consideram «que qualquer reforma atenta contra o socialismo» e cuja atitude «paralisou» o Comité Central e o secretariado político.

«Temos de parar de ter medo, lançou Rakowski, de ter medo dos agricultores que desejam ser donos da terra. Cessemos de ter medo da autogestão, de ter medo de todos os que dizem que sem eles tudo se vai desmoronar». «Será quando paramos de ter medo, acrescentou, que ven-



Um aspecto da sessão de ontem

ceremos no plano ideológico e no plano político».

«Devemos ser um partido aberto a todas as orientações políticas que se fundam numa base socialista (...) devemos ser audaciosos no lançamento de novas ideias (...) devemos abandonar o conceito de uma frente unida de todos os partidos (PC, Partido Camponês, Partido Democrático) e fundar uma nova aliança (...) de acordo com os católicos e com as outras organizações que

Dirigentes da Internacional debatem situação in

O antigo chanceler da Alemanha Federal Willy Brandt inaugurou ontem uma reunião privada de dirigentes da Internacional Socialista retomando as conversações que recentemente travou em Moscovo a propósito do desarmamento nuclear da Europa.

O secretário-geral do PS português Mário Soares, acompanhado de outros dirigentes socialistas portugueses, participa na reunião.

Dirigentes governamentais socialistas da Europa ocidental. África e América do Norte participam no Encontro, incluindo o chanceler austríaco Bruno Kreisky, o primeiro-ministro norueguês Harlem Brundtland, Anker Joergensen da Dinamarca e Kalevi Sorsa da Finlândia.

Os dirigentes partidários Felipe Gonzalez da Espanha, Shimon Peres de Israel e Michael Manley da Jamaica, Joop den Uyl da Holanda e Michael Foot

da Grã-Bretanha figuram também entre os participantes.

Entre os temas a debater contam-se as relações Este-Oeste, o diálogo Norte-Sul entre as potências industrializadas e os países em desenvolvimento e a situação na América Central principalmente em El Salvador.

Brandt disse que o presidente Leonid Brejnev lhe falara durante a sua estadia em Moscovo em

«novas nuances» na abordagem soviética das negociações sobre os planos da NATO para instalar novos mísseis nucleares na Europa Ocidental em 1983, e sobre os mísseis soviéticos SS-20 que estariam actualmente a ser instalados em território europeu da União Soviética.

Brandt exortou os governos escandinavos a encetarem conversações com Moscovo com vista à criação de uma zona des-

Não há tréguas em entre Alencares e Sampaio

No pequeno município de Exu, Brasil, foi assassinado, no fim-de-semana, um indivíduo de nome Walter Alencar — última vítima de uma velha disputa entre famílias.

A história teve início em 1949, quando José Aires Alencar assassinou o chefe da família rival, Romão Sampaio e, imediatamente, os filhos de Romão Sampaio assassinaram o pai de José Aires, Cincinato Alencar.

A partir daí, a guerra não mais terminou e, ao longo dos últimos 32 anos, o número de vítimas já ascendeu a 23, o que diz bem da vontade dos habitantes de Exu de honrarem o nome da terra que, em

dialecto indígena, significa cidade do diabo.

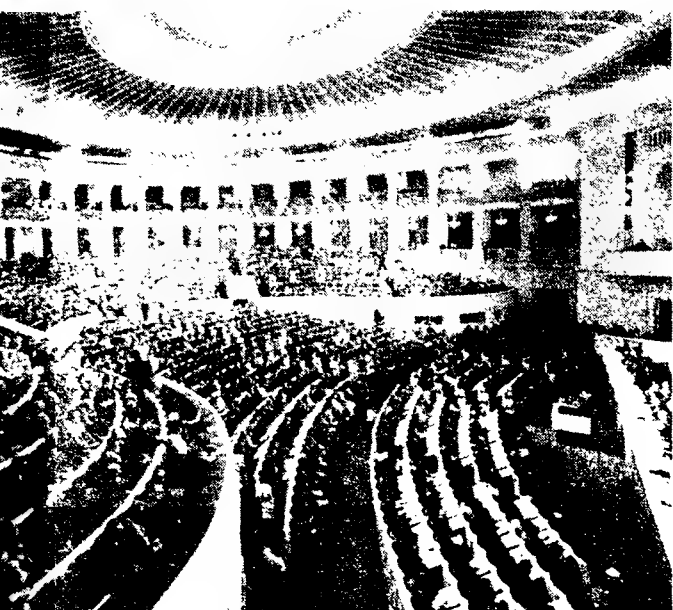
O último assassinio, de que é acusado o jovem Genésio Sampaio Peixoto, de 19 anos, cujo pai, Hamilton Sampaio Peixoto, foi assassinado em 1972 por dois sobrinhos de Walter Alencar, deverá como os anteriores, ficar impune, já que, segundo a Polícia, não existem provas suficientes para prender o suspeito.

Também as testemunhas do crime não parecem dispostas a prestar declarações, por recearem represálias.

Dada a situação, a câmara municipal de Exu está encerrada por falta de vereadores

do POUP

ente substituído ro secretário



ntem do nono congresso extraordinário do POUP UPI/Anop/DL

funcionam na Polónia (...), uma aliança livre de qualquer doutrina».

«Os revisionistas e as tendências antimarxistas, acrescentou, devem ser vencidos. Se-lo-ão quando estivermos livres de qualquer doutrina absoluta».

«Se soubermos agir com cuidados, disse ainda, poderemos ser uma esperança para o socialismo, em vez de ser o homem doente dele».

Rakowski, cujo discurso era o de um líder fez aplaudir o

primeiro-ministro, o general Wojciech Jaruzelski, ao qual prestou homenagem, mas não teve nem uma palavra para o primeiro-secretário Stanislaw Kania.

Este detalhe não escapou aos delegados que deviam reunir-se à porta fechada uma hora depois para escolher os candidatos ao Comité Central, antes de levarem a cabo ainda hoje ou amanhã de manhã a eleição propriamente dita do novo Comité Central.

ional Socialista internacional

nuclearizada na Europa do norte.

Schmidt céptico

O chanceler Helmut Schmidt, que se opôs à recente viagem de Willy Brandt a Moscovo, confirmou na sua intervenção o seu cepticismo em relação à proposta de moratória soviética sobre os euromísseis, indicam fontes próximas da conferência.

Esta moratória, comentou Schmidt, apenas serviria para selar o desequilíbrio existente a favor da URSS no domínio dos mísseis de médio alcance, referem as mesmas fontes.

Por seu turno, o chanceler austríaco Bruno Kreisky, qualificou, numa entrevista ao segundo canal da TV alemã federal, como «muito úteis», os resultados das conversações entre Willy Brandt e Leonid Brejnev em Moscovo.

em Exu Sampaio

até às eleições do próximo ano, o que é uma situação inédita na política brasileira.

Como medida preventiva está proibida em Exu a venda de bebidas alcoólicas depois das 20 horas, enquanto os cidadãos não relacionados com as famílias rivais, evitam, por todas as formas, falar de política.

Com 18 mil habitantes, enclavado na paupérrima região de Araripe e quase isolado de todo o restante Estado de Pernambuco, Exu, onde só há dois anos existe televisão, é um município assustado com o futuro imprevisível deste círculo vicioso de vinganças, que se transformam numa verdadeira «cidade do diabo».

France Presse, Inter Press
tina

Comemorações do levantamento franquista causam tensão em Espanha

O partido de extrema-direita «Fuerza Nueva» confirmou ontem a realização deste fim-de-semana de diversos actos comemorativos do levantamento de 18 de Julho de 1936, no Vale dos Caídos e em Aranjuez, arredores de Madrid.

Naquela data, tropas nacionalistas sublevaram-se contra a República espanhola, dando origem à guerra civil de três anos que terminou com a vitória das forças comandadas pelo general Franco.

Entretanto, aumenta a polémica e o receio de possíveis incidentes depois de as autoridades socialistas e comunistas da região de Madrid e do município de Guadalajara, de quem são propriedade as praças de toiros, terem impedido a realização dos referidos actos nas mesmas.

Por sua vez, o presidente da câmara de Aranjuez, Eduardo García, militante do partido de

extrema-esquerda ORT conferenciou com o governador civil de Madrid, procurando impedir que se celebrem tais actos naquela localidade no dia 18.

Também se reuniu em sessão extraordinária, a Câmara Municipal de Aranjuez, com o mesmo objectivo. O «alcalde» anunciou que pedirá a população local que abandone a cidade quando chegarem os ultradireitistas. Associações de moradores e comissões de trabalhadores de empresas locais também se reuniram para tratar do mesmo assunto.

No entanto, o Governo não parece disposto a impedir estas comemorações, pois que estão a ser organizadas por um partido legalizado e se realizam num recinto fechado.

Mas nos meios políticos comenta-se a inconveniência da comemoração de um acto de guerra, num momento em que se

procura a conciliação entre todos os espanhóis e num recinto que é propriedade do património nacional. Temem-se incidentes, principalmente depois dos provocados ontem em Madrid, quando jovens da extrema-direita que colavam cartazes alusivos às comemorações do 18 de Julho agrediram crianças bascas que se encontravam em excursão à capital organizada pelo PSOE. Os jovens lançaram pedras e um «cocktail Molotov» contra os autocarros em que viajavam mais de 100 crianças e partiram os vidros de um deles.

Tal como em anos anteriores, o partido da extrema-direita e a Federação de ex-combatentes que organizaram as comemorações do 18 de Julho, tinham prevista a utilização da praça de toiros de Las Ventas, em Madrid, propriedade do Governo Civil, à frente do qual estão os socialistas e os comunistas. O presi-

dente do governo distrital não autorizou a cedência da praça aos dirigentes da «Fuerza Nueva», que tentaram depois a de Guadalajara, onde também não obtiveram êxito, pois o município, proprietário da praça tem maioria socialista.

No entanto, a direcção do património nacional, proprietário da praça de toiros de Aranjuez, autorizou a sua utilização, apesar da oposição das autoridades municipais.

Nos meios políticos tem-se manifestado preocupação pelos possíveis incidentes e o secretário-geral da União Geral dos Trabalhadores enviou um telegrama ao ministro do Interior Juan José Rosón, responsabilizando o Governo pelas consequências da concentração prevista.

(Manuel Lopes, da Anop)

NOVAS INSTALAÇÕES DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Barreiro

VILA DE GRANDE IMPORTÂNCIA INDUSTRIAL

A PARTIR
DE 13 DE JULHO

Av. Alfredo da Silva Nº 151
Tel. 2074972



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



PRAIAS

PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS

VOOS ESPECIAIS DIRECTOS

8e15 DIAS * 12P AIR PORTUGAL

BALEARES

PALMA de MAIORCA

DESDE 14 190\$

PARTIDAS JUL 13 20 27

AGO 3 10 17 24 31 • SET 7 14

PEÇA O PROGRAMA DETALHADO

**SOL Y
SOMBRERO**

1840

consulte o seu Agente de Viagens

exclusivo

4 — Nicarágua: "Pátria Libre o Morir"

Alfabetização: a mais formosa das batalhas

por Ribeiro Cardoso

GABRIELA é uma jovem argentina que conheci em Manágua. Via-a pela primeira vez na redacção da Agência Nova Nicarágua, onde é jornalista estagiária. Bonita, olhar atento mas algo sonhador, uma força de vontade indomável, poucas falas, Gabriela tem uma bela história para contar.

Até Março de 80 vivia com a família no México (o pai, um escritor argentino, está exilado na capital desse grande país da América do Norte). Desejosa de participar activamente na revolução sandinista, partiu um dia para Manágua para se integrar na Cruzada Nacional de Alfabetização. Pouco tempo depois estava na montanha, vivendo com os camponeses, munida do seu

era a alimentação dos camponeses seus irmãos. Chegou-se a pensar fazer regressar Gabriela, tal o seu estado de fraqueza, mas a sua vontade pôde mais que tudo. Fez um esforço, começou a habituar-se, os camponeses ajudaram-na e ela ficou. Cinco meses: tanto quanto durou a Cruzada Nacional de Alfabetização. Regressou a Manágua, não dispensando feijão e arroz pelo menos uma vez por dia, nas refeições que fazia. E pouco depois regressou ao México, onde de novo se juntou à família «mais chegada». Mas a saudade roia: a imagem dos camponeses, da montanha, dos seus camaradas sandinistas, das amizades que fizera. O México não era mais país para Gabriela. Agora defini-

cional de Alfabetização nicaraguense, essa espantosa iniciativa sandinista que permite poder chamar-se à Nicarágua de hoje «território vitorioso sobre o analfabetismo». Em cinco meses — de Março a Agosto de 1980 — cerca de 450 000 nicaraguenses aprenderam a ler e a escrever, baixando-se a taxa de analfabetismo no país de 50,35 por cento para 12,96.

«Metade do país alfabetizou a outra metade» disse-me um dia o padre-ministro Ernesto Cardenal.

«Foi a coisa mais bonita da minha vida» — jurou-me Gabriela.

«Foi uma decisão política que apenas se podia tomar dentro de um autêntico pro-

gotou nesses cinco meses fabulosos em que foram ensinadas as primeiras letras a centenas de milhares de nicaraguenses, e vai continuar, agora a outro nível, completando e enriquecendo os conhecimentos ministrados.

Raízes profundas

A Cruzada Nacional de Alfabetização tem raízes profundas na História da Nicarágua. Já Carlos Fonseca, fundador da FSLN, considerava tão importante ensinar o manejo das armas aos guerrilheiros como ensinar-lhes a ler. E antes, já o próprio Augusto Sandino, o general dos homens livres, havia organizado iniciativas de alfabetização para os seus próprios soldados e fundado escolas para os camponeses.

Agora a FSLN, através do Governo de Reconstrução Nacional, considerou também como uma das suas tarefas prioritárias a erradicação do analfabetismo no país, que as estatísticas somozistas diziam ser de 42 por cento.

O primeiro passo realizado foi o de estudar as experiências alfabetizadoras que se tinham em Cuba, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, nomeadamente e estabelecer contactos com alguns especialistas como foi o caso de Paulo Freire e assessores da Unesco e da Organização dos Estados Americanos.

No final, adquirindo-se que foi considerado positivo: essas experiências e métodos conhecidos juntou-se-lhe o que se considerava ser mais aconselhável para a realidade nicaraguense e chegou-se a algo de extraordinariamente original e como a prática viria a demonstrar, acertado.

Consciencialização

Embora a meta fundamental da CNA fosse acabar com o analfabetismo, como me explicou Roberto Arguello, não se pretendia apenas ensinar a ler e escrever e os elementos básicos da matemática, mas também ir mais longe: «Um objectivo chave — disse ainda — era a conscientização e o empoderamento dos nossos cidadãos. No mesmo processo de alfabetização de leitura aos operários e camponeses, também igualmente a consciência da sua dignidade, a sua participação no país, a sua revolução e com essa consciencialização poderão integrar-se activamente no processo de desenvolvimento e reconstrução nacional».



Fernando Cardenal, jesuíta, Coordenador Geral da Cruzada Nacional de Alfabetização

«Além disso» — acrescentou Arguello — «não podemos esquecer o que conseguimos aproveitando a imensa mobilização de toda a juventude durante esses cinco meses. Obtiveram-se elementos para um plano de erradicação da malária; recolheram-se exemplares da flora e da fauna das diferentes regiões do país; realizaram-se censos para actualizar informações sobre a situação ocupacional e sistemas de comercialização; fizeram-se investigações para detectar tesouros arqueológicos e jazidas minerais; recolheram-se elementos para um projecto que existia de recuperação da História Oral da Guerra de Libertação; e todos os brigadistas levaram consigo uma «cartilha» sobre medicina preventiva e saúde ambiental, tendo difundido entre a população esses rudimentos de educação sanitária. Tudo isto foi conseguido através da Cruzada Nacional de Alfabetização».

As etapas

Voltando as estatísticas: elas diziam que na Nicarágua havia 42 por cento de analfabetos. Mas não diziam mais nada. Os homens que estavam à frente da CNA precisavam, no entanto, de saber quem eram, onde viviam, que faziam, que tempo livre tinham.

«Precisávamos de um censo de alfabetização» — realçou Arguello. E em Outubro de 79 foi feito com a ajuda de todas as organizações de massas existentes. Nem um recanto do país ficou por ficar, com todos os elementos recolhidos processados manual e gratuitamente por uma verdadeira legião de estudantes.

Com esse censo ficou a saber-se que afinal os analfabe-

tos atingiam a taxa incrivelmente alta de 50,35 por cento. A partir daí foi-se organizando um verdadeiro exército de alfabetizadores: primeiro 40 professores e 40 universitários estiveram «fechados» durante quinze dias para estudarem e arrancarem com a CNA. Logo a seguir esses 80 homens e mulheres foram um mês e meio para a montanha para adquirirem uma «experiência prática» e detectarem todos os elementos necessários para as tarefas concretas que se iriam levantar aos brigadistas, nomeadamente políticos e logísticos. Depois de regressarem e terem tirado conclusões da sua experiência reuniram-se com outros 560 alfabetizadores entre tanto escolhidos. Na fase seguinte 15 000 professores de toda a Nicarágua trabalharam 10 dias com os primeiros 560 alfabetizadores e mais tarde foram já todos estes professores quem «passou a palavra» aos estudantes e representantes de organizações de massas que se integraram na campanha, e que, como é evidente, tiveram também um período de aprendizagem do método a utilizar junto da população a alfabetizar.

A-E-I-O-U

Claro que foi necessário resolver muitos problemas, nomeadamente logísticos, pois o chamado Exército de Alfabetização era formado por 95 582 «combatentes» incluindo alfabetizadores de 53 países.

E por falar em Exército de Alfabetização: toda a CNA funcionou como um exército de libertação, utilizando toda a experiência de guerra dos sandinistas. Só que agora a insurreição era cultural e a guerra não se dirigia contra a ditadura mas contra a ignorância. E as armas, claro, eram também diferentes: os guerrilheiros urbanos da alfabetização — as milícias operárias e camponesas de alfabetização, as brigadas rubro-negras, todas empunhavam um pequeno livro com 23 lições divididas em três blocos. No primeiro, a que poderiam chamar «histórico», davam-se a conhecer figuras como o general Sandino e o comandante Carlos Fonseca, e falava-se da FSLN, da organização popular, do triunfo da revolução, no segundo com a designação genérica de bloco socio-económico, os temas escolhidos tinham a ver com o essencial do programa do governo: desde a saúde à habitação, passando pela Reforma Agrária, pela Igreja, pelo trabalho; no terceiro e último bloco as lições versavam fundamentalmente a defesa da revolução e a solidariedade internacional. Tudo explicado de uma forma simples, funcional, com recorte a desenhos e fotografias, ao ritmo de duas horas por dia, cinco vezes por semana. E ao ler esse livrinho que guardo com carinho descobri emocionado que os operários e camponeses nicaraguenses analfabetos aprenderam o a-e-i-o-u na palavra La Revolución. E que na alfabetização aparece a figura do general Sandino com a legenda: Sandino, guia da Revolução. E o alfabetizador começava sempre: leiamos as vogais de Revolução a-e-i-o-u... E depois escreviam-nas, integradas na palavra.

Na verdade, na Nicarágua há uma revolução. Generosos revolucionários!

(Conclusão)



Camponês aprende rudimentos básicos de aritmética

manual de alfabetizadora, do seu emblema da CNA e de uma vontade e generosidade sem limites para ensinar a ler e escrever jovens e velhos, homens e mulheres, afinal seus irmãos de outro país onde agora era possível arrancá-los à ignorância e à exploração.

«Nem sabes as dificuldades que senti para me adaptar. Habituada ao conforto citadino e a uma alimentação variada, «Dios mío, o que sofri» — disse-me Gabriela, na tarde em que lhe pedi para me falar da sua experiência que ela considera única e «marcante para toda a vida».

Soube então que Gabriela esteve vários dias sem comer praticamente nada. Não conseguia habituar-se ao arroz e feijão, e feijão e arroz, que todos os dias, quase sempre sem mais nada,

tivamente, deixou a companhia diária do pai e voltou a Manágua. Quer de novo ensinar, participar na revolução sandinista e na reconstrução desse país que se chama Nicarágua e ele, agora. Quer sentir-se viva, dar-se a uma causa, trabalhar por um povo que viveu oprimido e explorado durante séculos. Para ela sua trincheira é o jornalismo, que a informação é também, uma tarefa importante na formação de um país novo. Mas percebi nos olhos de Gabriela, onde se vê sem dificuldade a saudade da montanha, que Manágua e o jornalismo são apenas pontos de passagem para outros locais e tarefas no país de Sandino.

Em cinco meses apenas

Falo-vos de Gabriela porque vos queria falar da Cruzada Na-

ção revolucionária. Lembrou-me Roberto Arguello, um assessor do Ministério da Educação da Nicarágua, que desde a primeira hora participou no arranque da CNA e conseguiu a oportunidade de trabalhar juntamente.

É uma coisa e certa, para uma nicaraguense que trabalha com orgulho da CNA e do jornalismo pode ir a Nicarágua e deixar de escrever sobre o tema, essa aventura que não deu resultados obtidos.

Em que outro país haverá por exemplo, um vice-ministro que trate apenas da Educação de Adultos? Na Nicarágua existe, tem uma vida movimentadíssima, nele trabalham com entusiasmo muitos técnicos e quem com eles conversa adquire uma certeza: a campanha nacional de alfabetização não se es-



Os índios miskitos também foram alfabetizados

Estatuto do Deputado: o maior erro da AD

— diz a USL

O Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa, relativamente à aprovação do «Estatuto do Deputado», afirma que «não pode deixar de condenar veementemente mais este acto da maioria AD, que ainda por cima procura confundir o povo com falsas diferenças entre o Governo e os seus deputados».

Não comunicado hoje divulgado, a USL afirma que «a deliberação em causa, já considerada o maior erro da AD, a Imprensa que lhe é afectada, apostada na velha guerra entre órgãos de soberania, imaginou-a pretexto para considerável vitória do PR, socialmente ninguém concordou com tamanho abuso de poder».

A USL, que espera que o «Estatuto» não seja promulgado, diz ainda nomeadamente seguinte:

«Veio agora o Governo AD aumentar o escândalo, fazendo de conta que o Governo e a maioria na AR não são uma e a mesma AD emendando a mão, procurando tapar o buraco

aberto no Parlamento, o Governo AD busca conseguir os louros de querer moralizar os seus deputados: não atribuirá verbas para o escandaloso aumento que os seus deputados quiseram aprovar.

Mas os trabalhadores não ignoram que Governo AD e maioria são filhos da mesma mãe, não esquecem o tecto salarial e o que fizeram com os trabalhadores da Função Pública, não esquecem os aumentos dos preços, do desemprego e os ataques ao sector empresarial do Estado. São os mesmos: Governo e maioria.

Mas com tudo isto se quer fazer esquecer o Estatuto do Deputado que a maioria igualmente aprovou e consigna exageradas regalias: são automóveis sem imposto, são exames todos os meses e excepção ao «numerus clausus», são pensões consideráveis e acumuláveis... Enfim, um estatuto modelo AD, aproveitando para si tudo o que recusa ao povo.»

Trabalhadores dos CTT dispostos a retomar a luta

O SINTEL/SNTCT anuncia que, perante a intransigência do conselho de administração dos CTT, os trabalhadores vão retomar a luta, com recusa de fazer horas extraordinárias e de condução por acumulação, a partir das zero horas da próxima terça-feira.

Na última reunião de negociações, em que também participou o conciliador do Ministério do Trabalho, o conselho de administração, embora não se cansando de repetir que está aberto à negociação, recusou-se na

prática «a sair da sua proposta inicial de 19 por cento para todos os níveis salariais e 120\$00 para o subsídio de refeição».

Diz o SINTEL que apesar de todos os argumentos apresentados, incluindo a perda do poder de compra dos trabalhadores, «o CA manteve-se intransigente».

Os representantes dos trabalhadores dos CTT esperam, no entanto que até à próxima terça-feira (vão realizar-se ainda duas reuniões de negociações) se chegue a uma solução de compromisso, pela via do diálogo.

Inatel paralisa no dia 24

Os trabalhadores do Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres (INATEL) vão paralisar durante 24 horas no próximo dia 24.

O objectivo desta greve, segundo a comissão de trabalhadores, é a obtenção e publicação de regulamentação de trabalho que equipare os trabalhadores da instituição aos da Função Pública, mas com regime de transição para alguns sectores.

A CT, que acusou a comissão de gestão de retirar regalias aos trabalhadores, salientou em conferência de Imprensa que a greve poderá ser repetida ou

adoptadas outras formas de luta se aquela entidade não se dispuser a negociar com os representantes dos trabalhadores.

A paralisação, além de afectar o funcionamento dos centros de férias, com cerca de dois mil utentes, atingirá também o Teatro da Trindade, que nesse dia não funciona, e o fornecimento aos refeitórios do Metropolitano e Porto de Lisboa.

O Inatel tem um quadro permanente constituído por novecentos e três trabalhadores e trezentos e cinquenta contratados a prazo.

Delegação dos têxteis num congresso em Itália

Uma delegação da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis de Portugal (FSTTP) participou em Itália no congresso da sua congénere daquele país, a FILTA/CISL, segundo um comunicado daquela organização sindical.

A delegação portuguesa «teve oportunidade de colocar algumas preocupações referentes à reconversão do sector têxtil em Portugal, ao horário de trabalho e ao problema dos salários de miséria praticados no nosso País e neste sector» — informou um comunicado da FSTTP.

A delegação era constituída pelo secretário nacional da Fe-

deração, António de Jesus Marques, e a sindicalista Deolinda Ferreira, do Sindicato de Vestuário do Distrito do Porto.

Os delegados contactaram com dirigentes dos sindicatos têxteis da República Federal da Alemanha, Holanda, Espanha e Inglaterra, «para aprofundamento do intercâmbio sindical».

Por outro lado, a Federação manifestou interesse em participar na Conferência dos países da Europa, a realizar no Luxemburgo, e da qual sairá uma plataforma referente ao sector têxtil, nas áreas do horário de trabalho, contratação e acordo multifibras — diz ainda o documento.

Despedimentos na Renault da Guarda

O Sindicato dos Metalúrgicos do distrito da Guarda denunciou o despedimento de 29 trabalhadores da Fábrica Renault da Guarda, com contratos a prazo.

Um porta-voz do Sindicato disse que estes despedimentos se seguem a outros, já verificados, de trabalhadores na mesma situação.

Acrescentou que esta situação é «prelúdio do declínio da fábrica e da ameaça a que está sujeita a sua existência».

De acordo com o plano autónomo celebrado entre o Governo Português e a Renault, a

empresa francesa comprometeu-se a apresentar até Novembro um plano de reconversão da fábrica.

Esta unidade de montagem emprega cerca de 450 trabalhadores.

Casinos do Algarve

O Sindicato de Hotelaria do distrito de Faro decidiu suspender a greve em curso nos casinos do Algarve, em virtude de a entidade patronal ter

acedido em dialogar acerca da matéria em litígio, designadamente os horários de trabalho.

A administração havia tentado impor unilateralmente alterações ao horário de trabalho que implicariam, a ser postas em prática, uma redução da remuneração de dois mil escudos por trabalhador. Os trabalhadores, desde o início exigiram que o caso fosse submetido a negociações, pelo que efectuaram três de greves em cerca de um mês, com grande adesão.

Garrafaria

Os trabalhadores das três empresas de garrafaria da Marinha Grande (Cive, Ricardo Galo e Santos Barbosa) iniciaram hoje uma greve total que se prolonga até sábado, em apoio do seu caderno reivindicativo, que inclui aumentos de dois mil escudos por cada trabalhador.

As paralisações anteriores de quatro horas tiveram a adesão da maioria dos 3500 operários das três empresas, com excepção dos trabalhadores de escritório.

UGT preocupada com medidas económicas do Governo

A União Geral de Trabalhadores (UGT) divulgou um comunicado em que afirma que a sua «disponibilidade de princípio» para a realização do contrato social «não pode ser limitada por quaisquer iniciativas governamentais que limitem ou condicionem um diálogo social de carácter económico e social».

A UGT começa por referir o «pacote» legislativo governamental, com incidência negativa sobre o poder de compra dos trabalhadores, anunciado pelos órgãos de comunicação social e confirmado pela intervenção te-

levisiva do Primeiro Ministro. E a este propósito afirma: «A UGT tem consciência da grave crise económica mundial, agravada nos últimos meses pela actual política económica financeira americana e que tão graves consequências tem provocado nas economias ocidentais e que em Portugal se reflete, obviamente, de uma forma preocupante. A sobrevalorização do dólar e o constante aumento das taxas de juro das instituições financeiras estrangeiras não só vieram agravar a nossa balança de transacções correntes, como enca- rrecer todas as matérias-primas e

os produtos que o país importa, como ainda inadequar as taxas de juro portuguesas e as taxas de juro de outros países estrangeiros».

No entanto segundo afirma, «cumpre-nos avisar o Governo de que a manutenção da nossa disponibilidade será inflectida se o conteúdo do «pacote» se repercutir de uma forma gravosa nas condições de vida dos trabalhadores».

O documento da UGT diz ainda o seguinte: «A disponibilidade e o interesse para a realização de um contrato social de-

riva da nossa filosofia e prática democrática e responsáveis para um permanente diálogo social alargado. Daí e da análise política que fazemos, resulta a constatação da grave crise económica, financeira e social que o país atravessa e a necessidade de pela primeira vez os parceiros sociais, para além das ideologias e dos programas diferenciados

que os distinguem, deverem sobrepor a estas a estabilidade da democracia, o progresso

económico e social a que os trabalhadores têm direito e a justiça social que ainda não existe».

Falência da «Corfam's» vai atirar 630 trabalhadores para o desemprego

PORTO, 16 — (Da nossa delegação) — À hora de saída deste jornal, é bem possível que a fábrica portuguesa de confecções Corfam's, na via rápida, esteja declarada falida pelo tribunal e, consequentemente, despedidos os seus 630 trabalhadores, na sua maioria mulheres.

Com efeito, após a reunião efectuada ontem ao fim da tarde, convocada pelo advogado da empresa, não se prevê outra saída senão a declaração de falência, uma vez que a União de Bancos Portugueses, de quem a Corfam's sobretudo depende, não apresentou qualquer solução que permitisse travar uma situação profundamente injusta para os trabalhadores e que, além disso, devia ter procurado resolver há mais tempo. A Cor-

fam's, conforme foi ontem afirmado numa conferência de Imprensa em que esteve presente a quase totalidade dos trabalhadores, é uma empresa muito bem apetrechada, com máquinas modernas e preparada para produzir quase todos os tipos de confecções e que, comprada em hasta pública por um capitalista francês, Max Azeria, de seu nome, de parceria com mais dois portugueses, acabou por ser gerida de tal maneira que neste momento deve 500 mil contos à União de Bancos.

Os trabalhadores denunciaram ontem esta situação, que consideram irregular, visto que não só Max Azeria, também proprietário doutra empresa do ramo em França, deixou a certa altura de pagar à Corfam's as

confecções que dali retirava para vender à outra empresa e comercializar no estrangeiro como, ainda por cima, continuava a receber crédito da União de Bancos. Os trabalhadores consideram isto tanto mais estranho quanto é verdade que no fim do ano passado a União de Bancos mandou um técnico à Corfam's para fazer um estudo completo e este acabou por concluir por uma informação desfavorável sobre o funcionamento e a gestão da empresa.

Todavia, a União de Bancos não pediu garantias logo na altura e, disseram os trabalhadores, deixou degradar a situação a tal ponto que agora a falência está iminente. Como nos dizia esta manhã uma dirigente do Sindicato do Vestuário, é o velho

processo «de deixar as coisas sem conserto para agora, como já sucedeu da outra vez com a mesma empresa, não restar senão a venda em hasta pública, sem quaisquer garantias para a situação dos trabalhadores alguns dos quais trabalham ali há 20 e mais anos».

Na reunião de ontem com a Imprensa foram aliás dados testemunhos por diversas trabalhadoras da situação aflitiva que vivem neste momento. A pergunta era sempre a mesma: como é que uma empresa bem apetrechada pode ser gerida desta maneira? Para isto as trabalhadoras não querem a «resposta» do Fundo de Desemprego, preferem trabalhar, como ontem claramente disseram.

Segundo a USL

Lei da Delimitação visa entregar sectores fundamentais da economia aos antigos exploradores

A União de Sindicatos de Lisboa considera em documento enviado ao Conselho da Revolução que a proposta de lei governamental (20/11) sobre a delimitação dos sectores público e privado é inconstitucional.

A USL afirma que a proposta de lei 20/11 contraria os princípios consignados no artigo 81 da Constituição.

A União acusa o Governo e os partidos da AD de pretenderem «a reconstituição das antigas formações económicas em benefício dos grandes grupos financeiros nacionais e internacionais».

A USL afirma que a proposta de delimitação de sectores agora

apresentada reproduz o decreto apresentado em 29 de Abril de 1980, considerado inconstitucional e «visa manter e se possível aprofundar o conflito institucional em que a AD se vem empenhando numa tentativa de ocultar a inoperância dos seus executivos e as dissidências internas».

A proposta — acrescenta — traz também «a incontida pressa de entregar sectores fundamentais da economia, como a Banca e os Seguros, aos antigos exploradores, centros indispensáveis que são ao exercício do poder económico».

O Secretariado da USL, «interpretando o sentir da maioria

dos trabalhadores do distrito», expresso em reuniões, plenários, moções e abaixo-assinados, «manifesta aos conselheiros da Revolução o seu vivo repúdio por esta prática do Governo que reputa de deses-

tabilizadora e subversiva e exprime a sua confiança na reiteração da coerência até hoje demonstrada nos pareceres e posições que têm emitido e assumido nesta matéria».

Lista unitária vence nos Metalúrgicos de Coimbra

A lista unitária afecta ao secretariado da CGTP venceu as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Coimbra com 621 votos — informou o sindicato.

Nas eleições, que decorreram

nos dias 10 e 11, apresentou-se também uma lista conotada com a corrente minoritária da Inter-sindical que obteve 502 votos.

Registaram-se 35 votos brancos e 12 nulos.

DESPORTO

Filipovic é certo na Luz

Benfica: não mandar ir, ir mesmo

Uma embaixada de respeito — Fernando Martins, Eduardo Pereira e Júlio Borges — chegou ontem à Bélgica, dirigia-se ao Brugge (clube onde milita Filipovic) conversou com os seus dirigentes e com a velocidade de relâmpago resolveu tudo, favoravelmente à contratação definitiva do avançado jugoslavo para o Benfica.

Como se sabe, há poucos dias a direcção do Benfica rompera os contactos com Markovic, o homem que vinha servindo de intermediário à transferência de Filipovic. Na base da ruptura estiveram o atraso e as dificuldades constantemente postas pelo empresário que, como se veio agora a verificar com a deslocação dos próprios dirigentes encarnados à Bélgica, não tinham razão de existir.

Nos termos do contrato, cujas verbas não foram divulgadas, sabe-se, no entanto, que o clube belga e o Benfica farão um desafio de futebol em meados de Dezembro, mas em Lisboa. De resto, pode-se adiantar que o preço pago pelo passe de Filipovic é de qualquer modo inferior àquele que pretendia o empresário Markovic.

Garrinchinha vem experimentar o Belenenses

Há algum tempo que se falava num terceiro brasileiro para o Restelo, depois de estarem confirmadas as presenças de Bife e Carlinhos. Conhece-se agora o nome do terceiro: trata-se de Garrinchinha, nem mais nem menos

que o filho mais velho do conhecido Garrincha. Actualmente com 19 anos, Garrinchinha tem alinhado pela «segunda equipa» do Fluminense.

O novo reforço, pelo menos transportando consigo um nome de peso, deverá chegar a Lisboa, juntamente com Carlinhos, no próximo dia 22.

Jesualdo Ferreira deixa o Benfica

Jesualdo Ferreira decidiu-se por um rotundo não em continuar na Luz a orientar o sector, delicado, do futebol juvenil. Na base da posição assumida por Jesualdo Ferreira está, expressamente, uma questão de verbas, não tendo o treinador aceite o montante proposto pela direcção.

Tendo-se ao que apurámos chegado a uma situação de impasse, Jesualdo acabou por tomar a posição referida. Não sendo conhecidos os passos imediatos a dar pelo treinador, sabe-se no entanto que recebeu já um convite de um clube da 2.ª Divisão.

Sporting de Espinho numa onda má

No Sporting de Espinho o início dos preparativos a pensar na próxima época não é de todo pacífico. O grémio espinhense, que ontem começou já com os testes físicos aos seus jogadores, debate-se com enormes dificuldades financeiras que ameaçam a estabilidade necessária à colectividade que tem de cuidar como todos os clubes de um clima psicológico favorável aos jogadores.

Para além dos jogadores que abandonaram o clube, em muitos casos devido aos problemas económicos, outros há que pretendem a rescisão. Apesar de tudo, o Sporting de Espinho fez ainda aquisições, nomeadamente de Balacó,

Vivas e José Augusto, falando-se ainda em mais nomes novos.

Portimonense em acção: «Qualidade supera a quantidade

Manuel de Oliveira, técnico de futebol do Portimonense propõe-se este ano levar a equipa a um lugar na Europa, assinalando que o clube tem mais responsabilidade que o ano passado.

O técnico falava na sessão de apresentação dos jogadores, com vista à nova época futebolística, iniciando-se ontem a preparação do conjunto algarvio depois da habitual inspecção médica.

O clube disporá de um «plantel» de 20 futebolistas profissionais, menos quatro do que na época passada, mas para Manuel de Oliveira «a qualidade supera a quantidade» atendendo «ao equilíbrio de valores».

Na turma de Portimão há muitas caras novas para defender as cores do clube: Delgado (ex-Belenenses), Coelho (ex-Espinho), Amílcar (ex-Belenenses) Patan (ex-Vasco da Gama de Sines), Fernando Martins (ex-Marítimo) Tó Zé (ex-Ermesinde) e Roçadas (ex-Vasco da Gama de Sines).

Existe ainda a possibilidade de contratação do futebolista Norton de Matos, que tem actuado no Standard de Liege.

O lote do Portimonense é completado pelos guarda-redes Hélder e Comhé, defesas Rodrigues Dias, Quaresma e Murça, médios Walter, Tião, Carlos Alberto e Betinho e os avançados José Rafael e Jailson.

Derinho, José Armando e Nunes ofram três dos juniores promovidos à primeira categoria. Sairam os guarda-redes Pinhal e Benje, os defesas João Cardoso e Guilherme, os médios

Vitor Gomes e Rogério e os avançados Paulo Campos e Peter.

A apresentação ao público da equipa está prevista para 9 de Agosto, frente a um adversário estrangeiro.

Antes do início do campeonato a direcção do clube tem na agenda a realização de oito jogos, com equipas ainda a designar.

Nos planos de preparação técnico-táctica, o Portimonense «vai começar em força para ganhar os jogos logo de princípio», afirmou Manuel de Oliveira.

Nesse capítulo, a preparação da primeira semana será de condição física, utilizando o campo e as praias do Alvor.

Na segunda semana terão início os treinos com bola (à tarde) e de continuação de preparação física (de manhã).

No âmbito financeiro, o Portimonense tem um orçamento geral de cerca de 50 milhões de escudos, dos quais 80% destinam-se ao futebol revelou um dos vice-presidentes do clube.

Manuel Fernandes adiantou que o investimento feito este ano em reforços deverá ascender a mais de 15 milhões de escudos.

Aquele dirigente afirmou também que «importantes melhoramentos vão ser executados no estádio, entre eles uma nova sala para a Imprensa, com vários telefones e outros meios de comunicação que facilitem o trabalho dos jornalistas».

Em Beja: uma mulher a cursar arbitragem

Um curso para candidatos a árbitros de futebol está a decorrer em Beja, nas instalações do conselho de arbitragem local.



Filipovic: agora pode dizer-se que ele já é mesmo do Benfica

O curso está a ser frequentado por doze candidatos, entre os quais uma mulher.

Rummennigge: Barcelona é provável após o Mundial

O futebolista do Bayern de Munique Karl Heinz Rummennigge, um dos mais cotados da selecção alemã-federal, porá ser transferido para o Barcelona depois do Mundial-82, de Espanha, informaram fontes de Madrid.

O poderoso clube espanhol, não esconde as suas pretensões de adquirir o ídolo do futebol germânico, que se notabilizou ao serviço da selecção de futebol da RFA durante o último Mundial na Argentina.

O clube catalão com cem mil sócios, começou a manifestar o desejo de adquirir o dianteiro alemão-federal na passada temporada, mas nem Rummennigge nem a federação de futebol do seu país estão dispostos a estudar a proposta do clube espanhol antes do Mundial-82.

Rummennigge faz parte da lista dos indispensáveis. Goleador «terror» número um dos guarda-redes, o futebolista é considerado de momento o melhor dianteiro europeu.



Jesualdo Ferreira, na hora da saída

assim vai o

TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 48 DE 19 DE JULHO

CONCURSO Nº 48

19. JULHO. 81

Boa Nova, 111 11X 1X2 112X; Cavalcada do Ritmo, 111 11X 111 1111; Rádio Totobola, 121 111 XIX 1XXX; Correio de Coimbra, 1X1 112 111 1X11; O Comércio de Leixões, 11X 112 21X 1111; Correio do Vouga, 111 111 11X 1111; Defesa de Espinho, 1X1 122 11X 1112; Diário de Lisboa, 112 112 2X1 1XX1; Ecos de Cacia, 112 112 11X 1111; Estúdio 64, 1X2 1X1 12X 11X1; Eu Sei Tudo, 112 11X 111 1111; Jornal de Gaia, 12X 1X1 12X 1XX1; Folha do Domingo, 11X 21X 21X 11X1; Jornal de Felgueiras, 11X 112 2X1 11X1; Jornal da Graça, 1X1 111 211 2111; Jor-

nal da Lixa, 1X2 1X2 11X 1111; Jornal de Santo Tirso, 1X1 112 2X2 111X; Jornal de Sintra, 11X 112 111 11X1; Linhas de Elvas, 112 XX1 1X1 XX11; Manchete Desportiva, 112 112 111 1111; Maria da Fonte, 112 111 111 1111; O Norte Desportivo, 2X2 11X 111 1X11; Notícias do Douro, 112 1X1 11X 21XX; Notícias de Évora, 11X 111 XX1 1111; Notícias de Felgueiras, 11X 1X1 211 2111; Notícias de Guimarães, 111 XXX 111 1X12; Penalti, 1X1 212 211 1111; Jornal «O Porto», 111 XIX 211 1XX1; Panorama, 111 2X1 11X 1X12; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Repórter do Dia, 11X 111 211

1X11; Grafonola Ideal, 1X2 121 XIX 2111; Jornal «A Voz das Beiras», X12 1X1 111 X221; Diário Desportivo, 1XX 111 111 2111; A Voz do Domingo, 1X1 111 211 1111; Voz de Lamego, 112 1X2 111 1X11; A Voz dos Ridículos, 211 111 111 1X11X; RDP — Secção Desportiva, 11X 111 211 1X11; Jornal O Dia, 11X 111 2XX 111X; Alvo Desportivo, 11X 1X1 1X2 1X11; Jornal de Notícias, 11X 1X2 111 1X11; O Primeiro de Janeiro, 11X 1X2 2X1 1X11; Rádio Alvo, 11X 111 121 1X12; Rádio Sports, 11X 111 111 1111; Jornal A Voz do Ave, 111 121 21X 111X.

	RESUMO			BOLAS A)		
	1	X	2	1	X	2
1. WIENER - HAPOL	38	4	3	10	1	1
2. DUISBURGO - STURM GRAZ	34	9	2	9	2	1
3. S. PLEVEN - W. BREMEN	16	16	13	5	5	2
4. ZURIQUE - MALMO	30	12	3	8	3	1
5. OESTERS - ODENSE	34	8	3	9	2	1
6. TITOGRAO - INNSBRUCK	22	8	15	6	2	4
7. BORLANGE - BRNO	19	12	14	5	3	4
8. SPARTA P. - YOUNG BOYS	34	7	4	9	2	1
9. HERTHA - GOTTEMBURGO	27	16	2	7	4	1
10. GRASSHOPPERS - BOHEMIANS	31	9	5	9	2	1
11. WILLEM II - MAREK	31	13	1	8	3	1
12. NAESTVED - LUCERNA	32	9	4	9	2	1
13. ANTWERPIA - CHEB	35	7	3	9	2	1

A) - Noe termos do Artº 149 do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não efectuados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LOGICA SERA:
111ouX 111 111 1111

DESPORTO

"Tour 81"

Franceses deliram com Hinault

• Agostinho desiste e põe portugueses cabisbaixos

O português, Joaquim Agostinho, que participou nas últimas edições da Volta à França em Bicicleta, desistiu ontem pela primeira vez no «Tour», numa etapa de montanha, disputada entre Alpe d'Huez e Le Pleyne.

Agostinho foi o único desistente na etapa.

A desistência foi tanto mais de estranhar quanto a etapa foi disputada num percurso acidentado, com cinco contagens para o prémio da montanha tipo de prova que se coaduna com as características de Agostinho.

Na edição de este ano, Agostinho teve um comportamento bastante irregular em relação ao que lhe é habitual, tendo perdido tempo em etapas tidas à partida como fáceis e conseguindo um brilhante 3.º lugar no desgastante primeiro troço da décima etapa, entre Roubaix e Bruxelas, corrida em piso de paralelepípedos, um verdadeiro «pesadelo» para todos os ciclistas.

Agostinho, nascido em 7 de Abril de 1943, em Brejinhos, Torres Vedras, obteve as seguintes classificações na Volta à França: 8.º em 1969 (com duas vitórias em etapas), 14.º em 1970, 5.º em 1971 e 1980, 8.º em 1972 e 1973 (ano em que venceu uma etapa contra-relógio), 6.º em 1974, 15.º em 1975, 13.º em 1977 e 3.º em 1978 e 1979, desistindo na edição de este ano.

Esta época foi 3.º classificado na clássica «Midi Libre».

D o seu palmarés salientam-

-se o título de Campeão de Portugal (1968), o Troféu Baracchi (em 1969 com o belga Van Springel), três vitórias na Volta a Portugal em Bicicleta (1970, 1971 e 1972) e um 2.º lugar na Volta à Espanha (1974).

Hinault: proeza sobre proeza

Bernard Hinault fez ontem aquilo que toda a França aguardava há muito: ganhar uma etapa do «Tour» de forma igual à dos antigos campeões Eddy Merckx e Fausto Coppi.

Hinault, 26 anos, reforçou o seu 1.º lugar, ganhando a última etapa dos Alpes, completando os 134 quilómetros entre Alpe d'Huez e Pleyne, em quatro horas 17 minutos e 15 segundos e terminando com 32 segundos de vantagem sobre o seu compatriota Jean-René Bernardau.

O belga Alfons de Wolf acabou em 3.º lugar, um minuto e 26 segundos depois de Hinault que agora dilatou a sua vantagem em relação a Van Impe, 2.º classificado na geral, para 12 minutos e 12 segundos.

Hinault, campeão do mundo e vencedor do «Tour» em 1978 e 1979, demonstrou vigor, força e determinação nas subidas dos Alpes, mostrando que «um vencedor do «Tour» nunca deve ser esquecido se ganhar uma etapa de montanha».

«A prova só termina domingo nos Campos Elísios em Paris», comentou Hinault que se prepara para conquistar a sua 3.ª vitória no «Tour» e tornar-se tão popular como Jacques Anquetil, vedeta dos anos 70.

O lote inicial dos 150 ciclistas ficou reduzido a 124 após a etapa. A etapa de hoje disputou-se entre Le Pleyne e Saint Priest, na distância de 117 quilómetros.

Os 20 primeiros da última etapa alpina

Classificação dos 20 primeiros na etapa de ontem:

1.º Bernard Hinault, França, 4 horas 16 minutos 43 segundos; 2.º Jean-René Bernardau, França, 4.17.15; 3.º Alfons de Wolf, Bélgica, 4.18.09; 4.º Marcel Tinazzi, França, 4.19.16; 5.º Lucien Van Impe, Bélgica, m.t.; 6.º Mariano Martinez, França, m.t.; 7.º Sven-Ake Nilsson, Suécia, m.t.; 8.º Robert Alban, França, m.t.; 9.º Joop Zoetemelk, Holanda, m.t.; 10.º Daniel Willems, Bélgica, 4.19.34; 11.º Raymond Martin, França, 4.19.34; 12.º Phil Anderson, Austrália, 4.19.38; 13.º Johan Van de Velde, Holanda, m.t.; 14.º Johan de Mynck, Bélgica, m.t.; 15.º Alberto Fernandez, Espanha, 4.19.41; 16.º Claude Criquielion, Bélgica, 4.19.44; 17.º Lucien Didier, Luxemburgo, m.t.;

18.º Peter Winnen, Holanda, m.t.; 19.º Jean Chassang, França, 4.20.03; 20.º Jostein Willmann, Noruega, 4.20.27.

Classificação geral

1.º Hinault, 81 horas, 49 minutos, 10 segundos; 2.º Van Impe, a 12 m e 12 s; 3.º Alban a. 13.22; 4.º Zoetemelk a 15.09; 5.º De Muynck, a 15.33; 6.º Winnen, a 16.05; 7.º Criquielion, a 18.33; 8.º Bernaudeau, a 18.35; 9.º Nilsson, a 19.13; 10.º De Wolf, a 21.10; 11.º Paul Wellens, a 21.53; 12.º Martin, a 23.39; 13.º Mariano Martinez, a 24.18; 14.º Van de Velde, a 24.59; 15.º Schepers, a 25.05; 16.º Tinazzi, a 27.15; 17.º Andersson, a 27.32; 18.º Willems, a 27.30; 19.º Laurent, a 30.10; 20.º Rodriguez, a 30.51.

Classificação-geral por pontos (camisola verde)

1.º Maertens, 385 pontos; 2.º Tackaert, 191; 3.º Hinault, 139; 4.º Pevénage, 135; 5.º Willems, 134; 6.º De Wolf, 122; 7.º Bertin, 109; 8.º Kelly, 106; 9.º Duclos-Lassale, 80; 10.º Anderson, 79.

Classificação do melhor trepador

1.º Van Impe, 246 pontos; 2.º Hinault, 209; 3.º Bernaudeau, 146; 4.º Alban, 134; 5.º Nilsson, 95; 6.º Winnen, 70; 7.º De Wolf, 63; 8.º Martin, 54; 9.º A. Fernandez, 53; 10.º Zoetemelk, 52.

Classificação dos jovens (camisola branca)

1.º Winnen; 2.º Criquielion; 3.º Anderson; 4.º Rodriguez; 5.º Jones.



Que motivos reais estão na base do pior comportamento de Agostinho no historial das suas presenças no «Tour»?

Classificação geral dos «Rush»

1.º Maertens, 123 pontos; 2.º Tackaert, 75; 3.º Hinault, 56; 4.º Bertin, 51; 5.º Pevénage, 43.

Distinções individuais

Companheiro n.º 1, Hinault; Fair Play: De Wolf; Amabilidade:

Suarez Cueva; Combatividade: Juan Fernandez.

Classificação geral da combatividade

1.º Hinault, 23 pontos; 2.º Duclos-Lassale e Arnad, 12; 4.º Teirlinck, 11; 5.º Bazzo, 9. Média geral após a 20.ª etapa: 38.078 km/h. Média geral do 1.º classificado: 37.721 km/h.

Atletismo

Campeonato nacional é coqueluche no fim-de-semana

O Sporting vai tentar reconquistar sábado e domingo, no Estádio Nacional, o título masculino de campeão nacional de atletismo, em confronto com as equipas do Benfica e FC Porto.

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão masculino e feminino disputa-se no fim-de-semana, concorrendo a ambas as competições as equipas do Sporting, Benfica e FC Porto.

Se em relação ao sector feminino, o Sporting se apresenta como o principal favorito à reválidação do título, já em masculinos a luta a travar é mais equilibrada.

O clube que contar com a equipa mais homogênea tem mais hipóteses de conquistar o título que, no próximo ano, lhe

dará acesso à Taça dos Clubes Campeões Europeus a disputar em França.

O Benfica, que defende o título, procura bisar, para o que se reforçou esta temporada, mas o Sporting tem uma equipa muito equilibrada, capaz de proporcionar surpresas em determinadas provas.

A equipa do FC Porto apresentar-se-á diminuída devido às lesões de alguns dos seus principais atletas e limitar-se-á a interferir na luta pontual.

O «Nacional» de equipas constituirá, por outro lado, a quase única oportunidade de se poder observar o confronto entre os principais atletas portugueses, casos de Fernando Medeiros, Carlos Lopes, Aniceto

Simões, José Carvalho, Carlos Cabral, Vitor Mano, António Cachola, Hélder de Jesus, e outros.

Vencedores dos campeonatos nos últimos dez anos:

Ano	Masculino	Feminino
1970	Sporting	Sporting
1971	"	"
1972	"	"
1973	"	"
1974	"	"
1975	"	"
1976	"	"
1977	"	"
1978	"	Benfica
1979	"	"
1980	Benfica	Sporting

Em masculinos, o Sporting conquistou já desde o início da prova e em 1939, 30 títulos, contra 11 do Benfica e um do FC Porto.

Em femininos, o Sporting averbou 23 títulos, contra 12 do Belenenses e dois do Benfica, desde o princípio da competição em 1944.

Placard

Muito desporto no aniversário do Parque Infantil de Mira Sintra

Um intenso programa desportivo assinala o 4.º aniversário do Parque Infantil do Moinho, em Mira Sintra. Preenchem o programa, até ao próximo dia 26, um torneio de chinchilho e de damas, na manhã do dia 19; Torneio de Futebol Juvenil, dia 20, às 16 horas; finais de chinchilho e damas, dia 25; no último dia desenrolar-se-ão as finais de futebol juvenil.

Hóquei em campo

Seleção do Porto venceu Torneio Internacional

A selecção do Porto venceu o Torneio Internacional de Hóquei em Campo que decorreu nos Estádios Universitário do Porto e da Póvoa de Varzim.

O Torneio, organizado pela AHC do Porto, ao abrigo do intercâmbio desportivo entre aquela associação e a sua congénere do Sarre (da Alemanha Federal) foi enriquecido, desta feita, pela presença das selecções de Lisboa e da Corunha. A qualidade técnica dos jogos foi relativamente fraca, primeiro pelo intenso calor que se fez sentir, depois pela irregularidade dos terrenos onde o mesmo decorreu, designadamente o «relvado» dos universitários que está, efectivamente, em muito mau estado.

A selecção do Porto, foi a ven-

cedora e, diga-se de passagem, com todo o merecimento. Os portugueses venceram claramente a Corunha no seu jogo inaugural, depois foram coagidos a um empate frente à representação de Lisboa (que realizou exibição de apreciável nível técnico mas esteve mal na finalização) e por fim «golearam» a equipa representativa do Sarre por um «score» que, pelo menos entre nós, está em desuso. Efectivamente, triunfar num jogo por uma diferença de cinco golos só tem «explicação» numa exibição francamente má dos alemães, bastante inferior à realizada com Lisboa e Corunha.

A Taça Jerónimo Reis (de homenagem a uma figura relevante do hóquei em campo) ficou em «casa».

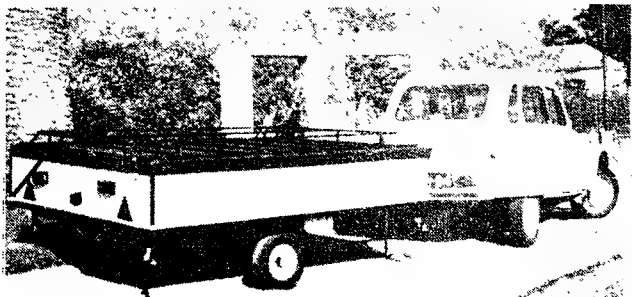
"Desporto e Sociedade" na Académica da Ajuda

Manuel Sérgio, professor do Instituto Superior de Educação Física e um dos mais lúcidos analistas da filosofia e sociologia desportivas estará no próximo sábado, às 21 e

30, na Académica da Ajuda, juntamente com o nadador olímpico e aluno do ISEF, Paulo Frickhnet, para analisar o tema «Desporto e Sociedade Moderna».

atrelado PELIANTE

COSTA VERDE

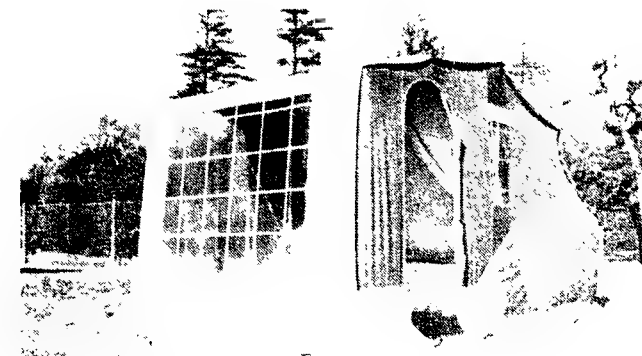


GRANDE PROMOÇÃO

MONTA-SE EM 5 SEGUNDOS. FÁCIL DE TRANSPORTAR. ROBUSTO E RESISTENTE. COMPRIMENTO: 2,30. LARGURA: 1,75 m. PESO TOTAL: 200 Kg. ELECTRIFICAÇÃO INTERIOR.

E CONSULTE-NOS SOBRE AS NOSSAS

FACILIDADES DE PAGAMENTO



MOTOVELO

— AV. BRASIL, 118-C — TEL. 897592
1700 LISBOA

ABERTO AOS SABADOS DURANTE TODO O DIA

Como tem sido nosso hábito, já de há longos anos, temos vindo a observar, com atenção, interesse e alguma devoção, o que se passa no mundo do Bailado, tradicional e estranhamente considerado «primo» afastado da criatividade e da formação dos artistas portugueses.

Reduzidos durante anos e anos ao papel, ainda pouco claro, do que poderia ter sido uma brilhante e curiosa Companhia de Danças Portuguesas, o Verde Gaio, e a algumas iniciativas esforçadas, mas sem poder de continuidade de algumas figuras importantes do bailado nacional, surgiu a determinada altura, através da acção da Fundação Calouste Gulbenkian, o que hoje já é considerada a mais importante companhia de bailado portuguesa, o Ballet Gulbenkian, estruturada, dirigida e composta por profissionais, vivendo em confortável desafogo económico, e que, calmamente tem vindo a recuperar o fôlego, que parecia perdido, da capacidade de dançar e ver dançar neste País. Posteriormente, em 1976 e mercê de um acto de coragem de David Mourão-Ferreira, então secretário de Estado da Cultura, nasce a Companhia Nacional de Bailado, relativamente enleada no complexo e também pouco claro ambiente do Teatro Nacional de S. Carlos.

Esta companhia que, tanto quanto se sabe, e sabe-se muito pouco, infelizmente, procurou agregar a si os bailarinos portugueses que se encontravam dispersos e sem trabalho, juntou-lhes, segundo critérios próprios, numerosos bailarinos estrangeiros, provavelmente seleccionados também entre os «desempregados» do seu país de origem. E depois de se munir de uma estrutura directiva algo complicativa, tem vindo a tentar ocupar o seu «espaço» no jovem panorama balético português.

Tem vindo a tentar, embora, na nossa opinião, ainda não o tenha conseguido.

Julgamos que, como é habitual em Portugal, procurou ocupar primeiro o espaço, e só depois tentou escolher a sua via própria, o que nos parece, no mínimo, pouco recomendável.

E assim temos uma Companhia Nacional de Bailado que pouco mais tem feito do que «copiar» os bailados tradicionais das grandes companhias clássicas.

Cá temos tido o Lago dos Cisnes, as Sylphides, o Romeu e Julieta...

Reconhece-se valor neste trabalho, mas acentua-se que os gastos provavelmente tidos com esta Companhia desde 1976 justificariam, para além deste, um outro tipo de trabalho de pesquisa, investigação e oportunidade para com os valores inegáveis da cultura portuguesa, entre os quais se contam evidentemente os bailarinos e os coreógrafos, os pintores e os escultores, os poetas e os escritores, os músicos e os compositores, enfim a Arte portuguesa.

Na nossa opinião, pouco terá sido feito, e dificilmente, com a actual estrutura da Companhia, pouco poderá vir a ser feito:

— a «aglomeração» de directores, coordenadores e consultores;

— a dependência administrativa da Companhia de um organismo, que embora integrado na Secretaria de Estado da Cultura, se encontra afastado da acção cultural, aonde interdisciplinarmente são encarados, tratados e apoiados os mais diversos sectores da vida cultural portuguesa;

— finalmente, e tanto quanto sabemos, esta é a principal dificuldade da Companhia Nacional de Bailado, a falta de um projecto cultural definido, pensado e esquematizado, no mínimo a médio prazo, trás para o público atento a estas coisas do bailado, uma vez mais, a sensação do velho hábito português, — que se verifica na generalidade dos sectores activos e não só culturais.

— e se agora fôssemos fazer isto ou aquilo?

Claro que, assim, até se conseguem fazer coisas.

O país real está à vista, e, até há algumas obras bem feitas, património precioso, cultura recheada de valores ímpares.

Mas, estamos na década de 80, à beira do início de um novo século, sem tempo para perder na recomposição de passados gloriosos outras culturas.

As novas gerações não perdoarão ao século XX português o

Bailado: que futuro?



atraso que lhe vamos legar no seu fabuloso século XXI. O bailado em Portugal vai querer, está já a querer, o seu LUGAR, e, na

nossa modesta opinião, vai tê-lo! Este movimento está a dever-se principalmente a três factores:

— ao público de todo o País que tem ocorrido e apoiado as iniciativas experimentais, que por aqui e por ali, um pouco por todo o lado, têm nascido e que lutam afincadamente por, no mínimo, merecerem atingir a sua juventude;

— ao esforço quase desumano, de bailarinos, coreógrafos, técnicos, estagiários, alunos e professores, que, de todos os lados lutam para reabilitar o bailado, e, tentam fazê-lo emparceirar com a Música, as Artes Plásticas, o Teatro e o Cinema, na desejada dignificação da Arte da Dança em Portugal;

— finalmente à atenção e interesse com que a Secretaria de Estado da Cultura tem, nos últimos anos, ouvido e apoiado aquele esforço, logrando assim satisfazer o ansioso público por-

tuguês por apreciar e criticar os artistas nacionais.

Indiferença

Estranhamente, embora se acredite que seja uma atitude inconsciente, a Comunicação Social e os críticos portugueses têm mantido uma atitude de indiferença, muito parecida com a da demissão, que nada nem ninguém beneficia.

Bom seria que, tanto a Imprensa escrita, ouvida e falada, tal como os críticos da especialidade se convencessem, como nós o estamos, de que este movimento que se verifica no bailado português é irreversível, e que poderá não se concretizar aqui ou ali, mas que alterará profundamente as estruturas em que assenta, não só o estatuto do artista-bailarino como igualmente o do público fruidor.

Na segunda metade da década de 70, e sem que qualquer esforço aparente fosse feito por quaisquer instâncias oficiais, surgiram pequenos grupos de pessoas, principalmente em Lisboa, mas também em Santarém,

nas Caldas da Rainha, em Espinho, na Vila da Feira, em Coimbra, em Lagos, em Setúbal, em

Vila Real, etc., que, de uma forma ou de outra se tentaram agrupar, ora sob a forma de Escola integrada em Associação Cultural, Centro de Cultura, Academia ou Conservatório Regional, ora sob a forma de Grupo Experimental, revestindo na generalidade objectivos cooperativos, e que, penosa mas corajosamente lograram dar os primeiros passos na conquista do seu espaço próprio.

Passos foram dados, e de tal modo certos e definidos que a Secretaria de Estado da Cultura pressentiu, em boa hora, que havia naquelas pessoas, sem

excepção, valor suficiente que justificava o imediato apoio, e, naturalmente, o investimento cultural tão apreciado por quem de boa-fé trabalha no Sector Público em prol de todos os sectores, público ou privado, desde que eles se encontrem imbuídos de vontade de TRABALHAR, de PRODUIR e de CRIAR.

Pouco ou nada foi dito sobre o

trabalho, esforçado e anónimo, destes professores, alunos e bailarinos, que, de uma ponta a outra do País, têm criado por suas próprias mãos uma obra que não pode ser ignorada.

Existe, de facto, na nossa opinião, uma obrigação de parte dos críticos da especialidade e da Comunicação Social em geral, em esclarecer e informar a opinião pública sobre o valor e conteúdo deste movimento, tanto mais que, se por um lado os alicerces do «edifício» se estão a dever ao próprio esforço e empenhamento dos responsáveis, coreógrafos, bailarinos, técnicos e professores, por outro lado tem sido o Estado, através da Secretaria de Estado da Cultura quem está a financiar o «complexo», e a quem naturalmente são ou serão pedidas contas do investimento neles feito.

Isto ou aquilo

«Se se agora fôssemos fazer isto ou aquilo?» Recusamos formalmente seguir este caminho.

Propormo-nos, para já, fazer um trabalho de esclarecimento, difusão e estímulo, conquanto não sejamos nem críticos nem jornalistas, e, tão-somente, o respeito que nos merecem os artistas hipotecados, o público fruidor e o Estado, nos levam a arriscar a crítica dos críticos, a indisposição dos artistas, a incompreensão de certo público e a marginalização de alguma Comunicação Social, que vêem assim os seus verdadeiros domínios de actuação invadidos por um «estranho» que aparentemente se lhes quer substituir. Apesar de tudo, estamos interessados em continuar, nem que seja apenas para fazer despertar desta letargia quem tanto e tão bem — nós o sabemos e afirmamos — tem lutado pela Dança neste País.

Parece óbvio, que não desejamos nem atacar, nem destruir, nem tão-pouco comandar.

Queremos, isso sim, que outros como nós, saiam à liça, nos contestem, talvez nos completem, decerto, nos continuem, sem dúvida, na certeza que desta «luta» só a Dança deverá sair «vencedora»!

Carlos A.

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Do senhor Leão, poucos se punham junto, e nenhum diante

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 9 de Julho de 1981 Corrida do Sporting. Touros de Brito Paes para Álvaro Domecq, José João Zoio, Paulo Caetano e dois grupos de antigos e actuais forçados amadores.

Os anos passam. Faz alguns quarenta sobre aquele outro festejo do Sporting, na praça de Al-gés. Foi uma charlotada: mas além do seu atractivo próprio, da popularidade que tinha a portuguesa «troupe» de D. José, Charlot, Trolaró e seu botões, havia outro maior: o dos jogadores do Sporting, ali, na arena, com aqueles bichos que, mesmo pequenos, lá dentro pareciam enormes, são ainda mais difíceis de dominar do que a bola. E se bem me lembro estava lá o Pireza, o mestre famoso e preguiçoso do drille; e o João Azevedo, gato que parecia dado também à preguiça e afinal se estendia a defender os impossíveis, até de braço ao peito como naquela tarde do Campo Grande; e o negro Paciência, o bom Aníbal, no seu incansável perseguir da borracha, jogador de alma limpa e coração aberto, sem aprender a sabedoria com que lá atrás manobrava o Cardoso, por alguma coisa lhe chamavam o «Doutor». Ao lado havia o «Manecas», seu lenço branco pendurado na cintura, a alegria modesta e sempre pronta, peão de brega diz ele que sempre foi, na bola e na vida. E na frente, nas pontas, à direita o Mourão e à esquerda o Cruz,

este a seta, aquele a filigrana, acabam os dois de partir, não esperou por eles o avançado-centro fura-redes, o Peyroteo indómito e generoso que a morte foi a pouco e pouco levando, não o poupou ao menos àquele domingo em que ia a entrar em Alvalade e um porteiro lhe travou o passo, não sei quê o cartão, não sabia quem era Fernando Peyroteo, tal e qual como se na Maestranza de Sevilha, em tarde de touros, alguém tivesse perguntado pelo cartão a Rafael El Gallo...

★ ★ ★

Lembrei-me deles esta noite, no Campo Pequeno: desses nomes esquecidos, recordados só quando os jornais os vão procurar aos arquivos, nos vêm dizer que partiram, se calha nesse dia haver desafio ter um minuto de silêncio, no estádio que por eles outrora estremecia. Sobrou tempo para recordações, na corrida dos 75 anos do Sporting, em que não se ouvia falar das suas estrelas, nem sequer para ajudarem a vender bilhetes, talvez por isso ficou a praça nos três quartos. E sobrou tempo porque só touros laçados houve dois, não queriam recolher às cabinas. Conhecem a chateza que isso é, mesmo quando a galhofa aparece: já estava o quinto finalmente preso pela corda, quando do outro lado saltaram a ponta, e ele pôs-se a arrastá-la pela arena, depois daquela trabalhadeira estava livre outra vez, então sim, recolheu por sua conta, com a corda atrás dele.

não à frente. Nisto das touradas, ainda não está tudo inventado.

Na parte digamos séria, aconteceu pouca coisa. Os Brito Paes cumpriram, com aquela boa vontade que é própria da juventude, no quarto houve até chamada à praça do ganadero: o que eu digo é que por este caminho qualquer dia temos no Campo Pequeno uns bichos do tamanho dos daquela outra tarde do Sporting, em Al-gés. Domecq desperdiçou ingloriamente, com descarados alívios, a bela investida do primeiro, em que só no «Opus 70», aquela delícia de cavallinho bailando na cara dos touros, trocou os assobios pelas ovações; já no quarto foi outra louça, a começar no segundo comprido, que a sesgo rematou por dentro, e a acabar no espectáculo dum par a duas mãos e no ferro de palmo, certo remate de uma actuação em que, sem grandes fulgores, mostrou Domecq que continua não só vistoso, também toureiro. Zoio é outro estilo, no tom clássico que alguns ainda esperam de quem usa casaca: neste caso verde, como todas as farpas que nesta noite se usaram, em honra do Sporting esteve Zoio a condizer com iniciais — sóbrio, certo, polido. Predominaram os momentos luzidos sobre os infelizes, o sentido da lide sobre o improviso, a verdade sobre a martingala: mas faltam ali montadas que ponham no toureiro a vibração e a alegria sem o que a lide, mesmo correcta, ou talvez por isso, se faz pesada. Paulo Caetano não esteve nem bem nem mal. Simplesmente, não es-

teve; pior sinal do que os passes mal medidos e os chutos para fora, é aquele perigo de ser olhado como um cavaleiro sem futuro, condenado a jogar na reserva, em primeiras só quando faltar algum dos bons. Espere-mos.

As pegas abriram com uma cara do pai Luís Freire Gameiro, que tirou os óculos e voltou à arena com o mesmo estilo e ar de senhor; e fecharam com a de seu filho Francisco, que brindou ao presidente do Sporting, João Rocha, e ficou à terceira, com valor e raça. E pelo meio houve a dureza do quinto, que pôs à prova o rijo dos velhos, antes de pegado pelo Eurico Lampreia mandou para a enfermaria o José Caraca e o Simão Comenda; e as pegas de dois Joões actuais, o Cotes e o Patinhas; e o momento mais emocionante da noite, que foi quando Lucílio Palma Fialho, esquecido dos tantos anos sem pisar as arenas, chamou sem pestanejar, fechou-se com garra, aguentou derrotes, reproduziu no Campo Pequeno a estampa do homem maduro e corajoso que com o touro se encontra, e cara a cara o desafia, e sem temor o vence.

★ ★ ★

E para corrida do Sporting, ponhamos epílogo a propósito, breve evocação do mais famoso entre os toureiros de que reza a história com apelido Leão, rei dos animais que o clube tem por imagem.

Chamou-se Juan Leon, e de sua figura legendária disse nada

menos que Paquiro: «Pocos se le ponian junto al señor Juan, y ninguno delante».

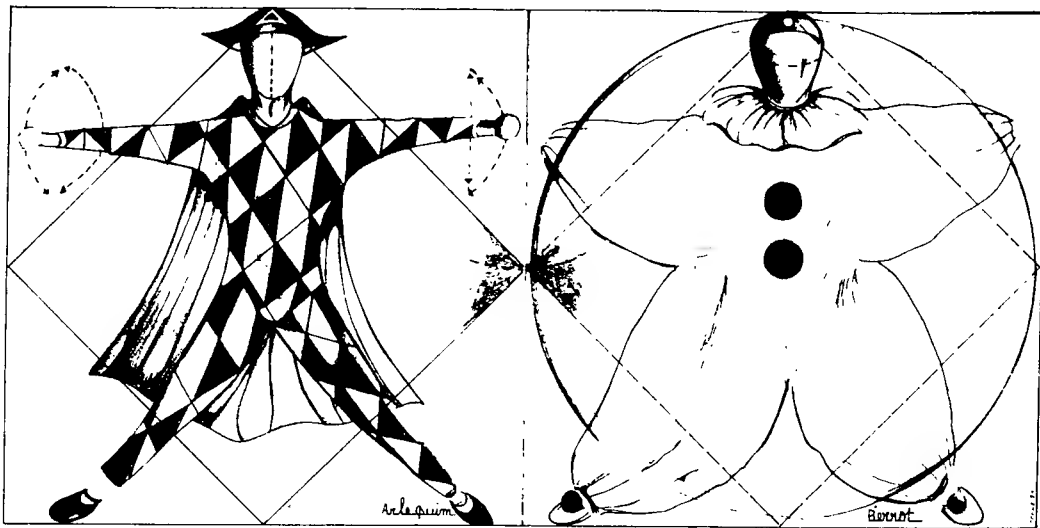
Nascido na sevilhana «calle de Tintores», a 2 de Setembro de 1788, era filho de um modesto oficial de chapelaria, cuja aficção não pôde o pai evitar que se pegasse ao moço; das escapadas ao matadouro de Sevilha, onde os maestros faziam mão, não tardaram as primeiras saídas em festejos menores, assim se foi tornando bandarilheiro de algum cartel. E quando Curro Guillén regressou do exílio em Portugal, logo passou Leon a figurar na sua quadrilha, dele recebeu o paternal conselho, e o consentimento para se ir fazendo mator. O destino os iria juntar em Ronda, naquela tarde de 1820: era 20 de Maio, e quis o discípulo convencer Curro a passar a corrida para outra data sem zero, dizia Leon que «dia de cero, en la piel agujero». E quando Guillén recebeu a estoque um touro de Cabrera, com sete anos, foi enganchado e atirado contra as tábuas. Percebendo que nelas iria o touro buscar seu velho maestro, acorreu Juan, leão no gesto como no apelido, e ofereceu seu corpo à investida: mas na haste direita o levou o touro, enquanto com a esquerda prendia Curro, com um matador em cada corno saiu para os médios, ao ar os despediu, morto o maestro, a salvo seu discípulo.

Desaparecido Guillén, envelhecido Jerónimo Candido (com 75 anos matou a sua última corrida em Madrid), no vazio das figuras cimeiras se fez cartaz a

temeridade de Juan Leon, até na temporada de 1931 surgir Francisco Montes, Paquiro, o novo amo da Festa, tão amo que arte de Montes iria ser chamada.

Bate-se Leon com o poderio do chiclanero, usa do amor próprio, servido pelo valor e pelos ágeis recursos que a história representa no episódio célebre da tarde de Madrid, no ano de 1827, em que depois de receber com a espada um touro de Gaviria, ficando caído na arena, deitado se defendeu das brutais acometidas, em vários muletazos o aguentou assim, até junto de si rodar o touro.

Impetuoso e temerário, foi-se a riqueza de Juan Leon, que com tamanhos riscos ganhara, na vida libertina que o ia consumindo, entre cantadores e cigarras, dissipadores e aventureiros. E sentindo que não era mais verdade o que dele dissera Montes, que «poucos se punham junto dele, e nenhum diante», em 1847 retirou-se das arenas. Voltaria em 1850, sem recursos, «em busca de um pedaço de pão», como dizia aos amigos que de tal o queriam dissuadir. Mas no ano seguinte uma cornada em Aranjuez fê-lo voltar ao descanço de Sevilha, donde em 1854 o pavor da cólera o leva para Utrera, ao amparo da hospitalidade do seu antigo picador Juan Pinto. De pouco lhe serve, que ali vai a morte buscá-lo em Outubro, perdida do bravo Juan Leon a fortuna que, como ele dizia, o toureiro ganha entre dois cornos: num deles está a bolsa, no outro a vida.



O CITAC montou novo espectáculo

Embora reconheçam que «Pierrot e Arlequim, coitados, já não têm salvação possível» é precisamente a peça de Almada Negreiros intitulada «Arlequim e Pierrot — comédia tragédia» que o CITAC montou, estreou e tem neste momento em cena, em Coimbra, no seu Teatro-Estúdio, todas as terças, quartas e quintas do mês de Julho.

«Pierrot e Arlequim é um espectáculo encenado por Fernando Marques e Jorge Humberto, ambos membros do CITAC, que teve ainda a colaboração de António Barros, Vitor Álvaro, Vasco Queirós e Paulo Fonseca na respectiva montagem.

Para além da sua apresentação nos dias indicados, que se vem processando desde o início deste mês, o CITAC apresentou já o seu novo trabalho, numa espécie de antestreia, na 1.ª Mostra

de Teatro Universitário que decorreu em Maio, no Porto, e estuda agora uma programação com a Câmara Municipal e o FAOJ para o distrito de Coimbra.

Uma das razões para a montagem deste espectáculo pode ser encontrada nas palavras escolhidas pelo grupo para a sua apresentação: «Aquele ideia que era a melhor de todas e que escapou ao Arlequim enquanto esteve cá neste mundo, e aquela outra que também era a melhor de todas e que pela mesma forma também escapou ao Pier-

rot, interessa-nos extraordinariamente. Nós que ainda pertencemos a este mundo é que podemos aproveitar o que a eles escapou».

Para uma ficha técnica do novo espectáculo deste grupo universitário falta ainda referir que a actuação é desempenhada por José Louro e João Torres para além dos já citados Fernando Marques e Jorge Humberto (Arlequim e Pierrot), a operadora de «slides» é Filomena Teixeira e a luminotecnica está a cargo de Anibal Abrantes.

Escreve-nos o arquitecto Eduardo Jorge Cardim Evangelista solicitando a correcção da notícia em epígrafe, publicada na edição do «DL» do passado dia 9, na parte que diz respeito às classificações dos diversos coordenadores das equipas parti-

«Vão levar a Torre do Tombo para o Campo Grande»

cipantes no concurso nacional de projectos para o futuro edificio da Torre do Tombo.

Uma informação errada, que nos chegou via ANOP, fez-nos omitir o nome do arquitecto Cardim Evangelista, substituindo-o

pelo de um concorrente não classificado na fase final do Concurso.

Com efeito, e conforme anúncio oportunamente publicado pelas entidades responsáveis pela organização do concurso, o

URSS vai publicar dramaturgos portugueses

A publicação de peças de autores portugueses na URSS e de obras de dramaturgos soviéticos do nosso país, bem como a realização do próximo ano em Portugal de um seminário sobre a formação do actor e do público de teatro com a participação de especialistas soviéticos, e daqui a dois anos na URSS, com a colaboração de homens do teatro portugueses sobre o mesmo tema, foram os principais pontos acordados entre Luís Francisco Rebelo, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) que se deslocou à URSS no princípio deste mês, e a União das Associações Soviéticas para a Amizade entre os Povos.

Estas realizações serão concretizadas num acordo a assinar entre a SPA, o Sindicato dos Espectáculos e a Associação Portugal-URSS, pela parte portuguesa, e a secção de teatro da União das Associações de Amizade.

A viagem de Luís Francisco Rebelo foi efectuada na sua qualidade de presidente do Conselho dos Autores para os Audiovisuais, chefiando uma delegação de que faziam parte ainda Curado Ribeiro e Artur Ramos para assistir em Kiev de 2 a 4 do corrente a uma reunião realizada no âmbito das Confederações das Sociedades de Autores.

A SPA é um dos 110 membros

de 55 países da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores) que integra 5 conselhos de autores: Dramáticos, literários, audiovisuais, musicais e plásticos. Os três primeiros reuniram-se em Kiev a convite do Organismo Soviético para a Defesa dos Autores (VAAP).

Nos dois primeiros conselhos discutiram-se as relações entre editores e autores, e entre estes e os tradutores bem como a reprodução para o ensino e o pagamento de direitos pelas bibliotecas.

No encontro de audiovisuais foram abordados dois temas de relevo: produção de criação original para TV e valorização cultu-

ral dos programas televisivos. Debatidas ainda as relações contratuais entre os autores e os organismos de televisão, para salvaguarda dos direitos dos primeiros.

Em Moscovo Luís Francisco Rebelo foi convidado pela União das Associações de Amizade a prolongar a sua estadia no país por mais uma semana, efectuando no âmbito das comemorações dos «Dias de Portugal na URSS», uma conferência sobre a situação actual do teatro português na Biblioteca de Literatura Estrangeira de Moscovo, organismo que tinha patente ao público uma exposição de cartazes e obras de teatro publicadas em Portugal após o 25 de Abril.

«Dexys Midnight Runners» no Porto e Cascais

Os «Dexys Midnight Runners» estarão em Lisboa e no Porto já nos próximos dias 17 e 18. O primeiro concerto deste grupo de «rock» britânico ocorrerá no Pavilhão Infante de Sagres, repetindo-se no dia seguinte, no Pavilhão de Cascais. Os «Dexys Midnight Runners» têm no espaço da música «rock» um lugar

especialmente marcado por posições, abertamente políticas e sociais, sendo, por exemplo,

bastante conhecida a sua adesão à luta travada pelo Exército Republicano Irlandês (IRA).

Musicalmente, os «Dexys Midnight Runners» valem mesmo a pena ouvir pela conjugação que fazem do «rock» com o «jazz».

No concerto de Cascais, tocará ainda na primeira parte o grupo português «Projecto Rock», recentemente classificado em terceiro lugar no festival «Só Rock» de Coimbra.

3.º — «ExAequo», por unanimidade, Arquitectos Diogo Lino Pimentel e Eduardo Jorge Cardim Evangelista.

Aqui fica a rectificação, com as nossas desculpas aos leitores e ao arquitecto Cardim Evangelista.

VII FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO ESTORIL 1981

Organização da: JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO ESTORIL
Colaboração da: Câmara Municipal de Cascais e Fundação Gulbenkian
Subsidiado pela: SEC, DGT e Estoril-Sol
Patrocínio da: PHILIPS

Grupo Experimental de Dança Jazz

(ESPECTÁCULO EXTRA) 17 E 19 DE JULHO, ÀS 21,30 H.

Parque Palmela — Cascais (ao Hotel Estoril Sol)

Bilhetes à venda na Junta de Turismo da Costa do Estoril, Casino do Estoril e Discoteca Aifai

Sopa de Pedra

FERNANDO TORDO

HENRIQUE VIANA



AGORA NO TEATRO ABERTO

(à Praça de Espanha) — T. 770969

Continua o êxito

Todas as noites às 21.30
Sábados às 16 e 21.30
Domingos às 18 horas
Folga às 2.ªs feiras

SÓ ATÉ 2 DE AGOSTO

FILMES CASTELLO LOPES 60 apresenta

DOMINIQUE SANDA / GERALDINE CHAPLIN



A LIBERTAÇÃO... AS CONFIDÊNCIAS... OS ANSEIOS DO AMOR!

Doces Fantasias

Le Voyage en Douce

ARGUMENTO E REALIZAÇÃO DE MICHEL DEVILLE

INTERDITO A MEN DE 13 ANOS
COLORIDO

PRODUÇÃO GAUMONT INTERNATIONAL

HOJE, ÀS 21.30
GRANDE ESTREIA



PUB
IRRESISTÍVEIS!

UMA REVISTA ÚNICA EM CENA



ERMELINDA NICHOLSON NATÁLIA
ANTÓNIO FEIO • CREMILDA GIL
VIEIRA DE ALMEIDA • CARLOS IVO

PAGA AS FAVAS!...

A SENSACIONAL REVELAÇÃO MARIA VIEIRA

NO ADÓQUE

☎ 87 44 76
De 3.ª a 5.ª às 21.30
6.ª e Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. às 16 e 21.30
Folga 2.ª feira

As fabulosas jovens do Adóque!



Câmara Municipal do Concelho de Cuba FEIRA FRANCA ANUAL

A Câmara Municipal de Cuba faz saber que a tradicional Feira Franca do Verão terá este ano lugar nos dias 29, 30 e 31 de Agosto e 1 de Setembro, próximos.

As transacções de gados realizar-se-ão no dia 29 de Agosto.

Cuba, 9 de Julho de 1981
(A Câmara Municipal)

CONSTRUÇÕES

RUIVO DO MONTE

UMA CASA À MEDIDA DA SUA BOLSA

CONSULTE-NOS JÁ PELO TEL. 24128 - SETÚBAL. VENDAS
TODOS OS DIAS: RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A EM
SETÚBAL. RUA DO EITO, N.º 28, 2900 SETÚBAL

Câmara Municipal da AMADORA

AVISO 21/81

2.º ANIVERSÁRIO DO MUNICÍPIO DA AMADORA 11 DE SETEMBRO

Está em curso a organização de algumas iniciativas que vão integrar as comemorações do 2.º aniversário do Município, as quais decorrerão entre 10 e 27 de Setembro.

De entre elas, destacam-se:

★ 1.ª FEIRA DO LIVRO DA AMADORA

Para exposição e venda por todos os editores e livreiros interessados.

★ CONCURSOS PARA CARTAZ DAS COMEMORAÇÕES/PINTURA E ESCULTURA- /FOTOGRAFIA

Prémios que variam entre os 7.500\$00 e os 30.000\$00
Regulamentos publicados na imprensa.

★ I JOGOS FLORAIS DA AMADORA

abrangendo as modalidades de quadra, prosa e poesia, de acordo com o regulamento aprovado.

INFORME-SE! PARTICIPE!

Peça documentação ao Serviço de Acção Social e Cultural (7.º andar)

Tels. 942938/943121, 2, 3, 4-ext. 37

Amadora, 6 de Julho de 1981

Em substituição do
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA
AMADORA
O VEREADOR
ANTÓNIO MARQUES PEDROSA



Caminhos de Ferro
Portugueses

Aviso ao público CONCURSO

Até às 17 horas do dia 29 de Julho de 1981, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de um snack-bar na estação de Vendas Novas.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 30 000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C.P. a quantia de 5 000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Vendas Novas
- Pinhal Novo
- Casa Branca
- Serviço Comercial da Região Sul

BARREIRO

- Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia. 1.º andar

LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses - E.P., Estação de Santa Apolónia. 1.º andar. 1196 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de um snack-bar na estação de Vendas Novas».

Assembleia Municipal da Marinha Grande

MOÇÃO DE APOIO PELA APLICAÇÃO DA LEI DA AMNISTIA EM RELAÇÃO AOS PRESOS DO CASO P. R. P.

Considerando que Portugal é um País onde se fez o 25 de Abril e se diz haver um poder judicial democrático. No entanto, mantêm-se antifascistas encarcerados e obrigados a pôr a sua vida em perigo para alcançar o direito à aplicação da Lei da Amnistia.

Considerando que foram libertados e integrados os «pides», agora reintegraram um ministro de Salazar na função pública com 2500 contos de indemnização; e que para julgamento como o do caso conhecido «processo P. R. P.» as entidades judiciais não aplicam as leis, e dão cobertura às mais variadas formas de terror pessoal como é o facto dos presos serem sujeitos a torturas.

Considerando a opinião jurídica da Amnistia Internacional e a declaração de inconstitucionalidade, do artigo 439 pelo Conselho da Revolução, permitindo que cessem as ilegalidades que estão subjacentes às posições dos detidos.

A Assembleia Municipal reunida em sessão ordinária no dia 8 de Julho de 1981, decide:

- 1 - Declarar a sua viva apreensão e erguer o seu protesto pela forma como as referidas entidades judiciais, neste País de Abril, aplicam os seus critérios de legalidade, não respeitando a lei.
- 2 - Pronunciar-se pela defesa da Constituição da República e a aplicação da Lei da Amnistia ao caso «Processo P. R. P.».
- 3 - Juntar publicamente o protesto às vozes que neste País responsabilizam o Ministro da Justiça e o Governo AD, perante o agravamento e possibilidade de morte dos detidos do P. R. P.

APROVADA POR MAIORIA COM 20 VOTOS FAVORÁVEIS E 3 CONTRA

Assembleia Municipal de Sines

MOÇÃO

A Assembleia Municipal de Sines, reunida em Sessão Ordinária no dia 26.6.81, na Sala de Sessões da Câmara Municipal de Sines e, tomando conhecimento da situação gravíssima que a Cooperativa de Habitação Económica Unidade e Acção atravessa, aprovou a seguinte Moção:

1 - Exige-se do Governo e em particular do Ministro da Habitação que imediatamente seja desbloqueada a situação em que se encontram as Cooperativas de Habitação Económica com pedidos de financiamento no F.F.H.

2 - A C.H.E. - Unidade e Acção que tem em construção 96 fogos com cerca de 60% já construído, vê-se obrigada a parar as obras por falta do financiamento prometido e cujo processo deu entrada no F.F.H. em Abril de 1980.

3 - Sem respeito pelo direito à habitação de 96 famílias que iriam ser contempladas, as quais com o maior esforço vêm entregando as suas economias à Cooperativa, e sem qualquer consideração pelos permanentes apelos da Direcção da Cooperativa, o F.F.H. e o Governo vão frustrar as esperanças e, as mais que justas aspirações destas 96 famílias.

4 - Igualmente vai lançar no desemprego várias dezenas de trabalhadores, e na falência o empreiteiro geral e alguns pequenos industriais que aceitaram empreitadas para o mesmo.

5 - A Direcção da C.H.E. criou responsabilidades com a Banca na expectativa de impedir a paragem da obra, pelo que está com graves problemas para resolver o seu pagamento.

6 - Porque é inaceitável esta atitude exige-se ao Governo e às entidades com responsabilidades no assunto medidas imediatas para ultrapassar esta situação. Sines, 26 de Junho de 1981

Aprovada por maioria c/1 abstenção

O Presidente da Assembleia Municipal
José Arcanjo Ferreira Costa

NAS SUAS FÉRIAS PODE COMPRAR O



LITORAL AO SUL DO TEJO

- SESIMBRA Tab. Gonçalves
Pedro Baptista Cardoso
- PORTINHO DA ARRÁBIDA Quiosque Arrábida
- Rest. Vela d'Ouro
Centro Comercial Sines
- VILA NOVA DE MILFONTES Café Mira Mar
- PORTO COVO Augusto António Vilhena

LITORAL NORTE

- BARCELOS Casa Pedro
- ESPINHO Quiosque Reis
Pap. Ratoril
Aires Moreira Rocha
- PÓVOA DE VARZIM Albino Ferreira Lima
Clarisse Gonçalves
- VILA DO CONDE Altino Lopes Martins
- VILA PRAIA ÂNCORA Pap. Arcada
- VIANA DO CASTELO José Aires
Tab. Siso

Aceitam-se assinaturas de férias
pelo período de 10 dias, ao preço de
15\$00 por exemplar
Pagamento antecipado através de
cheque ou vale de correio

Remete para «Diário de Lisboa» - Assinaturas
R. Castilho, 185-1.º
1200 LISBOA

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Corrupção e corrosão

A televisão francesa faz reportagem sobre o bebé-proveta. A Televisão entre nós faz entrevistas ao ministro Cardoso e Cunha.

Que mal foi o nosso, Senhor? Que tremendos pecados resgatamos para ter um MAP que temos, um Cardoso e Cunha que temos, uma Televisão que temos? Senhor, Senhor, em que merecemos nós isto?

Há situações que ultrapassam o ridículo e a provocação. Esta é uma assim. O crítico fica manietado. E daí as suas queixas, as suas revoltas, as suas imprecações junto à muralha da grande cidade. Vou confessar tudo: ainda me lembrei de gozar o assunto em meia dúzia de quadras mais ou menos carnavalescas. Nada. Ou como se diz na Volta à França: rien. Isto a que chamaram ministro é um balão cheio de vento: pica-se, rebenta. Em nossa mão, o destino, irónico como só os destinos sabem ser, deixa ficar apenas uns farrapitos de borraça mais ou menos se-bentona, que nem uma quadrinha justificam.

E pronto. Temos, em alternativa, as Últimas com a Volta à França numa louvável iniciativa de desdramatizar a desistência de Joaquim Agostinho, que diabo, devemos reconhecer que é um rude golpe, mas a nossa Pátria concentrou, ao longo de oito séculos, reservas anímicas que lhe permitem resistir aos ventos da adversidade, venham

eles donde vierem.

Temos ainda, como digno de nota, aqueles apontamentos com o comandante da Polícia de Segurança Pública. A Polícia agiu bem na Luz e na Nazaré, o que equivale a dizer que agirá sempre bem. Pairou uma grave preocupação: a Polícia luta com dificuldades económicas e financeiras. A propósito, eu acho que se devia abrir subscrição pública para a compra de mais cães, mais coronhas de espingarda, mais balas (de borraaaa-aaaaacha...) e mais «casetetes». O povo não fazia nada de mais, se pagasse os artigos de que ele é o único utente, ora essa. Como disse o Carlos Macedo a propósito da saúde, quem quer levar porrada, paga-a.

Temos ainda a entrevista, antes do **Telejornal**, com a Margarite Duras. Um batido monstrosuoso de cabotinismo, de lugares-comuns, de aventureirismo intelectual, de chinó por dentro da cabeça. A meiadúzia de intelectualóides da nossa praça devem ter gostado muito, embora não tivessem provavelmente compreendido nada. Esses, porque a quase totalidade da audiência se estava marimbando para quem fosse a Duras snobíssima. De quem, aliás, ficaram a saber preciosíssimas cousas como por exemplo: a folha de papel branco é um abismo; ela nunca sabe o que vai escrever; os que escrevem segundo um plano, não são escritores; ela,

quando... como é que eu hei-de dizer... ela quando está numa de amor, não escreve; falhou completamente a sua vida e o destino da sua obra, não lhe interessa, o que lhe interessa são os direitos de autor para o filho; e que a sua sorte foi ter muitos amantes e um filho.

As nossas escritoras e artistas não mereceram a atenção agora prestada à Duras. Não admira, n'é, agora que dizem que vamos entrar no Mercado Comum...

Voltemos à entrevista do Cardoso e Cunha.

Foi na rubrica «1.ª Página». A Guidinha era coadjuvada pelo senhor director do «Tempo», apenas por ele porque outros jornalistas convidados não puderam comparecer. Adiantaria mais tarde que a responsabilidade dos convites pertencia aos titulares da rubrica. Mas... quem são os titulares? E já agora: quem são os tutelares? Não responda, deixe, nós sabemos quem são, foi só por perguntar.

Bom. Na realidade, aquele homem não é um ministro: aquele homem é um autoclismo. O discurso brota-lhe em golfadas. Fala, fala, fala, para quê? Para esclarecer? Não. Para esconder. Segundo o velho e freudianíssimo conceito de que, quem muito fala, muito esconde.

Se o C. e C. quisesse afrontar a verdade, aceitaria o debate na TV com os trabalhadores da Reforma Agrária. Este cavalheiro é medíocre e, como todos os me-

diocres, tem medo de fitar a luz, prefere a penumbra da cumplicidade.

Mesmo assim, quer a Guidinha, quer o senhor director do «Tempo» puseram algumas questões a que o C. e C. se furtou. Eles, porém, como são pessoas muito educadas, não insistiram. Com razão. Parecia mal.

A constituição de uma determinada sociedade, em situação estranha? Ele não percebe... As referências familiares? Nicles. C. e C. é surdo. E também a história da corrupção, que dirá ele a isso? Nada. Não dirá nada. Não é por nada disso que estão a pensar: é que ele, coitado, não ouviu, passou nessa altura um avião para Chicago, fez barulho...

Quer quanto à figura do Goulão, às terras abandonadas, à cortiça, aos acórdãos do Supremo, às contestações de vários quadrantes, aos protestos dos agricultores, etc., etc., este cavalheiro enterrou-se não tanto pelo que disse como por aquilo que silenciou. Nunca ninguém disse tão pouco, falando tanto.

Quanto à corrupção, deixem lá. A AD está de acordo em que o inquérito se faça... no ano dois mil.

Mais cunha, menos cunha, senhores aprendam: a corrupção pode esconder-se, mas o cancro da corrosão está à vista.

Milhões de pessoas ontem vi-

Hoje



Na RTP-1 exhibe-se mais um episódio da série Os Anjos de Charlie

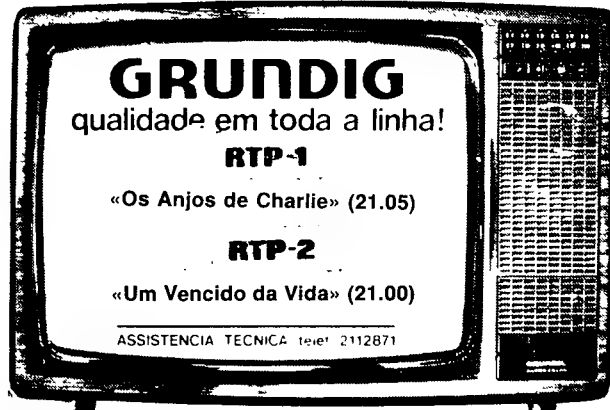
- 18.52** Sumário
19.02 Tempo dos Mais Novos - Com «Filatelia Para Todos».
19.30 País, País - Informação regional.
20.00 Res Pública - Em foco a cidade de Chaves.
20.55 O Tempo
20.30 Telejornal - As notícias do País e do estrangeiro.
21.05 Os Anjos de Charlie - Um assassino tenta matar, separadamente, Jill, Kelly e Sabrina. Estas, assustadas com a intensificação dos «acidentes», refugiam-se em casa de Charlie, conduzindo assim o assassino ao seu verdadeiro alvo.
 Intérpretes: Kate Jackson, Farrah Fawcett e Jacklin Smith.
22.00 Água Viva - Episódio n.º 102
22.45 Últimas Notícias - Inclui o resumo da jornada da Volta a França em Bicicleta.



Paul Muny um dos intérpretes principais do filme «Um vencido da vida», realizado por Archie Mayo e terá Bett Davis no principal papel feminino.



- 20.30** Informação/2 - As notícias do País e do estrangeiro.
21.00 «Um Vencido da Vida» - Um advogado, oriundo da colónia Mexicana de Los Angeles, toma parte, como acusador, num processo contra a filha de uma importante personalidade. Mais tarde, é expulso da Ordem dos Advogados e... apaixona-se pela jovem que em tempos acusara.
 Intérpretes: Bett Davis e Paul Muny.
 Realização de Archie Mayo.



Amanhã



- 18.50:** Sumário; **19.00:** Tempo dos Mais Novos; **19.30:** País, País; **20.00:** Grande Reportagem; **20.25:** O Tempo; **20.30:** Telejornal; **21.15:** Hollywood, 7.º episódio; **22.00:** «Água Viva», episódio n.º 103; **22.45:** Últimas notícias.



- 20.30:** Informação/2; **21.00:** Sinais do Tempo; **21.30:** Programa Musical «Solid Gold»; **22.30:** O Mundo em acção-3.º programa.

DIA 18 em CAMARATE

textos de: **BERTOIN BRECHT** encenação de: **FERNANDO GUSMÃO**

GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE
Teatro do Jovem Espectador 2752175



Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

ELABORAÇÃO DE PROJECTOS DE ARQUITECTURA E ENGENHARIA DE EDIFÍCIOS DESTINADOS A INSTALAÇÕES SOCIAIS DA CP

Com vista à elaboração de projectos de arquitectura e engenharia de edifícios destinados a instalações sociais da CP, nomeadamente Dormitórios, convidam-se Gabinetes de Projectos e Grupos de Projectistas a apresentar, no prazo de 15 dias a contar desta data, a sua candidatura.

As candidaturas deverão ser endereçadas pelo correio, em carta registada, para:

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP
CONSELHO DE GERÊNCIA
CALÇADA DO DUQUE, 20
1294 LISBOA CODEX

TRÓIA SÁBADOS E DOMINGOS DE 4 DE JULHO A 13 DE SETEMBRO PRAÇA DE ESPANHA SETÚBAL (TRÓIA)

(NA PRAÇA DA REPUBLICA JUNTO AO CAIS DE EMBARQUE PARA TRÓIA)

PARTIDAS	Praça de Espanha	8.45 h.
	Setúbal	19.30 h.

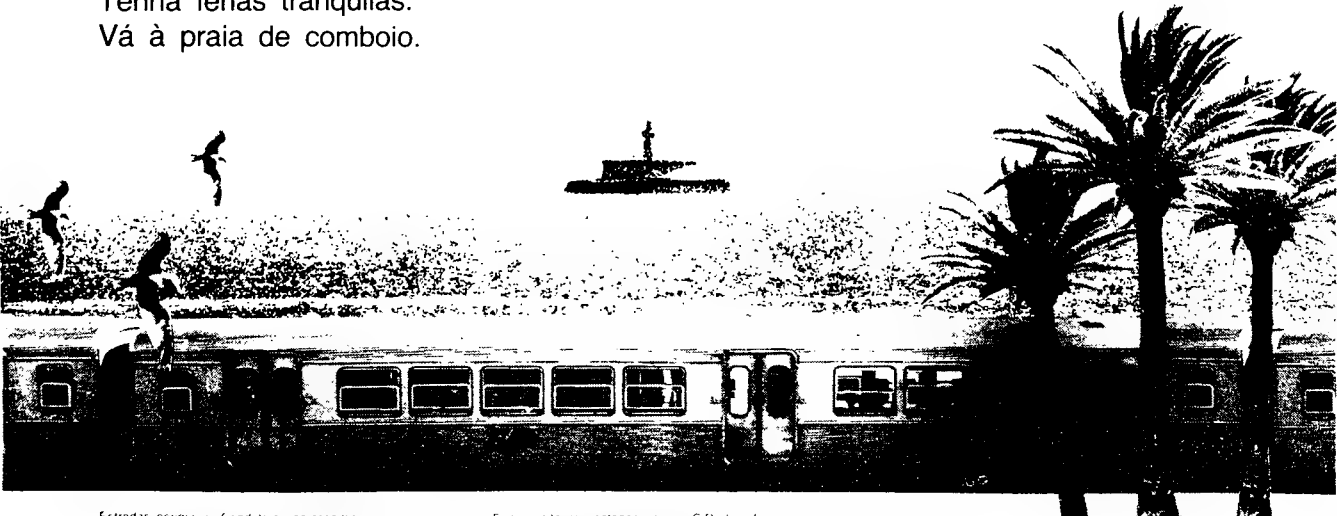
DURAÇÃO DO PERCURSO — 45 MINUTOS
CARREIRA DIRECTA VIA AUTO-ESTRADA

OBS. Poderão ser efectuadas outras viagens após o horário referido desde que a afluência de passageiros o justifique



COP9 - Centro de Exploração de Passageiros B
Vila Fresca de Azeitão
Telefones: 2080029/2080062/2080515

Tenha férias tranquilas.
Vá à praia de comboio.



Estradas perigosas. Condutores apressados. Engarrafamentos. Parques de estacionamento saturados. Tudo isto durante as férias? Não! Tenha férias tranquilas.

Va de comboio para a praia. Aproveita a viagem e a paisagem. Tranquilamente. A qualquer dia da semana.

E aproveite as vantagens que a CP lhe oferece. De tabelas semanais e passagens mensais. De modernas máquinas automáticas para bilhetes. De comboios com partidas constantes em ambos os sentidos.

Tire o máximo proveito de umas férias tranquilas. Aproveite o comboio.

Caminhos de Ferro Portugueses

CP - Gabinete de Dev...

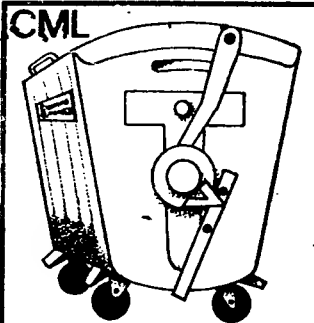
CONSULADO GERAL DO BRASIL

(Lisboa)

EDITAL

Félix Baptista de Faria, Cônsul Geral do Brasil em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira TANIA APARECIDA PEREIRA CALÇADA, filha de Manuel Joaquim Rodrigues Calçada e de Fernanda Pereira Calçada, pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da lei na Chancelaria do Consulado Geral em Lisboa, à Praça Luís de Camões, n.º 22 - 1.º Esq.º

Lisboa, em 9 de Julho de 1981



proteja a sua saúde
mantenha a tampa fechada

Muitos acidentes com
veículos pesados
têm como causa
excesso de carga.
Respeite sempre
os limites.



Teatro

O Lirio do Inferno — últimos três dias para quem ainda não viu. Serão realizadas neste fim-de-semana as últimas três representações em Lisboa do Teatro-Cabaret-Musical «O Lirio do Inferno», com interpretação de Maria Alice Vergueiro e Mário Laginha. A partir de textos de Bertolt Brecht e músicas de Weill, Eisler, Dessau e Laginha, eis aí, «se necessário fosse, a prova da disponibilidade da obra de Brecht para ser força viva no palco, ou seja, o contrário do cadáver fossilizado ou do medalhão académico com que, por óbvias razões políticas, querem etiquetá-lo. O espectáculo 'cabaretiano' que Maria-Alice Vergueiro apresenta na Comunidade é, antes do mais, isso mesmo: uma chamada com complexos e sem trações a uma voz livre, incómoda, cuja modernidade parece indiscutível», escreveu Carlos Porto nas páginas do «DL».

A equipa de «O Lirio do Inferno» despede-se de Lisboa, para uma longa digressão por todo o País, realizando hoje, à meia-noite na Comunidade, uma apresentação especial para a classe teatral e na sexta e sábado, às 22 horas, e domingo, às 18.30, para o público em geral.

Terceiro Mundo, o novo espectáculo de Ricardo

Pais, bem acolhido pela crítica, prossegue a sua carreira, todas as noites às 21.30, no «Teatro» da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, à Av. de Berna, 24 (antigo quartel do Trem-Auto).

Duas peças de Bernardo Santareno estarão em cena, no Teatro S. Luiz, hoje e amanhã integradas no Festival de Teatro Amador de Lisboa-1981 que, organizado pela Câmara Municipal de Lisboa, tem vindo a decorrer durante o mês de Julho. Assim, hoje, pelas 21.30 horas, o Grupo Oficina de Teatro Amador — Gota representará «A Confissão» e sexta-feira, também às 21.30 horas, será levada à cena pelo Grupo de Teatro de Amadores — Início a peça «Restos».

Entretanto, sábado, às 21.30 horas o Grupo de Teatro do Clube Artístico e Comercial de Torres Vedras representa «Todos eram Meus Filhos», de Artur Miller, e domingo, às 16 horas, será levada à cena a peça de Fausto Alberto Pereira Quintas «Os Meninos e os Palhaços», pelo Grupo de Teatro do Sport Lisboa e Campolide.

As entradas para o Festival de Teatro Amador são gratuitas.

Cinema

O ciclo de cinema moderno.

roteiro cultural

que o ABC Cine-Clube de Lisboa promove este mês na Sociedade Nacional de Belas-Artes, inicia-se amanhã com a exibição, às 21.30, da obra-prima de Jean-Luc Godard, «Pierrot le Fou» (Pedro, o Louco), realizado em 1965. São intérpretes principais Ana

Karina e Jean-Paul Belmondo. Aceitam-se inscrições de sócios à entrada (50\$00).

Exposições

Inaugura-se hoje, às 22 horas, na Galeria de Arte do

Casino Estoril, uma exposição de cerâmica recente de Artur José.

O autor, justamente considerado um dos mais importantes ceramistas do nosso país, apresenta-se com uma gama de trabalhos que persegue o novo rumo de pesquisa formal e cromática, sinalizado na sua última «mostra» na Galeria de S. Francisco.

Artur José, cujo estilo se demarca pela excelência dos seus vidrados e pelo domínio perfeito dos materiais, realiza, nesta sua 33.ª individual, uma nítida ligação criadora onde o diálogo cromático assume novos tons, em jogo sóbrio e subtil. A inclusão do relevo pela aposição de elementos sublinha esta vontade de diversificação da obra que, mantendo o cunho vincadamente pessoal, envereda pela procura que melhor preenche a insatisfação e a exigência do autor.

Esta exposição estará patente ao público todos os dias das 15 às 24 horas, até 27 de Julho.

Uma exposição de pintura de Eleutério Sanches é hoje inaugurada em Óbidos, no solar da Praça de Santa Maria, à Rua Direita. A mostra estará patente ao público até 30 de Julho, das 9 às 21 horas. Os trabalhos do artista agora expostos pertencem ao grupo «Alquimia da Árvore».



Cerâmica de Artur José

RN

RODOVIARIA
NACIONAL, E. P.

INFORMA

NOVO SERVIÇO DE PRAIA
INÍCIO EM 27.06.81

SACAVÉM — MOSCAVIDE — COSTA
DA CAPARICA

Partidas de Sacavém — De 2.ª a 6.ª-F.: 08.30
Sáb., Dom., Fer.: 06.30 e 09.00

Partidas da C. Caparica — De 2.ª a 6.ª F.: 17.00
Sáb., Dom., Fer.: 17.30 e 18.30

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTAR OS
NOSSOS POSTOS EM SACAVÉM E MOSCAVIDE

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		52\$35	57\$35
ALEMANHA FED. (marco)		26\$25	27\$35
AÚSTRIA (xelim)		3\$65	3\$85
BELGICA (franco)		15\$35	16\$35
BELGICA (cruzeiro)		\$414	\$664
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)		52\$65	54\$65
(notas de 5 a 1000)		53\$15	55\$15
DINAMARCA (coroa)		88\$35	88\$75
ESPAÑA (peseta)		\$623	\$723
FUA (dólar - notas de 1 e 2)		63\$40	65\$40
(notas de 5 a 1000)		63\$90	65\$90
FINLÂNDIA (marka)		14\$15	14\$75
FRANÇA (franco)		10\$95	11\$65
HOLANDA (florim)		23\$55	24\$55
INGLATERRA (libra)		96\$10	100\$10
IRLÂNDIA (libra)		120\$50	124\$50
ITALIA (lira)		\$048	\$058
JAPÃO (iene)		\$251	\$286
NORUEGA (coroa)		10\$45	10\$96
SUECIA (coroa)		12\$35	12\$95
SUIÇA (franco)		30\$65	31\$65
VENEZUELA (bolivar)		12\$15	13\$15

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem - cinema; 17.00: Ciclo musical, 18.00: Formas de energia; 18.45: RDP-regiões; 20.00: Enquanto os outros vêm TV-jazz; 21.00: «O Bobo» - livre e directo, 02.00: Madrugada na RDP-Centril, 05.30: Programa rural

Programa 2

16.00: Que quer ouvir?; 17.00: Intercâmbio musical; 17.30: Música de piano de Beethoven, 18.00: Dossiers sonoros; 18.40: Dois concertos da colectânea op. 4, «La Stravaganza», de Vivaldi; 19.00: O canto e os seus intérpretes; 20.05: Bailado; 20.35: Música; 21.00: Aspectos da música do Brasil; 22.00: Música de câmara de Schubert; 22.30: Música; 00.00: Música de piano; 00.30: Concerto para viola de câmara e orquestra, de Ernesto Halffter, 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.05: A música de amanhã; 15.15: Espelho meu; 15.45: Teatro trágico; 16.15: A panela ao lume; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta; 18.20: Espaço 3 P, 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Diversos; 21.03: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.30: Quando o telefone toca (3.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.20: Mensagens bíblicas; 22.35: Diálogo; 22.40: Tempo de desporto; 23.08 24.ª hora: Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

16.03: Rock em stock, 18.03: Circulo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolls rock; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto, Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Pajú; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Meta final; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando; 24.00: Meta final (continuação). Notícias de hora a hora

**NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS**

Tiragem média diária do
mês anterior: 49.619 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13176

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Existência. Recusa.
- 2 Espécie de gato-bravo. Alternativa (inv). Cério (sq.).
- 3 Prender com elos. Acarnham
- 4 Suspiros. Basta
- 5 Estragados. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
- 6 Cidade do médio Eufrates. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Acrescentando uma consoante é peixe do Rio Minho
- 7 Cidade de Espanha.
- 8 Farei doação a. Nome antigo da nota musical do
- 9 Quotidianos.
- 10 Autores. Rei dos Lombardos.
- 11 Restos mortais. Armadura para a cabeça.

VERTICAIS:

- 1 Tempo do verbo ser. Artigo indefinido. Dádiva.
- 2 Fundadora de Cartago.
- 3 Itinerário. Séries de arcos.
- 4 Difundir.
- 5 Quinto filho de Jacob. Mãe de Rômulo e Remo.
- 6 Tomaras sobre si.
- 7 Artigo indefinido. O lado do vento. Vi.
- 8 Escuridão. Rainha vendana da Friga.
- 9 Branca. Nome de astro.
- 10 Peto turco. cerca de um quiló.
- 11 Alteza Real. Prefixo de negação.

Resolvi completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9036

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade da China. Aqui.
- 2 Separarmos.
- 3 Acreditei. Senhoras
- 4 Deus japonês, personificação da Compaixão e da Caridade. Pronome demonstrativo.
- 5 Sumário (s.q.). Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Recuo.
- 6 Preposição e artigo (inv). Evitam.
- 7 Niquel (s.q.). Fileiras. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 8 Sua Majestade. Seduzira. (fig).
- 9 Vagueiam.
- 10 Espécie de lanceiros nos exércitos austriacos russo e alemão (pl). Aqui.
- 11 Unidade monetária italiana. Mamíferos ruminantes.

VERTICAIS:

- 1 Cidade dos Estados Unidos cap do Mississippi. Na Turquia cor da guarda-patruilha
- 2 Levantas. Cinquenta e um em romano
- 3 Fronteira. Que e da raça dos mus
- 4 Cromo (s.q.). Cidade do Canadá. Em a.
- 5 Derrubamos.
- 6 Sódio (s.q.). Outro nome da madre-perla.
- 7 Doutores. Cidade da China.
- 8 Que são do ar. Anoa (p. fig)
- 9 Distanciam.
- 10 Usara.
- 11 Carta de jogar. Preposição e artigo. Ilha do Arquidiocese nas Espérides.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13175

HORIZONTAIS:

- 1 TODO. O CAIS
- 2 Os. Tu. Barro.
- 3 SS. Amoura
- 4 Cair. Cri. Ut.
- 5 Adoidaram
- 6 Nada. So. Ad.
- 7 Osa. Bo. Cna.
- 8 Rue. Mat.
- 9 Ur. RR. Alado
- 10 MALANDRO É
- 11 Asilatas

VERTICAIS:

- 1 Toscano. Uma
- 2 Ossadas. Rás.
- 3 IODAR. Li.
- 4 Otaria. Ural.
- 5 UM. Berna
- 6 Ocaso. Dr.
- 7 BURRO. Mara.
- 8 Cana. Calos
- 9 Ara. Marta
- 10 Ir. Di. DE
- 11 SORTE. Ato.

PROVERBIO: Todo o malandro e um burro de sorte

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9035

HORIZONTAIS:

- 1 Finlândia
- 2 Opao. Oirais
- 3 Rosano. Ret
- 4 IV. Caso
- 5 Ofu. Sarau
- 6 Sitados. Co
- 7 Aio. Do. Taal.
- 8 Pascia.
- 9 Copas. Ogano
- 10 Ateu. Dra
- 11 Sessão. Roma

VERTICAIS:

- 1 Formosa. Cas
- 2 Ipo. Filipe
- 3 Nescato. Pes
- 4 Lca. Pais
- 5 Rosadas
- 6 Novados. Co
- 7 Dio. Ror. Co
- 8 Ir. Castgal
- 9 Aarau. AAA
- 10 los. Ca. Nom
- 11 Estoril

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30-16.30-18.30-21.30 e 23.45h.
007 - SO SE VIVE DUAS VEZES
N. acons. men. 13 anos
c/ Sean Connery
todos os domingos
manhãs infantis

SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
LENNY
c/ Dustin Hoffman
Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma
14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
A ÚLTIMA VIAGEM DA ARCA DE NOÉ
com Elliott Gould, Genevieve Bujold e Ricky Schroder
2.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h.
Um filme de David Lynch
Technicolor
O HOMEM ELEFANTE
Int. men. 13 anos
8.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
- N. acons. men. 18 anos
HELGA - E A REVOLUÇÃO SEXUAL

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
GENTE VULGAR
Com Donald Sutherland, Mary Tyler
Não acons. men. 13 anos
16.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não ac. men. 13 anos
THE JAZZ SINGER
c/ Neil Diamond, Laurence Olivier e Luci Amaz
Um filme de Richard Fleischer
12.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 21.30 h.
N. acons. men. 13 anos
Anne Bancroft e Shirley Maclaine
A GRANDE DECISÃO
Premiado com dois globos de ouro
Melhor filme e melhor realizador Herbert Ross

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 15.15, 18, 21.30
não acons. 13 anos
AVENTURA E AVENTURA
filme de Claude e Lino Ventura
Às 24 h
Int. men. 18 anos
TEMPO DE ASSASSINOS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
SEXO EM EXPLOSAO
Às 24 h
N. Acons. men. 18 anos
AQUELE MOVIMENTO DE QUE TANTO GOSTO!

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Para Todos
A obra de génio de Jacques Tati
AS FÉRIAS DO SENHOR HULOT
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
O PREÇO DUMA TRAIÇÃO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Sessões às 14.15, 16.30, 21.30 h
BRUCE LEE SUPERSTAR
Bruce Lee Lee Shiao, Lung Shan Mao

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Oscar 1975
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
não acons. men. 18 anos
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
Às 23.45 h
Int. men. 18 anos
VÍCIOS PRIVADOS, PÚBLICAS VIRTUDES

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14-16.30-19 e 21.30 h.
- Int. men. 13 a.
Acção... aventura... espectáculo!
FUGA PARA ATENAS

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
ATÉ MESMO OS ANJOS COMEM FEIJOES
3.ª Semana
Um filme de E.B. Clucher
Technicolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
Pela primeira vez a espantosa versão
integral de
BLOW-UP
HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO
A obra-prima de Antonioni

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
21.30 h
N. acons. men. 18 anos
PÂNICO EM NOVA IORQUE
com Robert Carradine - Belinda Montgomery

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. m. 13 anos
AS SANDÁLIAS DO PESCADOR
c. Anthony Quinn, Laurence Olivier, Vittorio de Sica
2.ª semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
DAS 9 ÀS 5
c/ Jane Fonda, Lily Tomlin e Dolly Parton
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O COMISSÁRIO ACUSA
Um filme de Sergiu Nicolaescu
c. Sergiu Nicolaescu, Amza Pelea

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15 e 21.00 - N. ac. men. 13 a.
BEN-YUR
c/ Charlton Heston, Stephen Boyd e Haya Hararot
70m
N. B. Não se realiza a habitual sessão das 18.15

MUNDIAL 538743

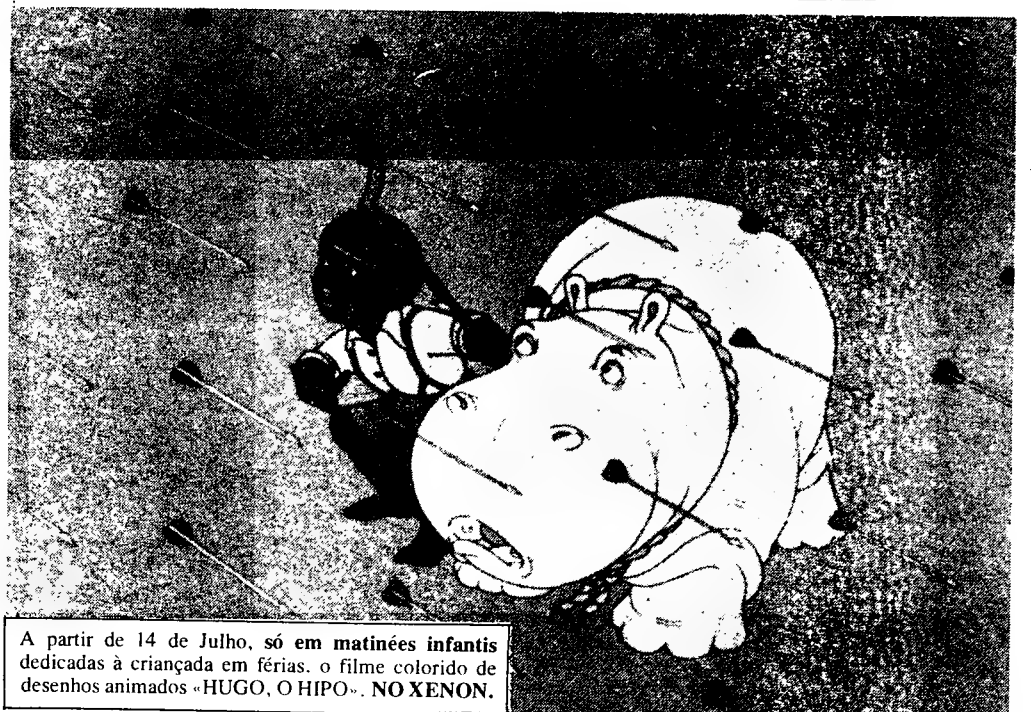
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 14-16.30-19 e 21.30 h.
- N. ac. men. 18 anos
O PASSAGEIRO DA CHUVA
c/ Charles Bronson, Marlène Jobert e Jill Ireland

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.15, 16.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CIRCUITO FECHADO
Um filme de Giuliano Montaldo
Às 24 h
SUBMARINO AMARELO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20
Estreia às 21.30 h
N. acons. men. 18 anos
A BALADA DE DJANGO
Um Western rigoroso de grande impacto e emoção
com Hunt Powers



A partir de 14 de Julho, só em matinées infantis dedicadas à infância em férias, o filme colorido de desenhos animados "HUGO, O HIPO". NO XENON.

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14-16.30-19 e 21.30 h.
- Int. men. 18 a.
FÉRIAS ESCALDANTES
c/ Sascha Hehn e Margit Man
Colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. António
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. m. 13 anos
OS BOINAS VERDES
com John Wayne, David Janssen, Jim Hutton

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
Às 15 17 19
(Não acons. men. 13 anos)
Filme de qualidade
A FEBRE SOBRE O EL PAO
Às 21.30 e 23.30 h
DOCES FANTASIAS
SALA 2
Às 15 17 19 21.30 e 23.30 h
(Cenas event. chocantes)
CARNE PARA FRANKENSTEIN
Real: Paul Morrissey

SALA 3

Às 15 17 19 21.15 e 23.30 h
Maiores de 18 anos
Filme de qualidade
PROVIDENCE
Real: Alain Resnais

SALA 4

Às 14.30 16.45 19 e 21.15 e 23.30 h
(Maiores de 18 anos)
TAXI DRIVER
Real: Martin Scorsese
Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30 h
N. acons. men. 18 anos
PIPOCAS E GELADOS
Uma comédia

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Acção, imprevisto e pancada!
Uma comédia notável de humor e amor
Com: Richard Dreyfuss e Marsha Mason
3.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14-16.30-19 e 21.30 h.
- N. ac. men. 13 a.
OS MONSTROS DO MAR
Um filme de Bruno Vailati
Colorido

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
4 sessões, 14, 16.30, 19, 21.30
não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO

11.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República - (junto ao Apeadeiro da CP de Entrecampos)
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
Festival James Bond 007
007 OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
com Sean Connery

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O ESPÍO MAIS PERIGOSO DO MUNDO
10.ª semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11 13 15 17 19 e 21.30 h
- N. ac. men. 13 anos
NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS
Uma comédia notável de humor e amor
Com: Richard Dreyfuss e Marsha Mason
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
VESTIDA PARA MATAR
c/ Michael Caine, Angie Dickinson e Nancy Allen
Um filme de Brian de Palma
Technicolor
8.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15.15-18.15 e 21.30 h.
N. ac. men. 13 anos
A GOLPADA
C. Paul Newman, Robert Redford, Robert Shaw
2.ª semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 - P. Restauradores
Às 21.30
- N. ac. men. 18 a.
Os revoltados do casamento
INCONFORMADOS
O filme de John Benny
2.ª semana

outros cinemas

Lisboa

PARIS - "O Contra-Ataque do Dragão", às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - "Excessos Pornográficos", às 23.00 (18 anos)
EUROPA - "Os 4 Malucos Mosqueteiros", às 21.30 (6 anos)
2000 - "A Pantera Ataca", às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA - Sessões permanentes - "Modelo de Luxúria" (18 anos)
PROMOTORA - "Scaramouche, Espada e Mulheres", às 21.30 (13 anos)
CINEARTE - "O Assassino no Teiêdo", às 21.30 (18 anos)
LUMIAR - "Apache", às 21.30 (18 anos)
ROYAL - "O Super-Homem Voador", às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALAMADA - "Incrível - 21.15 - "Meu nome é ninguém" - (13 anos)
ALMADA - "Academia - 21.15 - "A Colina dos sarilhos" - (13 anos)
LARANJEIRO - "Instrução e Recreio - 21.15 - "Herança de sangue" - (13 anos)
SETUBAL - "Júpiter - 21.15 - "A Pele de um malandro" - (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - "Stadium - Às 21.30 - "Uma história simples" - (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - "A Ponte do Rio Kwai", às 21.15 (13 anos)
OEIRAS - "Oeilas-Cine - "Plano Diabólico do Dr. Fumanchu", às 21.15 (13 anos)
PARADE - "Roiat-Cine - Às 21.15 - "Ao ombro saias" - (13 anos)
ESTORIL - "Casino - Às 17 e 21.15 - "Vestida para matar" - (18 anos)
CASCAIS - "Impala - Às 21.30 - "A Professora na praia" - (13 anos)
CASCAIS - "Oxford - Às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - "D. João V - 21.30 - "Os Aventureros Butch Cassidy e Kid" - (13 anos)
AMADORA - "Cine Plaza - 21.30 - "O Homem de Hollywood" - (18 anos)
AMADORA - "Lido - 21.30 - "Django" - (18 anos)
AMADORA - "Cine Estúdio - 21.30 - "Oxalá" - (13 anos)

CACÉM - Estúdio Flores - 21.30 - "O que nós queremos é dinheiro" - (13 anos)
MEM MARTINS - Cine Chaby - 21.30 - "Avanço" - (18 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - 21.30 - "Espião mais perigoso do Mundo" - (13 anos)

Porto

FOCO - "O Soldado Atrapado", às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - "Os Dragões do Kung Fu", às 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA - "Marido Ausente, Sexo Presente", às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - "A Cidade das Mulheres", às 21.30 (18 anos)
BATALHA - "O Último Herói do Apocalipse", às 21.45 (18 anos)
BEBE - "O Touro Enraivecido", às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA - "A Batalha da Manchúria", às 21.30 (13 anos)
COLISEU - "Os Olhos da Montanha", às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L - "007 Operação Relâmpago", às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE-A - "Oxalá", às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - "Música no Coração", às 21.30 (6 anos)
TERÇO - "Grande Ataque", às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS - "As Raparigas Alegres do Campo", às 21.30 (18 anos)
TRINDADE - "O Ouro de Mackena", às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - "Vera Cruz", às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA - "As Amazonas de Ouro", às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO - "Os Três Dias do Condor", às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - "Sexo Louco das Loiras", às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM - "A Louca Meia-Noite", às 21.15 (13 anos)
AVENIDA - "Violentos Profissionais", às 21.30 (13 anos)
SOUSA BASTOS - "Kung Fu à Portuguesa", às 21.30 (13 anos)

SANOCYL BLANC

Lisboa

Permanente

SANTO AMARO, Rua Filinto Elísio 29 AB (Telef. 637070); **BRISALIA**, Av. Rio de Janeiro 66-66 A (Telef. 882368); **FÁTIMA**, Av. 5 de Outubro 147 A (Telef. 763107); **SÍRIUS**, Rua Fialho de Almeida 38 A (Telef. 40000); **SILVA CARVALHO**, Rua dos Fanqueiros 126 (Telef. 873875); **BOM SUCESSO**, Rua Bartolomeu Dias 63 A (Telef. 611454); **REBOCHO**, Rua Ten. C. Ribeiro Reis 12 B (Telef. 743871); **S. NUNES SIMÕES**, Rua do Quelhas 1-3 (Telef. 661275); **ALAMEDA**, Alm. Linhas Torres 201 B (Telef. 790442); **CORVO**, Rua Ângela Pinto 32 BC; **CONCEIÇÃO**, Cç. D. Gaspar 30-32 (Telef. 381279); **CABRITA**, Prq. Res. Miraflores Lote 12 A (Telef. 2101486); **BRITO**, Rua do Colégio Lt. 32 B (Telef. 993351); **MONSERRATE**, Rua Guil. Gomes Fernandes 31 A (Telef. 911139).

teatros

TEATRO DA F.C.S.H. DA UNIVERSIDADE NOVA (ANTIGO TREM-AUTO) - "3.º Mundo", às 21.30 (13 anos)
VARIADAES - "Há Petróleo no Beato", às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO - "Sopa de Pedra", às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS - "A Tragédia da Rua das Flores", às 21.30 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE - GRUPO DE CAMPOLIDE - "Guerra? Não Obrigada", às 21.30 (13 anos)
SÃO LUÍZ - Festival de Teatro Amador "A Confissão", às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - "O Primeiro", às 21.30 (13 anos)
ADÓQUE - "Paga as Favas", às 21.30 (18 anos)
ABC - "O Escabeche", às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Reforço

BARRETO, Rua do Loreto 30 (Telef. 327284); **PINHEIRO**, Rua Campo de Ourique 135 (Telef. 686640); **NOVA**, Rua de Campolide 297 C (Telef. 687475); **AVIS**, Av. Roma 56 BC (Telef. 845370); **MORGADO LOURENÇO**, Lg. D. Estefânia 4-5 (Telef. 554808); **FERNANDES BORGES**, Rua D. Aleixo Corte Real lote 388, Cruz. c/Rua Cidade Bolama (Telef. 311091); **HIGIÊNICA**, Rua Heliodoro Salgado 20 A (Telef. 844361); **MARLUZ**, Cç. da Picheleira 140 BC, Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Telef. 880703); **VIEIRA BORGES**, Rua Alexandre Herculano 28-30 (Telef. 40536); **VAZ MARTINS**, Rua António Ferro 6 A (Telef. 970660); **NOVA**, Rua Acores 11 A (Telef. 910305); **CRUZ CORREIA**, Est. St. Elói 41 A (Telef. 992453); **MATOS**, Tv. Príoras (Viv. Morgadinho) (Telef. 2519939); **GENY**, R. Cons.ª José Silvestre.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c (Telef. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHÊ**: Carvalho, B. João P. Corr.ª, 40-B (Telef. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Reb.ª (Telef. 2421015). Até às 21 horas; **CAXIAS**: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839). Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (Telef. 2470037). Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. M.ª Conc.ª, Lote 8 (Telef. 2470777). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabeia, 29-B (Telef. 260085). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, Até às 21 horas; **OEIRAS**: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10 (Telef. 2430691). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS**: Leal, Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (Telef. 2478737). Até às 21 horas; **PARADE**: Alair, Av. Gago Coutinho-B.ª Caixas Previdência (Telef. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE**: Junqueira Mendes,

farmácias

Até às 21 horas; **AMOREIRA**: Amoreira, (Telef. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL**: Suíça-Cruzeiro, (Telef. 260087). Até às 21 horas; **CASCAIS**: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141). Até às 21 horas; **Cascais**, R. Conde Monte Real-B.ª Caixas (Telef. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira (Telef. 938424). Permanente; **Confinça**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149). Até às 22 horas; **DAMAIA**: Confinça, R. D. Maria II, Lote D (Telef. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ**: Pereira Pinto; **CAMARATE**: Nova da Charneca, R. Cid. Lisboa, 94 (Telef. 2518726); **CACÉM**: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D; **MEM MARTINS**: Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173 (Telef. 2914103). Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (Telef. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **SINTRA**: Simões, Estefânia (Telef. 2930832). Permanente; **Rio de Mouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194). Das 9 às 23 horas; **COLARES**: Abreja, (Telef. 299088).

Outra Banda

ALMADA: Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Telef. 2750504); **COVA DA PIEDADE**: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Telef. 2767356); **LARANJEIRO**: Oliveira Sérgio, Alamos, 2-A (Telef. 2296464); **COSTA DA CAPARICA**: Chal, Av. General Humberto Delgado, 7-C (Telef. 2403218); **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028); **BARREIRO**: Higien, R. D. Manuel I, 178 (Telef. 2073017); **AMORA**: Nova Amoreira, Av. Marg. Silva Gomes, 80 (Telef. 2210042); **SEIXAL**: Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560); **MONTUJO**: Higien, R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 2310370); **MOITA**:

DL

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
3.39 3.5 9.05 1.1 m
15.55 3.6 m 21.30 1.0 m
Dia 17
4.18 3.6 m 9.42 1.1 m
16.33 3.8 m 22.07 0.9 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	28°
BRAGANÇA	24°
VILA REAL	26°
PORTO	29°
P. DOURADAS	24°
COIMBRA	29°
C. CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	26°
LISBOA	24°
ÉVORA	27°
SINES	-
BEJA	28°
SAGRES	25°
FARO	28°
P. DELGADA	20°
FUNCHAL	22°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ
AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu limpo; vento geralmente
fraco

SITUAÇÃO DO TEMPO
ÀS 9 HORAS

Em Portugal continental o céu
está geralmente limpo e o
vento é fraco

● O PSD apenas autorizou 15 dos seus dirigentes - todos membros da Comissão de Relações Internacionais - a emitir opiniões em nome do partido sobre política externa, indica um comunicado hoje distribuído.

Nos termos dos estatutos do PSD, «uma vez definidas pelo Conselho Nacional as grandes linhas de actuação do partido nas suas relações internacionais, competirá ao presidente do partido conduzir essas relações com o apoio da comissão».

Entre os 15 dirigentes autorizados contam-se Luís Fontoura, presidente da comissão (Terceiro Mundo), Guilherme Jardim (América), Luís Nandin de Carvalho, secretário-geral (partidos estrangeiros), Rui Almeida Mendes (Europa), António Maria Pereira (organizações internacionais) e Suleiman Vally Mamede (árabes).

● **PROMOVIDA** pela cooperativa editora «Centelha» terá lugar esta noite no Grémio Operário de Coimbra, uma sessão sobre a luta do povo maubere em Timor Leste. Na sessão estarão presentes, além da autora do romance, Abílio Araújo da Fretilin, José Prista, da Associação de Amizade Portugal-Timor Leste e Luísa Teotónio Pereira do Cidac.

Lei dos Sectores e pacote de amanhã na "pausa café"

Eanes e Balsemão reunidos esta manhã

O Presidente da República e o Primeiro-Ministro reuniram esta manhã em Belém, admitindo-se que o tema central do encontro tenha sido, naturalmente, a polémica questão da Lei dos Sectores a votar amanhã pelo Conselho da Revolução, além da intervenção na TV e da carta de Balsemão a Eanes.

Subsiste, entretanto, o carácter contraditório das explicações oficiais sobre as razões que levaram ao adiamento, decidido ao fim da manhã de ontem, da reunião do CR.

O porta-voz da Presidência indicou que o adiamento se deveu «exclusivamente a compromissos» do Chefe de Estado enquanto que uma fonte autorizada no CR, citada pela ANOP, considerava como razões principais a intervenção televisiva e a carta do Primeiro-Ministro dirigida a Eanes que «pela gravidade de que se revestem merecem uma análise cuidada por parte do Conselho da Revolução».

Do mesmo modo, enquanto Joaquim Letria sublinhou que o PR «admite pressões em democracia, embora ainda possa estranhar o facto de elas serem criadas a partir de cartas que em princípio têm

um destinatário que não é propriamente nenhum dos órgãos de Informação a quem foi facultada», a fonte do CR considerou que o discurso na RTP e a carta de Pinto Balsemão «constituem inaceitável forma de pressão sobre órgãos de soberania em democracia».

A mesma fonte do CR acrescenta que «os acontecimentos políticos recentes, indicadores de uma acção deliberadamente planeada» levantam, por outro lado, «problemas de natureza ética que importa analisar».

«O CR - conclui a fonte - responde publicamente perante os portugueses e não

cederá a pressões de grupos sociais, económicos ou políticos».

Sobre a carta registre-se, finalmente, a afirmação de Joaquim Letria, em nome do PR: «... todos entenderão que uma carta que deliberadamente se torna aberta deixa de justificar resposta».

«Tempo» inventa reuniões

Curiosamente, o semanário «Tempo», aparentemente sintonizado com as pressões sobre o CR e o Presidente da República, especula na sua edição de hoje sobre uma alegada reunião ontem dos conselheiros, descrevendo-a em pormenor e classificando-a de «tempestuosa», além de assegurar que Eanes e outros membros do CR defendiam, agora, a passagem da lei. Contactado por nós esta manhã, o Serviço de Apoio do CR negou a existência ontem de



qualquer reunião e sublinhou que apenas depois da sessão de amanhã se poderá falar de reuniões e posições individuais deste ou daquele conselheiro.

Balsemão: «o dito por não dito»

Entretanto, alguns matutinos denunciavam esta manhã

a estranha «inversão de marcha» do Primeiro-Ministro e presidente do PSD Pinto Balsemão relativamente ao estatuto dos deputados.

Com efeito, na última cimeira da AD, realizada em 26 de Junho passado, Balsemão assinou, juntamente com Freitas do Amaral e Gonçalo Ribeiro Telles, uma acta final onde, nomeadamente, se diz: «A Cimeira da AD congratula-se também pelo pleno acordo obtido entre os grupos parlamentares da maioria em todas as matérias relativas ao Estatuto dos Deputados».

Recorde-se, aqui e agora, as palavras de anteontem, de Balsemão na TV: «O Governo não consentirá que, num momento extremamente difícil da vida económica do País, possam ser infringidas as regras de austeridade, de contenção e rigor a que todos os órgãos de soberania devem estrita obediência»...

QUADROS A ÓLEO

TEMOS EM EXPOSIÇÃO GRANDE VARIEDADE, COMO: PAISAGENS, FLORES, NATU-REZAS MORTAS, FIGURATIVOS, MARINHAS E OUTROS MOTIVOS.

GALERIA ACTUAL — DECORAÇÕES

AV. DA REPÚBLICA, 12 (PERTO DO SALDANHA)

CRUZEIRO A PALMA E PORTOS FRANCOS

De LISBOA a LISBOA

2 Partidas: 16 e 23 de Agosto 1981

A sua melhor semana de férias

A bordo do moderno paquete

FUNCHAL

Classe única • Serviço de 1.ª cl.



PALMA DE MAIORCA GIBRALTAR e CEUTA

Preços
excepcionais
desde

22.900s

Vantajosas compras em Portos Francos

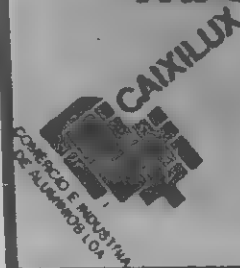
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

MARQUISES



ORÇAMENTOS GRÁTIS

Escritórios e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 776510-776359-776323
1100 LISBOA

EXTREMO ORIENTE



SONHO DO JAPÃO - 17 DIAS

"MÊNIOS DE HISTÓRIA E CIVILIZAÇÃO"
Acompanhamento

Visitando: TÓQUIO - KAMAKURA
HAKONE - OSAKA - KYOTO - NARA
HONG KONG - MACAU e BANGKOK
Partidas: 1/6; 3/8; 7/9 e 12/10

TRIÂNGULO ORIENTAL - 13 Dias

Visitando: BRUXELAS - SINGAPURA
MANILA e BANGKOK
Partidas: 22/7; 12/8; 9/9 e 14/10

TAILÂNDIA - 11 Dias

Visitando: BANGKOK - RIO KWAI
(Opcional) CHIANG MAI - DOI SUTHEP
PATTAYA e ILHA DOS CORAIS
Partidas: 4/6; 6 e 20/8; 3 e 17/9

ÍNDIA COM ODA E TAILÂNDIA - 18 Dias

Visitando: BOMBAY - GOA - JAIPUR - AGRA - VARANASI
DELHI e BANGKOK
Partidas: 1/6; 3/8; 7/9 e 5/10

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

PORTO - Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA - Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
" - Av. de Roma, 66 • Telef. 80 36 09
COIMBRA - Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO - Av. República, 124 • Telef. 25035/6
FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 • Telef. 310 77/8

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados
na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO - 2 157 - 24 000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 56 568 - 4 800 CONTOS
3.º PRÉMIO - 10 790 - 1 800 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção,
nos balcões da CASA DA SORTE
em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETÚBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

2.156 - 321.900\$00
2.158 - 321.900\$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

2.683; 2.829; 3.411; 4.883; 5.310; 5.617; 6.370; 6.602;
10.479; 11.152; 12.101; 12.231; 12.609; 13.030; 13.102; 16.174;
17.086; 22.327; 26.822; 27.344; 27.841; 31.531; 31.599; 35.507;
40.180; 40.820; 41.089; 45.823; 46.458; 47.500; 50.181; 60.280;
62.031; 62.101; 62.269; 62.458; 63.427; 68.233; 70.002; 72.001.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

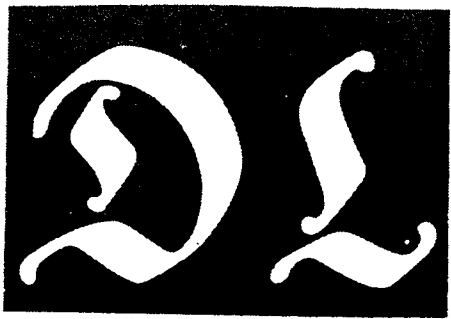
12.000\$00 - 073; 251; 593; 682; 736; 573; 921 e 971
6.000\$00 - 157; 568 e 790
3.600\$00 - 41 e 76
1.800\$00 - 7 (terminação)

PRÉMIOS DE 1.000\$00 (CENTENAS)

2.101 a 2.300; 10.701 a 10.800 e 10.901 a 10.999

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 18/07/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A AQUISIÇÃO DE PRÉMIOS,
NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL



CARSON: A ETERNA CRIANÇA

por Maria Ondina Braga

EXÓTICA, ativa, angustiada, enfermeira, Carson McCullers, desde a infância espantosamente dotada para a música, descobre de repente, à saída da adolescência, que o seu futuro será o das letras. Assim, aos vinte anos, palavras dela a uma amiga: «Hei-de ser escritora e famosa». Que para Carson não existiam meias medidas. Ao mesmo tempo tímida e audaz, arrogante e desvalida (Ed Newhouse, ao conhecê-la no Yaddo — uma casa para artistas nos arredores de Nova York —, em 1941, tinha ela vinte e quatro anos, diz: «Via-a como uma criança absolutamente dependente...» E com um ar tão infeliz ao «agarrar-se» a alguém, como quem implorasse: «Tome conta de mim. Sou uma desamparada!»), aborrecia mais do que agradava. «Vaidosa, chata, argumentativa, lamurienta» são adjectivos com que alguns dos camaradas seus contemporâneos a classificam. Gore Vidal, narcisista como ela, acrescenta a «vaidosa e melindrosa»: «e um génio». O célebre dramaturgo Tennessee Williams, um dos seus mais fiéis devotos, chama-lhe senhora da «língua dos anjos» e que, mau grado as suas enfermidades, era «um espírito de rara e luminosa vitalidade».

Por seu lado Anais Nin, de visita à mansão de 7 Middagh Street, dirigida por George Davis — um alfobre de intelectuais e excêntricos —, regista no seu *Diário*: «... Carson entrou. Vi uma rapariga tão alta e tão escazelada (tinha perto de dois metros de altura) que até julguei que fosse um rapaz. Usava o cabelo cortado muito curto, um boné de ciclista, sapatos de ténis e calças. Entrou e passou pelo meio do grupo como um touro, de cabeça baixa, sem reparar em nenhum de nós, sem uma palavra. Fiquei de tal maneira desarmada por aquele mistério e pelo facto de ela sem sequer olhar para mim, que nem tentei

aproximar-me». A encantadora, mundana Anais Nin estava habituada a ser distinguida, e por sua vez Carson devia ter sentido inveja da plêiade de admiradores que a cercavam. Aliás, ao longo de toda a sua vida, e em especial no início da carreira literária (aos vinte e três anos fica definitivamente consagrada pelo seu romance *The Heart is a Lonely Hunter*, vertido para português sob o título: *Coração Solitário Caçador*), Carson McCullers quer a todo o custo ser o centro das atenções; se a relegam para segundo plano sofre e torna-se incomunicável. Minada pela solidão, ama obsessiva, desesperadamente todos quantos encontra, e que não são escritores, gente comum, o velho professor que a traduz em francês, mulheres bonitas e inteligentes, e tipos extravagantes, grotescos, solitários como ela: «... e a todos beijava com aqueles beijos molhados que se colavam como adesivo e em que havia algo de vampiresco» — diz John Brown, professor e ensaísta.

De qualquer modo, Carson teve como mãe uma mulher que, logo que a filha veio à luz, a declarou predestinada: os oráculos haviam vaticinado o nascimento de «um ser diferente, único». Uma mãe para quem Carson era o próprio sol e ela um satélite na sua órbita — ela e o mundo inteiro! A orgulhosa confiança de Marguerite Waters Smith nos dotes da sua primogénita fizeram talvez da romancista americana uma eterna criança: obstinada, insatisfeita, insegura, sendo também, sem dúvida, a sua força, a sua salvação. Tinha de acreditar em si si mesma, Carson, para não decepcionar a mãe lá na cidadezinha do sul da Geórgia, tinha de ir até o fim: «Hei-de ser escritora e famosa». Daí, para além daquele egocentrismo (ou frustração?), da falta de saúde (aos vinte e cinco anos estava semiparálitica), de todos os demais fantasmas, a marca

impressionante da sua humanidade (quem sabe se uma espécie de retribuição ao fervor materno?): profunda consciência social, simpatia por párias e oprimidos, um declarado antirracismo, uma capacidade de integração, como outrora, nas personagens que cria: «Mergulho de tal jeito nelas

que o seu carácter se torna o meu. Quando escrevo sobre um ladrão, torno-me um ladrão; (...) quando escrevo sobre um surdo-mudo, emudeço durante a elaboração da história. Meto-me na pele das figuras que invento e bendigo o poeta latino Terêncio por ter afirmado: Nada que seja humano me é alheio».



Sonho

SEI que a mulher está sentada à mesa embora não possa vê-la, até porque a mulher sou eu e estou a sonhar. Ali é um restaurante já visto nesta vida ou noutra qualquer, ou então noutra sonhada, talvez outro sonho seja mais real. A mesa é pequena e está encostada à vidraça que dá para um grande jardim com árvores antigas, frondosas, canteiros de flores e relvados bem verdes por entre os quais serpenteiam estreitos caminhos empedrados. A mulher com devagar, conscientemente, e bebe golinhos de vinho branco, muito frio.

E, de súbito, o sonho é povoado quando a que ainda não tem nome dá entrada na sala à frente de uma grande família, marido, filhos, e também a irmã, feiazinha e apagada como sempre, condenada a ser, pelos séculos dos séculos, a irmã da outra, nunca ela própria, devo ter pensado um dia. O tempo passou, tanto tempo, mas estão exactamente como dantes, e ela, a que ainda não tem nome, até penteia como dantes aquele cabelo curto, forte e liso, tão ruivo que já enão não parecia natural, e ficava tão bem com as suas camisolas verdes, com os seus verdes olhos. Verdes olhos que varrem a sala, param por fim naquela mesa, seguram por assim dizer o olhar, como quem pensa, como quem busca, se afastam como quem não encontrou. A mulher para de comer, sorri-lhe mas não obtém resposta. O olhar da recém-chegada já se afastou à conquista de uma mesa.

Como se chamará? pensa a mulher voltando à sua ocupação de comer, de beber golinhos de vinho. Lurdes? Ana? Margarida? Eram tudo nome do liceu, mas não, nenhum está certo. Move-se a jovem — porque jovem continua —, move-se a família toda. Que é preciso esperar muito, uma maçada, diz bem alto a voz de serpentina vermelha. É melhor irem àquele «bistrot» ao pé do mar... «Vocês não calculam como foi agradável, disse ela um dia. Estivemos a almoçar num «bistrot» à beira-mar. Primeiro fomos a um restaurante no meio de um jardim, mas estava tão demorado... Havia muita gente e eu sempre detestei multidões.» Sempre como se então tivesse uma longa vida atrás de si.

O grupo atravessa a sala, desce a escada, e a mulher olha-os agora pela janela. A que ainda não tem nome vai à frente. E, de súbito, alguém diz, ou pensa alto: Lisa. Lisa, é Lisa o seu nome.

E a mulher levanta-se, entorna o copo com a pressa, abre a janela, debruça-se, parece que vai cair, grita perdidamente, Lisa, Lisa, Lisa! Grita como quem se está a afogar.

Mas ninguém a ouve, e Lisa e a irmã e toda a família, já partiram, desapareceram numa das curvas do empedrado, e o jardim está deserto, as próprias árvores, há pouco móveis, deixaram de respirar, parecem mortas. Só ela própria se ouve, ao acordar como grito que em silêncio soltou, para chamar a sua juventude.

Maria Judite de Carvalho



Romain Gary: prémio Goncourt em 1965 com «As raízes do céu» — e, através de um «duplo», o mesmo prémio (embora recusado) daí a dez anos atribuído ao romance «A vida diante de si». O suicídio em 1980. E, agora, a verdade toda...

Uma mistificação literária

A morte de Émile Ajar

ÉMILE Ajar, o autor de «A vida diante de si», prémio Goncourt (recusado em 1975), popularizado pelo filme no qual Simone Signoret teve um grande papel como Mme Rosa, morreu a 30 de Junho, não de um ataque cardíaco, nem após prolongada enfermidade, mas por falta de existência. É uma maneira de morrer como outra qualquer, mas não se pode dizer que seja muito humana nem muito frequente! Uma notícia rápida e sibilina da AFP fez-nos saber que Émile Ajar... era afinal Romain Gary.

Isto teve o efeito de uma pequena bomba. Aliás bem preparada. Há pouco tempo tinha sido

anunciado que ia sair um novo livro de Émile Ajar, livro esse que seria consagrado ao tio. Dava-se a entender que, pela primeira vez, esse escritor modesto e de trato difícil acedia a aparecer na televisão, no programa «Apostrophes».

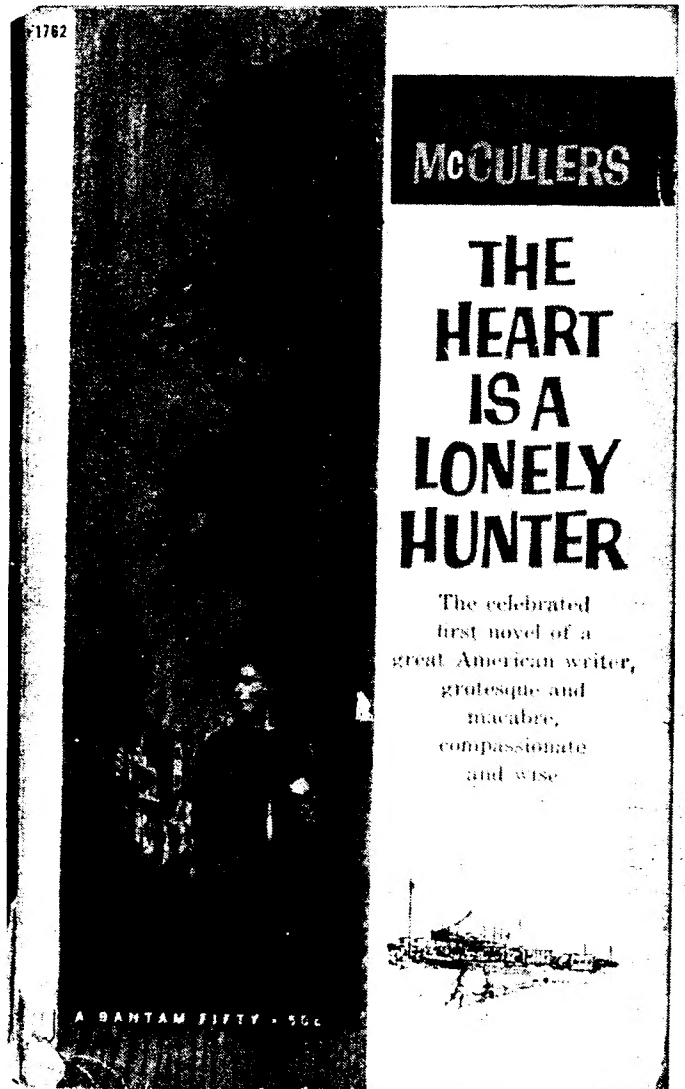
Mas afinal do que se trata? Analisemos todos os nossos elementos. No dia 2 de Dezembro de 1980, Romain Gary suicidase. É autor dos livros que assinou com o nome dele. Sete meses mais tarde, a sua obra vê-se acrescida dos livros de um outro a quem conferiu existência por uma batota.

O nosso primeiro reflexo é duvidar de tal. A existência de Ajar foi confirmada. Houve quem o encontrasse, quem o entervis-

tasse. Eu mesma o vi. Ele chegou inclusive a propor-me que fizesse um livro sobre ele, porque os livros dele me agradavam. Não o fiz, porque não tive tempo, mas uma coisa é certa: vi-o em carne e osso.

É claro que nunca me passou pela cabeça que não fosse ele a escrever os livros, que ele fosse apenas outro de cujo nome ele se servia. Facto hoje comprovado e sem margem para dúvidas.

O seu editor, Claude Durand, e o advogado Georges Kiejmann (que na qualidade de defensor dos interesses do filho de Romain Gary, Diego, se teve de envolver no caso) atestam-no for-



O romance de Carson que na edição portuguesa teve o título de «Coração Solitário Caçador».

UM DRAMATURGO CHAMADO JOSÉ MARTÍ



José Martí

José Martí: não só o revolucionário, o defensor da Pátria, o homem dividido por muitos países em luta pela sua libertação. Então — o que mais...? Também o escritor.

Também o dramaturgo. Atentemos, pois, na sua produção teatral. Que não é muita: quatro peças só. Mas que merecem referência, até porque contribuem também para o perfil com que Martí ficou na História... Uma longa estadia nos Estados Unidos, a partir de 1880, pôs José Martí em contacto com o melhor que, em teatro, se fazia

na sua época. Nova Iorque era então um importante centro teatral. Martí viu o melhor teatro pelos melhores intérpretes — e essa experiência estética contribuiu muito para o seu papel de crítico literário, «métier» que também exerceu com profundo conhecimento. Se analisarmos com um critério estreito e puramente formalista a obra dramática de José Martí poderemos chegar à conclusão de que não foi um grande dramaturgo. E, na verdade, o seu teatro, escrito entre os 16 e os 25 anos, não possui uma

grande globalidade de temas. Porém, ninguém pode negar a esse teatro um grande empenhamento pelos problemas de então e (até) uma certa projecção no futuro.

Em 23 de Janeiro de 1869, no número que foi único do jornal «La Patria Libre», editado pelo próprio Martí, viria à luz a primeira tentativa da sua dramaturgia. Tratava-se de uma peça breve, por título «Abdala». Em resumo, trata-se da história de um etíope que persegue a liberdade, mas que mais não é do que o símbolo do povo cubano em busca da sua própria liberdade. E é também o retrato do próprio autor, que se debatia entre o amor e os cuidados da mãe e a necessidade de marchar para a guerra. «Abdala» acaba por optar pela luta — e, três meses depois de escrita a peça, como se de uma profecia se tratasse, tinha lugar em Cuba a gesta libertadora do 10 de Outubro.

Foi a primeira vez que um personagem negro apareceu como herói no teatro cubano. De notável, um dramaturgo de 16 anos, para além dos versos brilhantes, a força dramática alcançada pelo conflito, e, sobretudo, a sólida estrutura da peça. Essa solidez, essa segurança, é devido ao facto de Martí se ter baseado no teatro clássico. Se bem analisada, a peça cumpre a «regra das três unidades»: a acção é unitária e referida só ao conflito de Abdala (guerreiro etíope e, por simbologia, guerreiro cubano); o lugar da acção é sempre o mesmo; e o tempo não ultrapassa as vinte e quatro horas de um dia. Abdala, o guerreiro/guerreiro, morre no fim da peça. Últimas palavras: «Não me dói a morte, pois salvei a Pátria...»

Depois de «Abdala», Martí

cumprir um tempo de desterro em Espanha. Ai, encontrara uma outra prática teatral, e também a oportunidade de se debruçar sobre uma vasta literatura dramática. Resultado: em 1874, quando andava pelos 21 anos, escreve a sua segunda peça dramática: «Adúltera». É um melodrama, de concepção esquemática, tendo como ilação um conceito moral. Atentemos no esquematismo, logo dado pelos próprios nomes (em alemão dos personagens: Grossermann (homem alto) é o marido íntegro e enganado; Gutermann (homem bom) é o seu fiel e honrado amigo; Possermann (homem vil) é o amante sem escrúpulos; e Fleisch (carne) a mulher adúltera. Não é mais do que uma peça para um determinado efeito: mostrar o bem, o mal e o arrependimento. Martí tentou várias versões, eliminando exageros, pieguices, tiradas longas em demasia... Nunca, no entanto, ascendeu a ser uma boa peça. Não passa de uma curiosidade, desligada da realidade cubana, e sendo unicamente o resultado da má assimilação de muitos melodramas espanhóis... Aos vinte e dois anos, a terceira peça: «Amor com amor se paga». Um acto só. Martí vivia então no México — e a pequena peça foi escrita a pedido de um espanhol amigo, naquele país refugiado, o actor Enrique Guasp de Paris, que deixara Cuba para não se ver envolvido na guerra que a Espanha travava então contra o povo cubano. Enrique estava na moda, e, com Concepcion Padilla, actriz também na boca do público, levou a peça à cena, com grande êxito, no Teatro Principal do México, em 19 de Dezembro de 1875.

Dois jovens enamorados são os personagens de «Amor com

amor se paga», peça que foi escrita numa manhã e numa tarde, e que, ressalvas feitas, se aproxima um tanto do teatro brechtiano: há «teatro dentro do teatro» e os actores, no final, dirigem-se ao público para ler uma carta do autor... Uma obra, pois, que exhibe a alegria de viver, o optimismo de um homem de 22 anos na plenitude das suas faculdades e num ambiente cultural propício.

Em meados de 1877, Martí chega à Guatemala. Como em todas as outras partes onde já estivera, e mercê do seu talento, sólida cultura e amplos conhecimentos, tem acesso aos centros e instituições culturais mais importantes. O Governo solicita-lhe que escreva uma peça que verse a independência do país. Martí aceita e, após cinco dias de trabalho árduo, termina o drama «Patria y Libertad». Tinha o autor nessa altura 25 anos, e não mais escreveria para a cena. Mas «Patria y Libertad», estruturada em todos os passos que levaram à independência da Guatemala, é o cume da trajectória dramática de José Martí. É um pensamento político em cena — e é também um pensamento generoso, em espiral, que ultrapassa a Guatemala e toma todos os países latino-americanos que por aquela época lutavam pela liberdade e consolidavam a sua independência. São todas as latitudes latino-americanas opondo-se a todas as formas de domínio e opressão. Cuba também respira em «Patria y Libertad» — e de tal sorte que, muitos anos volvidos, já no nosso tempo, esse grito se transformou em «Patria o Muerte»... E Cuba justificou o nascimento de um dramaturgo e de um combatente que se chamou em vida José Martí.

Freddy Atilles

UM POEMA

NOSSA

Tu és o silêncio não o sendo assim tão de branco pelas e sobes em gerúndio amando o horário caído das mãos n

Ora estás, ora não aconteces nas partes do tempo que são — a noite em dia, o dia anoitece na soma nossa das parcelas

Em duas cores em ti nos vamos altas leis ordenam pontuando mil ambíguas partes num s

E o todo surge quando sidamos menos nos subimos como e mútuos nos contamos m

Leandro

NOTÍCIAS

NOVIDADES recém-anunciadas por Edições 70 são, entre outros livros, «Os Africanos», de Basil Davidson, «Angola, Cinco Séculos de Exploração Portuguesa», de Américo Boavida (morto em 1968, na Frente Leste, era Médico, e intelectual, estava no MPLA), e «Morrer ao Sol», de Peter K. Pelangyo, escritor da Tanzânia. Há também um latino-americano, José Eustácio Rivera, com um romance de 1925, «A Voragem», a reedição de «O Mistério das Catedrais», de Fulcanelli (autor doutro livro importante, «As Mansões Filosóficas», que Edições 70 também tem no seu catálogo), um Henry Lefebvre, «Para compreender o pensamento de Karl Marx», e «China depois de Mao», de Charles Bettelheim. Uma relação completa dos lançamentos mais recentemente anunciados por Edições 70 inclui ainda «Horizontes da Antropologia», de Maurice Godelier, e «História Económica do Ocidente Medieval», de Guy Fourquin.

Soledade Martinho Costa

LITERATURA INFANTIL NA GUINÉ-BISSAU

Primeiros títulos de banda desenhada

Numa co-edição do Departamento de Edição/Difusão do Livro e do Disco da Direcção-Geral da Cultura/Bissau e do Serviço de Cooperação com os novos Estados Africanos da Fundação Calouste Gulbenkian, foram editados, recentemente, quatro títulos de banda desenhada para crianças, da autoria de artistas guineenses.

As obras, de excelente aspecto gráfico, apresen-

tam textos recolhidos da tradição oral guineense seleccionados pelo escritor Mário de Andrade.

Esta edição, cuja tiragem irá permitir a sua distribuição em Portugal e nos países africanos de expressão portuguesa, tem, como objectivo, estimular e apoiar o aparecimento de autores guineenses no campo da literatura para crianças.

De salientar que o Serviço de Cooperação da Gulbenkian tem vindo a

desenvolver na Guiné-Bissau uma relevante acção de apoio no sector da cultura, tendente não só a promover os autores de língua portuguesa mas, também, a incentivar na população o gosto pela leitura.

Quer fomentando a formação de bibliotecas, quer apoiando actividades culturais paralelas, o balanço estatístico da sua acção, referente aos dois últimos anos, aponta para um nú-

mero bastante significativo de resposta a tal objectivo.

Assim, no Centro Cultural Português, a funcionar por iniciativa daquele Serviço junto da Embaixada de Portugal em Bissau, realizam-se, periodicamente, exposições, conferências, colóquios, cursos e cursos de formação.

No âmbito da animação cultural infantil o Centro tem desenvolvido, também, actividades idênticas

proporcionando às crianças sessões de cinema, de teatro, projecção de slides, etc..

No que respeita ao funcionamento da biblioteca existente, no final de 1980 a frequência anual apontava para 44 182 leitores repartidos, respectivamente, por: literatura, infantil, romance, poesia, ensaio, livros didácticos, jornais e revistas.

Uma certa fracção da noite

Blaise Cendrars



Blaise Cendrars

(...) «Nestas latitudes, o Cruzeiro do Sul é senhor do hemisfério. O saco de carvão situa-se exactamente por cima e ligeiramente à esquerda do ponto de encontro teórico dos dois ramos em cruz da simbólica constelação. Com efeito, existe aí um bolso negro. E quanto mais o contemplamos mais nos parece profundo. É um tal abismo hipnótico e de um negreito tão intenso que em si mesmo se embrenha, ao mesmo tempo que destaca e põe em relevo todas as estrelas que flamejam momentaneamente em primeiro plano, e quanto mais se contempla este buraco mais ele se abre em profundidade e mais nos arrasta para o seu fundo, o seu âmago insondável. Dir-se-ia um lustroso veludo, e desliza e avança e encolhe-se e estende-se cada vez mais, espalhando-se como uma mancha de óleo, ou, antes, de alcatrão, no fundo do céu, e de tal modo se dilata que, por fim, todas as estrelas não são mais do que fumosos pavios que se

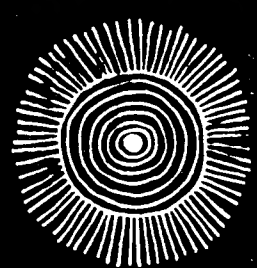
confundem neste negro intenso que os absorve como um papel de filtro, um feltro, a parede porosa de uma bilha ou de uma jarra, de uma gagueira em forma de animal fantástico ou de uma cabaça pirogravada em negro, e acabam por desaparecer uma a uma aos olhos do espírito, como por uma lenta osmose.

«É a caverna do céu, este negro, este negro vertiginoso, este negro absoluto, este negro deglutição, esta mancha, este bolor húmido, este negro animal, sangue, garganta, pulmão, glândula, matriz viscosa, cérebro gomoso, tumor mole, pólipos. Imbibição. Uma esponja viva. O céu, um quadrado negro. Não fica uma única fórmula de álgebra e giz lapidado, nem traços em suspensão, nem uma só cintilação. Tudo se apagou! ...

«Eu vi esta esponja, vi-a vi-a com os meus próprios olhos. É um enigma.»

(Tradução de António Ramos Rosa)

ALEXANDRE VARGAS



VENTO DE PEDRA

MA INÉDITO

de Pedro Alvim

A SENHORA DA UNIDADE

sendo
pelas ruas
amanhecendo
as ruas.

ontecendo
que são duas
anoitecendo
nas ruas.

os vamos como
ontuais
num só rumo.

do siderais
como fumo
nos mais e mais...

alvim



S • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NO

«VENTO DE PEDRA», de Alexandre Vargas, é o n.º 106 do Círculo de Poesia da «Moraes».

O autor, filho de José Gomes Ferreira, acrescenta este volume de poesia em prosa à sua ainda curta obra. Aqui, José Gomes Ferreira assina um poema-prefácio que é também um estímulo: «Agora é a tua vez».

Depois de «Morta a sua fala» (1977) e «Cyborg» (1979), o jovem poeta inicia este «Vento de pedra» com palavras de estranho significado: Morri e agora, aos vinte e cinco anos de idade, descobri todo o meu passado e todo o meu futuro que cantam sobre o meu afastamento eterno».

OS MAIS LIDOS DO MUNDO — O número de traduções continua a aumentar no mundo, indica o «Index Translationum», obra de referência publicada pela UNESCO sobre o que as pessoas lêem e porquê.

Dos 50.428 títulos repertoriados, o mais elevado é de longe o da rubrica «Literatura» que engloba a poesia e a banda desenhada. Os temas relacionados com a condição humana, nomeadamente a filosofia, a religião, o direito e as ciências sociais e da educação têm 12.226 traduções.

Sobre os 70 países que contribuíram para o catálogo da UNESCO raros são aqueles que não testemunham qualquer tradução de obras religiosas, e o número das 2160 traduções mencionadas a esse respeito é superior ao das traduções de obras filosóficas, isto é, 2454.

No âmbito das obras sobre o direito, as ciências sociais e a educação, cuja classificação é comum, 7162 títulos estão relacionados com obras de teóricos da política, economistas e ensaístas que analisam fenómenos da vida moderna.

Freud obteve 40 traduções, Jung 22, Alder 5 e Marshall McLuhan, duas.

O psicólogo e educador suíço Jean Piaget assinala-se com 33 traduções, e constata-se um número relativamente elevado de traduções de economistas e outros especialistas das ciências sociais, como Claude Lévi-Strauss com 10 obras traduzidas, Samir David 7, Theodor Adorno 6 e Paulo Freire 5.

O autor mais traduzido do mundo é Lenine, com 498 obras, enquanto no plano da obra única, o mais traduzido continua a ser a Bíblia, com 240 traduções.

Karl Marx atinge 182 traduções em 1977, enquanto o seu contemporâneo e amigo Frederic Engels só é traduzido 49 vezes. É de notar que Jean-Paul Sartre tem 37 traduções, Simone de Beauvoir 34, Nietzsche 19, Hegel 11, Kant 10. Por outro lado, Aristóteles, que faleceu aproximadamente em 322 antes da era cristã, é traduzido 16 vezes.

Em relação aos homens de estado modernos, Mao Tse Tung totaliza 33 traduções, Churchill 3, Senghor 2 e Nehru uma. O presidente Brejnev é traduzido 233 vezes e o presidente Mitterrand uma vez.

Um grande número de traduções são consagradas à ficção, tanto romances policiais como romances de aventuras. Georges Simenon, o «pai» do inspector Maigret, com 117 títulos segue Agatha Christie, que pulveriza o recorde com 165 títulos, Alistair Maclean 104 e Shakespeare 103.

Outros escritores populares como Barbara Cartland com 105 traduções, Jack London com 132 e Pearl Buck com 73 também têm imenso sucesso.

As histórias para crianças continuam a percorrer o mundo. Hans Andersen é tra-

duzido 110 vezes, Jacob Grimm 140, Enid Blyton 106, Lewis Carroll 34, Luisa M. Alcott 31. «As Mil e Uma Noites» tem 43 traduções. Quanto a Wilhelm Bush, o autor de «Max e Maurice», é traduzido 10 vezes.

Em relação à grande literatura clássica, revela a proeminência dos escritores russos e franceses na tradução, com Tolstoi (85) e Dostoiévski (90). Dumas pai é traduzido 71 vezes, Balzac 61, Zola 43 e Maupassant 34.

R. L. Stevenson, o escritor inglês, é traduzido 60 vezes e Dickens 63. O poeta moderno mais traduzido é Pablo Neruda.

JOSÉ RODRIGUES E AS ARMADILHAS MIMÉTICAS, de Vasco Graça Moura, é o terceiro título da colecção «Ocupação do Espaço», da editorial «O Oiro do Dia». Tiragem de apenas 250 exemplares (como é habitual nesta e noutras colecções de plaquetes da mesma casa editora), está aqui um texto introdutório, um longo poema em dez fragmentos e uma nota explicativa sobre a génese, a elaboração e as perspectivas daqueles textos, e, principalmente, do convívio com a obra de José Rodrigues que os motivou. A plaquete traz um desenho do próprio José Rodrigues. Na colecção já tinham saído, anteriormente, textos de António Ramos Rosa sobre Magritte, e de Eugénio de Andrade sobre Júlio Resende. Em tempo: esta colecção não é facilmente encontrável nas livrarias, e os coleccionadores eventualmente interessados deverão tratar com o livreiro ou directamente para «O Oiro do Dia», Praça de Guilherme Gomes Fernandes, 38, 2.º-4000 Porto.

REVISTA «VÉRTICE»

Regresso aos bons tempos?

A revista Vértice, que nasceu em Coimbra na década de quarenta e representou durante o fascismo uma tribuna de resistência e formação pela cultura e pela crítica, vai reaparecer dentro de dias depois de uma grande remodelação nos seus quadros de direcção e redacção e alterações no aspecto gráfico e na temática. Ivo Cortesão será o novo director, substituindo Joaquim Namorado que se demitiu e ocupava essas funções há largos anos.

A remodelação traz consigo o «regresso» em força do chamado «Grupo de Coimbra» ao quadro redactorial, grupo que alguns anos antes do 25 de Abril marcou decisivamente a linha de orientação e a temática da revista. Quase todos os jovens assistentes da Faculdade de Direito de Coimbra, hoje mais decisivamente trinitos — Jorge Leite, Vital Moreira, Joaquim Gomes Canotilho, Anibal de Almeida, Avelãs Nunes. Uma crítica marxista profunda às estruturas jurídico-económicas do sistema capitalista e do modelo português marcou a orientação fundamental da revista na altura, exprimindo as preocupações do grupo, embora esta sempre tivesse continuado a abranger diversificadas zonas do cultural e da actualidade.

Que remodelação?

Hoje pretende-se da revista, sem quebra dos princípios e das posições ideológicas que sempre teve, uma remodelação no sentido de reencontrar uma revista de cultura viva. A nossa primeira preocupação foi salvá-la (desde logo saldando as dívidas mais urgentes, mudando de tipografia, etc.). Trata-se da última das revistas de esquerda, de cultura, com carácter não monográfico que ultimamente agonizava, sem perspectivas. Estas primeiras palavras de um dos redactores exprimem muito genericamente um sentido para a renovação.

Para além dos nomes anteriormente referidos farão ainda parte da equipa de redactores Mário Vilaça, Rui Climaco, Rui Namorado, José de Oliveira Barata, Severo de Melo, Abílio Hernandez, entre os regressados, e Carlos Santarém, Guilherme Figueiredo, Maria Manuela Marques e António Pedro Pita, entre os novos, se bem que o último dos mencionados vinha já colaborando nos últimos números.

A revista passará agora a ser bimestral consumando apenas um dado de facto (os fascículos dos últimos tempos abrangiam sistemática-

mente dois meses e o último era mesmo quádruplo, referente ao período Setembro/Dezembro de 1980)

Procurar-se-á, continua o nosso interlocutor, uma maior pressa e atenção ao quotidiano, que sobretudo os novos colaboradores garantem, e à realidade da cidade sem descurar a realidade nacional e a abordagem dos grandes problemas mundiais. A ficção literária vai ter mais espaço, bem como artes plásticas e as questões do ambiente.

A revista não se irá converter, segundo nos foi garantido, numa revista de carácter jurídico-económico apesar de serem juristas grande parte dos membros da Redacção. Pelo contrário, a temática tenderá a diversificar-se.

O primeiro número da renovação

Este número de Julho in-

clui inéditos de José Gomes Ferreira e Bernardo Santareno; a versão portuguesa de Paulo Quintela de alguns poemas de Brecht; artigos de Alexandre Cabral (sobre Camilo); José Barata (teatro); Jorge Alarcão (património cultural); Vítor de Sá (sobre Mouzinho da Silveira); António Pedro Pita (continuação do levantamento do neo-realismo português); Guilherme Figueiredo (cinema) e Anibal de Almeida.

As grandes novidades, em termos de colaboração literária só aparecerão contudo no próximo número (Setembro), que será dedicado sobretudo a jovens escritores. Entre outros está já assegurada a colaboração de Pena dos Reis e alguns dos «Poetas do Café», do Porto. Esse número incluirá também uma homenagem especial a Fernando Lopes Graça.

ARMANDO SILVA CARVALHO

portuguex 2ª edição

prefácio de maria estela guedes



círculo
de
prosa

A 2.ª edição de «Portuguex»

Na «Moraes» acaba de aparecer a 2.ª edição de «Portuguex», da autoria de Armando Silva Carvalho, com capa de Vitorino Martins. Do prefácio de Maria Estela Guedes reproduzimos os seguintes períodos: «A trave mestra mais importante da obra de Armando Silva Carvalho, mais visível entretanto em Português, decorrente de o doador de narração ou poesia se apresentar sempre como poeta, vem a ser por conseguinte toda a problemática de uma comunicação cada vez mais complexa e tecnicamente perfeita do ponto de vista pragmático. A utopia consistiria então no acesso a uma linguagem de troca de prazer que abolisse a usura. Neste sentido se enquadra a frequente sátira de Armando Silva Carvalho aos discursos estereotipados, semelhantes ao slogan publicitário, patentes em vários níveis de cultura: política, crítica literária, ensaio, fórmulas de uso corrente esvaziadas de conteúdo, etc.».

VII CONGRESSO DOS ESCRITORES SOVIÉTICOS

«Sobre a difusão da Literatura e a importância do leitor»
— comunicação de Urbano Tavares Rodrigues



Evgueni Evtuchenko (à esquerda) e Urbano Tavares Rodrigues no intervalo de uma das sessões do Congresso. Evtuchenko colocou, com a sua costumada frontalidade, problemas de natureza especificamente cultural

NO 7.º Congresso dos Escritores Soviéticos, recentemente efectuado, fez-se o balanço ideológico e estético das literaturas da URSS. Uma das mais interessantes conclusões foi a do nível atingido na década de 70 pelos romances sobre o mundo provincial, os chamados «romances da aldeia», que não estão forçosamente condicionados pela análise da sociedade rural, como desta catalogação sumária poderia depreender-se, senão que por vezes incorporam na sua construção linhas fantásticas e míticas, à semelhança do que fez Chinguiz Aitmatov em «O Cerco».

Discutiu-se amplamente a importância do realismo socialista, mas sem carácter coercivo, admitindo-se a validade de formas várias de procura e criação artística.

Gueórgui Markov, primeiro secretário da direcção da União dos Escritores Soviéticos, ocupou-se, no seu extenso relatório, do desenvolvimento dos vários géneros literários na URSS (ficção, poesia, texto dramático, crítica e ensaio, crónica), acentuando a riqueza desse fluxo e considerando o povo como o «juiz supremo» da literatura soviética multinacional.

Entre as mais ricas e brilhantes comunicações destacaram-se a de Chinguiz Aitmatov, romancista oriundo da Kirguísia, e a de Fiódor Abramov, de Leninegrado. Os específicos problemas sócio-económicos dos escritores foram objecto de pormenorizadas exposições. Encontravam-se presentes delegações de operários e de outros grupos culturais e profissionais.

Assistiram (e participaram nalgumas sessões) delegações dos países socialistas e escritores dos países da Europa Ocidental, Ásia, África e América Latina, entre muitos outros Antonio Buero Vallejo (Espanha), Armand Lanoux (França), Alex La Guma (África do Sul), Volodia Teitelboim (Chile), Lubomir Levchev (Bulgária), Umashankar Joshi (Índia), Onelio Jorge Cardoso (Cuba), Rui Nogar (Mocambique), António Cardoso (Angola), Alfredo Varela (Argentina), Zisis Skaros (Grécia).

Houve uma sessão dedicada especialmente à defesa da paz

mundial, que foi, aliás, um dos grandes temas do Congresso, dando o risco de guerra que tem vindo a tornar-se evidente nas relações internacionais, justificando o carácter de premência que lhe atribuíram inúmeros escritores soviéticos, entre eles Evtuchenko, que colocou também, com a sua costumada frontalidade, problemas de natureza especificamente cultural.

A ameaça de uma terceira guerra mundial fez que muitos congressistas se lembrassem do primeiro congresso dos escritores soviéticos, presidido por Máximo Gorki, em 1934, num momento de dramático ascenso do fascismo e das suas tendências belicistas. Nesse congresso estiveram presentes grandes figuras da literatura mundial, como Malraux, Aragon, André Gide, e o pintor Pablo Picasso.

Palavras de Urbano Tavares Rodrigues

Urbano Tavares Rodrigues, convidado a participar no Congresso, apresentou ali uma comunicação intitulada «Sobre a difusão da Literatura e a importância do leitor». Dessa comunicação, salientam-se, entre outros, os seguintes passos:

«(...) Um Congresso de Escritores é por excelência um lugar de pesquisa, de intercâmbio, de comunicação. A palavra é o nosso instrumento comum e é também, de certo modo, o nosso destino, a nossa paixão profunda, a torrente de inconsciente, onde vêm depositar-se e navegar obscuramente os mais ricos estratos do ser humano. É pela palavra literária que nos descobrimos a nós mesmos. E, contudo, a voz das profundezas que se inscreve no texto e que nos permite dividir o trémulo retrato de um eu desconhecido (que ultrapassa a imagem social que nos atribuem e a própria imagem que de nós temos) é também o instrumento que nos permite organizar as imagens do mundo que desejamos reproduzir, na medida em que a palavra o permite.

«A escrita é, evidentemente, acto voluntário e, se é certo que vozes infinitamente ricas sobem do eu profundo e acabam por se impor a todas as outras instâncias, não esqueçamos o trabalho racional de criação, de selecção

ideológica e política dos elementos do real nos quais opera a consciência estética que estrutura a narrativa, dirige o estilo, ordena a rede das analogias, das metáforas.

«Essa consciência, necessariamente e sempre política, que procede à montagem do discurso literário, abre portões de luz para que a palavra nova possa invadir o romance.

«(...) Ficção alguma pertence totalmente ao seu criador. O sujeito transindividual (família, mental, grupo, classe social, povo) escreve também com a sua

pena, com a sua mão. O que de mais seu pertence ao autor, para lá da legítima vontade de significar, de emitir a sua mensagem, é precisamente aquela voz profunda, aquele eco do abismo que chega à flor do discurso.

«Na época em que o cinema e até a televisão se apoderaram dos assuntos romanesques e conseguem provocar a ilusão da vida que só o romance podia oferecer no tempo de Balzac ou de Zola, de Tolstoi, de Dostoiévski ou mesmo de Proust, a língua literária, essa massa verbal feita de palavras, de imagens, de efeitos acústicos, de ondulações, de ritmos, de sentido oculto, torna-se mais de que nunca o instrumento e a esperança desse exercício contra o tempo e contra a morte a que chamamos literatura.

«Posto isto, não resta dúvida de que a tentação de narrar continua a ser o grande impulso, a força motriz do escritor.

«E é verdade que podemos ainda permitir-nos contar histórias, até a história, a que assistimos, em que participamos, isto é, a luta de classes, sem esquecer no entanto que o leitor despedido de hoje exige a sua participação em jogo, a sua parte de criação. Quanto mais uma narrativa se abre a diferentes leituras, permitindo a receptores muito diversos nela aperceberem vários percursos de sentido, tanto mais probabilidades terá esse texto de interessar, de sobreviver e até de conquistar a

sua parcela de eficácia social e política.

«(...) O grande êxito dos escritores latino-americanos provém não só de nos comunicarem uma realidade mal conhecida, dramática e apaixonante mas essencialmente do facto de terem encontrado, para exprimir a sua relação com o mundo, processos novos de dizer e de calar, de mostrar e de esconder. Penso nomeadamente em Julio Cortázar e em Alejo Carpentier, em Juan Rulfo e em García Márquez, em José María Arguedos e em Carlos Fuentes, em Manuel Scorza, em Sérgio Santana, em Vargas Llosa, em Inácio de Loyola Brandão.

«Uma reflexão sobre a natureza e a importância da literatura não pode ignorar, em caso algum, as condições actuais da União Soviética, dado que é o país onde a difusão da obra literária é mais ampla, tanto pelo número de livros vendidos como pela implantação do hábito de ler. Tal não significa forçosamente que a produção soviética seja já neste momento, no domínio da poesia ou no da narrativa, a mais brilhante do mundo, apesar do talento de tantos dos seus escritores de diferentes línguas, mas é-nos lícito prever que, num futuro bem próximo, e pela força destas mesmas condições, ela poderá deslumbrar os leitores mais qualificados de todo o globo. Porque esta relação íntima e constante entre a obra literária e o leitor, desenvol-

vendo o gosto e a exigência deste último, gera uma estética de recepção que, por seu turno, leva o escritor a ultrapassar-se, a descobrir novos aspectos nas relações humanas, na organização dos eventos fictivos, das sensações, das ideias, na beleza do discurso.

«(...) A União Soviética, mãe de Puchkine, de Gogol, de Ereburgo, de Cholocov, de Fadeiev, de Tvardovski, de Simenov, de Aitmatov, de Abramov, de Rasputine, tem a obrigação de se tornar um exemplo para o mundo, na linha das suas grandes tradições e na complexidade das suas diversas línguas e culturas, reduzindo cada vez mais a distância entre o escritor criador e o leitor criador. É normal que isso possa acontecer num país que defende a causa da paz mundial, onde os seres humanos estão a tornar-se mais humanos, voltados como se acham para a paz e a cultura, para a ciência e a vida. Com efeito, desde sempre a paz, a vontade de paz, foi o terreno ideal onde germinam as melhores criações da Humanidade. A paz pela qual todos nós, escritores, temos o dever de lutar, contra as ameaças do imperialismo, contra o horror e a loucura de uma guerra nuclear.

«Trazendo aqui a minha homenagem e a minha solidariedade aos escritores e ao povo soviéticos, estou certo de que eles entrevêm a extensão da grande e nobre responsabilidade que detêm.»

A morte de Émile Ajar

Continuação da pág. 1

malmente. Basta aliás ler o livro agora publicado «L'homme que l'on croyait» para nos convencermos disso. Pela primeira vez aparece assinado por Paul Pavlovitch e não por Émile Ajar. Mas desde 1975 que nos queriam fazer convencer que esse Paul era Émile Ajar.

Façamos um breve resenha dos factos surgidos à luz da ribalta. No Outono de 1974 o «Mercure de France» publica uma obra excepcional pela sua trama e pelo seu estilo. Trata-se de «Gros calin», a história de um homem que optou por viver com uma serpente para fugir à solidão. O herói é um detrito, a serpente, um duplo. Num estilo muito moderno, onde abundam os jogos de palavras, são colocados os grandes problemas da condição humana.

Dizem que o autor é um desconhecido, que se esconde atrás de um pseudónimo. O manuscrito chegou do Brasil, enviado pelo correio. Tudo isso é muito misterioso e cheira a mistificação. Logo começam a circular boatos atribuindo o livro a Romain Gary, coisa que o Mercure de France, com toda a boa fé, se apressa a desmentir. Seja como for, o texto aí estava e impôs-se como uma «esplêndida descoberta».

Em 1975, novo aparecimento de Émile Ajar, com «A vida de diante de Si». A história de Momo, um pequeno árabe, criado por uma antiga prostituta judia, Mme Rosa. Muito menos intelectual e sofisticado que o primeiro.

O livro impõe-se imediatamente. E dá-se o caso do Goncourt atribuído, aceite primeiro e depois recusado. Mas dessa vez surge uma personagem de carne e osso atrás do autor quase anónimo de «Gros calin». Os editores conseguiram encontrá-lo. Chama-se Paul Pavlovitch, é filho de uma prima de Romain Gary. Dizem que tem mau feitio, que é um tanto excêntrico, que a publicidade o angustia.

No entanto, consente em receber Yvonne Baby, que se deslocará a Dinamarca só para se avistar com ele. Conta-lhe uma biografia quase igual à de Romain Gary: é um judeu da Lituânia, que emigrou muito jovem para França, cujo pai morreu e que nunca teve grande importância na sua vida, e cuja mãe, joalheira em Nice, teve azar no negócio e acabou por sucumbir à demência... Mais ou menos por essa altura, um jornalista de Point descobriu-o, escondido numa casa do Lot, e confirma a sua existência.

Mas os rumores persistem, dando cada vez mais força à ideia de que o verdadeiro autor era Romain Gary. Lembremo-nos daquela noite de 26 de Novembro em que fui a casa desse escritor na rua do Bac para me libertar de todas as dúvidas. Romain Gary deu-me um papel assinado, no qual dizia: Afirmando que não sou Émile Ajar e que não colaborei, de modo nenhum, nas obras desse autor. É certo que ao entregar-me o papel acrescentou: «Se isto fosse mentira, eu agiria do mesmo modo», coisa que eu tomei por brincadeira, pois tinha comigo um papel assinado por ele.

Os dois livros publicados a seguir não originam nada de especial. Trata-se de «Pseudo», uma autobiografia pretensamente escrita num asilo psiquiátrico para o qual o autor teria sido arrastado devido ao caso do Goncourt. No livro, Ajar procede a um ajuste de contas com um certo «tonton macoute», no qual toda a gente reconhece Romain Gary. A verdade é que esta obra, apresentada como uma tentativa de esclarecimento do mistério, só faz com que as pistas se confundam um pouco mais. Mas toda a gente se convence da existência de Ajar, a não ser alguns jornalistas um pouco mais desconfiados. A existência de Ajar também não será posta em dúvida em 1979, quando é publicado «A Angústia do Rei Salomão», uma farsa metafísica de grande estilo. Agora o que se discute são os méritos de um escritor cada vez mais afastado da grande sombra que sobre ele pesa.

Por seu lado, Romain Gary prossegue a sua obra. A partir de 1975, publicou cinco livros de concepção predominantemente clássica: «Audelá de cette limite, votre ticket n'est plus valable», «Clair de femme», «Charge d'âmes», «Les Clowns Lyriques», «Les Cerfs Volants». Ninguém evocou o nome de Ajar a propósito destes livros. Dá-se depois o suicídio em Dezembro de 1980 e agora a publicação de um segredo tão espantosamente mantido. Abandona-se a ribalta, passa-se para os bastidores, onde todos os mecanismos da

comédia que foi desempenhada com um talento inigualável, nos são desvendados.

Gary morreu. Ajar morreu. Resta Paul Pavlovitch, que nos dá, sem o punho de Ajar, mas com o mesmo espírito subversivo, aquilo que, apesar de tudo, temos de considerar um belo livro, porque a história que nos conta não tem igual. É uma farsa de trágicas ressonâncias, na qual Romain Gary, monstruoso nas relações humanas, na maneira como sacrifica à sua loucura o rapaz que tem debaixo da pata, nos surge em toda a sua estatura de escritor, mas pondo em causa a arte e a literatura.

E, no entanto, esta história choca-nos, porque é a revelação de uma impostura magistral, e porque está associada à publicação de um livro, que, por essa mesma razão, necessariamente vai ter o decuplo da audiência. Segundo o próprio Paul Pavlovitch confessa, Romain Gary não tencionava renunciar à segunda vida literária que a criação de Émile Ajar lhe proporcionou. No começo do livro, evoca o problema da divulgação desta mistificação. Era necessária. Mas podia ter sido mais digna. O livro de Paul Pavlovitch pouco se teria ressentido dessa dignidade, pois aquilo que nos oferece, um testemunho em primeira mão sobre um escritor e a loucura que preside à criação — pois é exactamente disso que se trata nesta inverosímil mistificação — tão sabiamente concebida — bastaria para o impor.

Jacqueline Platier